

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

JULIA ARAUJO DE LIMA

**RELAÇÕES SÁFICAS NA FICÇÃO SERIADA CONTEMPORÂNEA:
ANÁLISE NARRATIVA E ESTILÍSTICA DE *EUPHORIA***

CAMPINAS

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* INTERDISCIPLINAR EM
LINGUAGENS, MÍDIA E ARTE
JULIA ARAUJO DE LIMA

RELAÇÕES SÁFICAS NA FICÇÃO SERIADA CONTEMPORÂNEA:
ANÁLISE NARRATIVA E ESTILÍSTICA DE *EUPHORIA*

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Linguagens, Mídia e Arte do Centro de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestra em Linguagens, Mídia e Arte.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Lopes de Meira Hergesel

CAMPINAS
2022

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

791.45
L732r

Lima , Julia Araujo de

Relações sáficas na ficção seriada contemporânea : análise narrativa e estilística de Euphoria / Julia Araujo de Lima . - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

196 f.: il.

Orientador: João Paulo Lopes de Meira Hergesel.

Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Televisão. 2. Televisão - Seriado. 3. Gênero - Sexualidade . I. Hergesel, João Paulo Lopes de Meira . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Linguagem e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte. III. Título.

CDD - 22. ed. 791.45

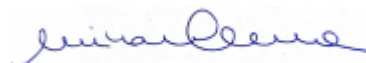
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* INTERDISCIPLINAR EM
LINGUAGENS, MÍDIA E ARTE
JULIA ARAUJO DE LIMA

RELAÇÕES SÁFICAS NA FICÇÃO SERIADA CONTEMPORÂNEA:
ANÁLISE NARRATIVA E ESTILÍSTICA DE *EUPHORIA*

Dissertação de mestrado apresentada e
APROVADA em 25 de fevereiro de 2022 pela
comissão examinadora:



Prof. Dr. João Paulo Lopes de Meira Hergesel
Orientador e presidente da comissão
examinadora.
Pontifícia Universidade Católica de Campinas



Prof.ª Dr.ª Míriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba



Prof.ª Dr.ª Paula Cristina Somenzari Almorara
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Entre março de 2020 e maio de 2021, esta pesquisa foi realizada com Bolsa Institucional de Mérito Acadêmico – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PROPESQ/PUC-Campinas).

De junho de 2021 a fevereiro de 2022, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento 001

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a representação das relações sáficas na ficção seriada contemporânea, a partir da série *Euphoria*, produzida e veiculada pela plataforma de *streaming* HBO Max. Os objetivos específicos foram: revisar os conceitos de identidade, heteronormatividade e performatividade, no âmbito da teoria *queer*; estudar a construção narrativa e estilística de cenas que evidenciam o relacionamento afetivo entre as personagens Rue e Jules; e discutir, em complementação à telepoética, as relações socioculturais presentes nos recortes realizados. De caráter qualitativo e de abordagem interpretativa, esta pesquisa adotou como metodologia: um levantamento bibliográfico de publicações científicas que abordem as questões da não heteronormatividade em séries produzidas por e/ou exibidas em plataformas de *streaming*; uma revisão teórica de estudos de gênero e sexualidade, a partir de Judith Butler (1999), Eve K. Sedgwick (1985), Berenice Bento (2008) e Adriana Agostini (2020); e uma análise narrativa e estilística de cenas recortadas da série, com base em Jeremy G. Butler (2010) e David Bordwell (2005; 2008; 2013). Os resultados permitiram visualizar possíveis aproximações entre os estudos de gênero e sexualidade em diálogo com o campo teórico dos estudos de televisão e televisualidades. A partir disso, concluiu-se que a representação do casal lésbico, contando com a observação e pesquisa de outros casais representados em outras séries e filmes, foi construída de maneira progressiva, auxiliada pela movimentação das câmeras, pelas cores utilizadas, pelos diálogos e por outras escolhas técnicas do audiovisual.

Palavras-chave: Estudos de televisão e televisualidades. Ficção seriada. Séries de *streaming*. Relações sáficas. *Euphoria*.

ABSTRACT

This research aimed to understand the representation of sapphic relationships in contemporary serial fiction, based on the series *Euphoria*, produced and broadcast by the streaming platform HBO Max. The specific objectives were to revisit the concepts of identity, heteronormativity and performativity, within the scope of queer theory; to study the narrative and stylistic construction of scenes that show the affective relationship between the characters Rue and Jules; and to discuss, in addition to telepoetics, the sociocultural relations present in the cuts made. Qualitative and with an interpretative approach, this research adopted the following methodology: a bibliographic survey of scientific publications that address the issues of non-heteronormativity in series produced by and/or shown on streaming platforms; a theoretical review of gender and sexuality studies, based on Judith Butler (1999), Eve K. Sedgwick (1985), Berenice Bento (2008), and Adriana Agostini (2020); and a narrative and stylistic analysis of cut scenes from the series, based on Jeremy G. Butler (2010) and David Bordwell (2005; 2008; 2013). The results allowed us to visualize possible approximations between gender and sexuality studies in dialogue with the theoretical field of television and televisuality studies. From this, it was concluded that the representation of the lesbian couple, counting on the observation and research of other couples represented in other series and films, was built in a progressive way, aided by the movement of the cameras, by the colors used, by the dialogues and by other audiovisual technical choices.

Keywords: Television and televisuality studies. Serial fiction. *Streaming* series. Sapphic relationships. *Euphoria*.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender la representación de las relaciones sáficas en la ficción seriada contemporánea, a partir de la serie *Euphoria*, producida y transmitida por la plataforma de *streaming* HBO Max. Los objetivos específicos fueron: revisar los conceptos de identidad, heteronormatividad y performatividad, en el ámbito de la teoría queer; estudiar la construcción narrativa y estilística de escenas que muestran la relación afectiva entre los personajes Rue y Jules; y discutir, además de la telepoética, las relaciones socioculturales presentes en los cortes realizados. De carácter cualitativo y con un enfoque interpretativo, esta investigación adoptó la siguiente metodología: levantamiento bibliográfico de publicaciones científicas que abordan las cuestiones de la no heteronormatividad en series producidas y/o exhibidas en plataformas de *streaming*; una revisión teórica de los estudios de género y sexualidad, con base en Judith Butler (1999), Eve K. Sedgwick (1985), Berenice Bento (2008) y Adriana Agostini (2020); y un análisis narrativo y estilístico de escenas cortadas de la serie, basado en Jeremy G. Butler (2010) y David Bordwell (2005; 2008; 2013). Los resultados permitieron visualizar posibles aproximaciones entre los estudios de género y sexualidad en diálogo con el campo teórico de los estudios de televisión y televisualidad. A partir de ello, se concluyó que la representación de la pareja lesbiana, contando con la observación e investigación de otras parejas representadas en otras series y películas, fue construida de manera progresiva, auxiliada por el movimiento de las cámaras, por los colores utilizados, por los diálogos y por otras opciones técnicas audiovisuales.

Palabras clave: Estudios de televisión y televisualidades. Ficción seriada. Serie de *streaming*. Relaciones sáficas. *Euphoria*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CoBICET	Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Ciência e Tecnologia
Compós	Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CULTPOP	Cultura <i>Pop</i> , Comunicação e Tecnologias
PPGCom/ECA/USP	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
GELiDiS	Grupo de Pesquisa Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação
HBO	Home Box Office
iG	Internet Group/Internet Generation
Intercom	Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
LGBTQIA+	Versão abreviada da atual LGBTQQICAPF2K+
LGBTQQICAPF2K+	Lésbicas, <i>gays</i> , bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, <i>queers</i> , em questionamento, intersexos, curiosos, assexuais, agêneros, alossexuais, pansexuais, polissexuais, amigos e família, dois espíritos, <i>kink</i> e outros
PPG-LIMIAR	Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte
PROPESQ	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PUC-Campinas	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
RDCA	Redes Digitais e Culturas Ativistas
Uninter	Centro Universitário Internacional
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rue Bennett, interpretada por Zendaya	23
Figura 2 – Jules Vaughn, interpretada por Hunter Schafer	24
Figura 3 – Kat Hernandez, interpretada por Barbie Ferreira	24
Figura 4 – Leslie Bennett, interpretada por Nika King	25
Figura 5 – Gia Bennett, interpretada por Storm Reid	25
Figura 6 – Lexie Howard, interpretada por Maude Apatow	26
Figura 7 – Cal Jacobs, interpretado por Eric Dane	26
Figura 8 – Nate Jacobs, interpretado por Jacob Elordi	27
Figura 9 – Fezco, interpretado por Angus Cloud	27
Figura 10 – Christopher McKay, interpretado por Algee Smith	28
Figura 11 – Maddy Perez, interpretada por Alexa Demie	28
Figura 12 – Cassie Howard, interpretada por Sydney Sweeney	29
Figura 13 – Rue e Jules, episódio 1	32
Figura 14 – Rue e Jules, episódio 3	32
Figura 15 – Jules saindo da festa (1)	59
Figura 16 – Jules saindo da festa (2)	60
Figura 17 – Jules pegando a bicicleta (1)	60
Figura 18 – Jules pegando a bicicleta (2)	61
Figura 19 – Rue conversando com Jules (1)	61
Figura 20 – Rue conversando com Jules (2)	62
Figura 21 – Jules respondendo Rue	62
Figura 22 – Jules sorrindo para Rue	63
Figura 23 – Rue e Jules na primeira conversa	64
Figura 24 – Rue comenta sobre a festa	65
Figura 25 – Rue faz uma pergunta	65
Figura 26 – As garotas se entreolham	66
Figura 27 – Caminho para a casa de Jules	67
Figura 28 – <i>Fade</i> entre a rua e a mão de Rue	67
Figura 29 – Mão de Rue na cintura de Jules	68
Figura 30 – Rue segura na cintura de Jules	68
Figura 31 – Jules e Rue na bicicleta	69

Figura 32 – Jules e Rue indo para casa	69
Figura 33 – Jules segurando no guidão (1)	70
Figura 34 – Jules segurando no guidão (2)	70
Figura 35 – Rue entrando na casa de Jules	72
Figura 36 – Rue analisando a casa	72
Figura 37 – Rue se dirigindo ao quarto	73
Figura 38 – As meninas subindo a escada	73
Figura 39 – Jules abrindo a porta do quarto	74
Figura 40 – Jules pedindo silêncio	74
Figura 41 – Rue olhando para Jules	75
Figura 42 – Rue segurando o espelho	75
Figura 43 – Rue cuida da ferida de Jules	76
Figura 44 – Rue e Jules se entreolham	76
Figura 45 – Rue termina o curativo	77
Figura 46 – Rue fecha o curativo	77
Figura 47 – Rue e Jules se deitam	78
Figura 48 – Rue e Jules na cama	78
Figura 49 – Rue acarinha Jules	79
Figura 50 – Rue acarinha o cabelo de Jules	79
Figura 51 – Rue e Jules deitadas	80
Figura 52 – Rue e Jules se entreolham	80
Figura 53 – Rue e Jules conversam	81
Figura 54 – Rue e Jules se olham	81
Figura 55 – Rue olha para frente	82
Figura 56 – Rue olha para frente e sorri	83
Figura 57 – Jules olha para Rue	83
Figura 58 – Jules sorri para Rue	84
Figura 59 – Rue no palco do teatro	85
Figura 60 – Rue passando as mãos no rosto	85
Figura 61 – Rue passando as mãos no cabelo	86
Figura 62 – Rue olhando para os colegas	86
Figura 63 – Jules e Rue na cama	87
Figura 64 – Jules e Rue conversando	87

Figura 65 – As garotas se entreolham	88
Figura 66 – Jules sorri para Rue	88
Figura 67 – Rue e Jules dormem juntas	89
Figura 68 – Jules abraça Rue por trás	90
Figura 69 – Rue abraça Jules	91
Figura 70 – Rue segura a mão de Jules	91
Figura 71 – Rue abraça Jules por trás	92
Figura 72 – Jules conversa com Rue	92
Figura 73 – Rue tirando foto de Jules	94
Figura 74 – Jules posando para Rue	94
Figura 75 – Jules e Rue olhando as fotos	95
Figura 76 – Jules sorrindo	95
Figura 77 – Jules e Rue na cama	96
Figura 78 – Jules acarinha Rue	96
Figura 79 – Jules se inclina até Rue	97
Figura 80 – Jules beija o rosto de Rue	97
Figura 81 – Jules encostada nas pernas de Rue	98
Figura 82 – Jules conversando com Rue	99
Figura 83 – Rue conversando com Jules	99
Figura 84 – Rue questionando Jules	100
Figura 85 – Jules prestes a levantar	100
Figura 86 – Jules indo embora	101
Figura 87 – Rue confusa	101
Figura 88 – Rue inconformada	102
Figura 89 – Rue na porta de Jules	102
Figura 90 – Rue entrando na casa de Jules	103
Figura 91 – Jules deitada na cama	104
Figura 92 – Jules se levantando	104
Figura 93 – Rue entrando no quarto	105
Figura 94 – Rue parando em frente a Jules	105
Figura 95 – Rue chorando	107
Figura 96 – Jules sentada na cama	107
Figura 97 – Jules abraçando Rue	108

Figura 98 – Jules apoiando o queixo em Rue	108
Figura 99 – Jules olha e sorri para Rue	109
Figura 100 – Jules segura o cabelo de Rue	109
Figura 101 – Rue encosta a sua testa na de Jules	110
Figura 102 – As garotas se olham	110
Figura 103 – Rue beija Jules	111
Figura 104 – Rue se afasta rapidamente	111
Figura 105 – Jules na janela de Rue	113
Figura 106 – Jules entrando no quarto de Rue	113
Figura 107 – Rue ajudando Jules	114
Figura 108 – Jules passando pela janela	114
Figura 109 – Jules encara Rue	115
Figura 110 – Rue abraça Jules	115
Figura 111 – Jules abraça Rue	116
Figura 112 – Rue segura Jules	116
Figura 113 – Jules se deita com Rue	117
Figura 114 – Jules se aconchega em Rue	118
Figura 115 – Rue acarinha o rosto de Jules	118
Figura 116 – Rue puxa Jules para perto	119
Figura 117 – Rue abraça Jules	119
Figura 118 – Rue segura o rosto de Jules	120
Figura 119 – Jules abraça Rue	120
Figura 120 – Jules abraça Rue	121
Figura 121 – Rue se aproxima de Jules	121
Figura 122 – Rue acaricia o cabelo de Jules	122
Figura 123 – Rue encara Jules	122
Figura 124 – Rue acaricia o cabelo de Jules	123
Figura 125 – Jules apoia a mão no armário	123
Figura 126 – Jules olha sorrindo para Rue	124
Figura 127 – Jules e Rue riem juntas (1)	124
Figura 128 – Jules e Rue riem juntas (2)	125
Figura 129 – Jules pega no rosto de Rue	125
Figura 130 – Jules beija Rue	126

Figura 131 – As garotas se beijam	126
Figura 132 – Rue abraça e beija Jules	127
Figura 133 – Jules abre a porta para Rue	128
Figura 134 – Jules olha para baixo	128
Figura 135 – Rue olha encantada para Jules	129
Figura 136 – Rue olha para Jules	129
Figura 137 – Rue tenta beijar Jules	130
Figura 138 – Jules se afasta	130
Figura 139 – Rue olha para frente	131
Figura 140 – Rue olha para Jules	131
Figura 141 – Rue na beira da piscina	132
Figura 142 – Rue olhando para Jules	132
Figura 143 – Jules na piscina	133
Figura 144 – Jules olhando e sorrindo para Rue	133
Figura 145 – Rue tenta tirar Jules da piscina	134
Figura 146 – Rue convence Jules	134
Figura 147 – Rue pega nas mãos de Jules	135
Figura 148 – Jules puxa Rue para a piscina	135
Figura 149 – Jules pega no rosto de Rue	136
Figura 150 – Jules puxa Rue para perto	136
Figura 151 – Jules beija Rue	137
Figura 152 – O beijo segue	137
Figura 153 – Rue e Jules deitadas	138
Figura 154 – Rue e Jules se divertem	139
Figura 155 – Jules sentindo prazer	140
Figura 156 – Jules virando na cama	141
Figura 157 – Rue com a mão no rosto de Jules	141
Figura 158 – Rue acariciando Jules	142
Figura 159 – Jules segura a mão de Rue	142
Figura 160 – Rue segura o rosto de Jules	143
Figura 161 – Jules aperta a mão de Rue	143
Figura 162 – Rue aproxima o seu rosto do de Jules	144
Figura 163 – Rue beija a testa de Jules	144

Figura 164 – Rue termina o beijo	145
Figura 165 – Rue encosta a sua testa na de Jules	145
Figura 166 – As garotas se acariciam	146
Figura 167 – Rue em uma cama de hospital	147
Figura 168 – Rue pensativa	147
Figura 169 – Jules deitada com Rue	148
Figura 170 – Jules encarando Rue	148
Figura 171 – Rue encarando Jules	149
Figura 172 – As garotas conversam	149
Figura 173 – Rue encosta o nariz no de Jules	150
Figura 174 – Rue continua o carinho	150
Figura 175 – Jules sentada na cama	151
Figura 176 – Jules olhando para Rue	151
Figura 177 – Rue parada de frente para Jules	152
Figura 178 – Rue encarando Jules	152
Figura 179 – Jules se levanta	153
Figura 180 – Jules vai até Rue	153
Figura 181 – Jules pega no rosto de Rue	154
Figura 182 – Jules segura no rosto de Rue	154
Figura 183 – Paleta de maquiagem	156
Figura 184 – Jules na cama	156
Figura 185 – Jules maquia Rue	157
Figura 186 – Jules coloca sombra em Rue	157
Figura 187 – Jules olha para Rue	158
Figura 188 – Jules continua a conversa	158
Figura 189 – Rue sorri para Jules	159
Figura 190 – Rue encara Jules	159
Figura 191 – Mão de Rue na cintura de Jules	160
Figura 192 – Rue afasta a mão devagar	160
Figura 193 – Rue tira a mão	161
Figura 194 – Rue fecha a mão devagar	161
Figura 195 – Jules acaricia o cabelo de Rue	162
Figura 196 – Jules acarinha Rue	163

Figura 197 – Jules se aproxima	163
Figura 198 – Jules abraça Rue	164
Figura 199 – Rue e Jules se olham no espelho	164
Figura 200 – Jules abraça Rue	165
Figura 201 – Rue inclina a cabeça para trás	165
Figura 202 – Jules cheira o pescoço de Rue	166
Figura 203 – Rue entra no banheiro	167
Figura 204 – Rue se aproxima de Jules	168
Figura 205 – Rue fecha a porta	168
Figura 206 – Rue tranca a porta	169
Figura 207 – As garotas se encaram	169
Figura 208 – As garotas riem	170
Figura 209 – Jules sorri para Rue	170
Figura 210 – Jules olha para Rue	171
Figura 211 – Rue olha para baixo	171
Figura 212 – Rue volta a olhar para Jules	172
Figura 213 – Jules olha para Rue	172
Figura 214 – Jules encara Rue	173
Figura 215 – As garotas sentadas na escada	174
Figura 216 – Jules levanta o braço	174
Figura 217 – Jules mexe no cabelo de Rue	175
Figura 218 – Jules acarinha o cabelo de Rue	175
Figura 219 – Rue se aproxima de Jules	176
Figura 220 – Rue beija Jules	177
Figura 221 – Rue segura o rosto de Jules	177
Figura 222 – O beijo continua	178
Figura 223 – Rue segura o pescoço de Jules	178
Figura 224 – O beijo continua	179
Figura 225 – As garotas continuam o beijo	179
Figura 226 – Os lábios se afastam	180
Figura 227 – Rue e Jules caminhando	181
Figura 228 – Jules segura a mão de Rue	181
Figura 229 – As garotas caminham até a estação	182

Figura 230 – As garotas continuam	182
Figura 231 – Jules segura a mão de Rue	183
Figura 232 – Jules conduz Rue	183
Figura 233 – Rue olha para o chão	184
Figura 234 – Rue olha insegura para Jules	184
Figura 235 – Jules caminha animada	185
Figura 236 – Rue recua no caminho	185
Figura 237 – Rue questiona Jules	186
Figura 238 – Jules continua a caminhada	186
Figura 239 – Jules sobe no trem	187
Figura 240 – Jules espera por Rue	187
Figura 241 – Rue fica do lado de fora	188
Figura 242 – Rue olha insegura para Jules	188
Figura 243 – Jules encara Rue	189
Figura 244 – Jules espera uma resposta	189
Figura 245 – Rue desvia o olhar	190
Figura 246 – Rue olha chorando para Jules	190
Figura 247 – Jules segura a mão de Rue	191
Figura 248 – Jules beija a mão de Rue	191
Figura 249 – Rue observa o trem ir embora	192
Figura 250 – Rue parada na plataforma	192

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: AQUILO QUE EU SOU?	19
INTRODUÇÃO	21
1 ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE	43
1.1 Gênero na modernidade: os estudos <i>queer</i>	44
1.2 O sujeito transexual e a transexualidade	46
1.3 As tecnologias de gênero	47
1.4 A representação da lesbianidade nas séries ficcionais.....	49
2 ESTUDOS DE TELEVISÃO E TELEVISUALIDADES.....	52
2.1 A ficção televisiva e os estudos de telepoética	53
2.2 Narrativas midiáticas.....	55
2.3 Percurso metodológico.....	56
3 ANÁLISE NARRATIVA E ESTILÍSTICA DE <i>EUPHORIA</i>	58
4 CONCLUSÃO	193
REFERÊNCIAS	195

APRESENTAÇÃO: AQUILO QUE EU SOU?

Começo, propositalmente, com uma pergunta, pois, após diversas divagações e discussões das quais pude participar durante as disciplinas do programa, ainda não sei ao certo o que sou. Como postularam autores, como Giddens (1991), Bauman (1999), Hall (1992) e Castells (1997), a única certeza que podemos ter na vida é a de que não somos um só, mas sim compostos de diversos “nós”.

A descoberta da minha sexualidade aconteceu em meados de 2013, na terceira série do Ensino Médio, ao me relacionar com uma garota pela internet. Assim como para muitos, foi uma descoberta dolorosa e que me custou alguns bons anos até a completa aceitação.

Porém, os frutos colhidos desse processo foram bons. No auge do bem-estar com a minha sexualidade, agora por volta dos 20 e poucos anos, percebo como a luta, ainda, infelizmente, continua inviabilizada, de modo que, frequentemente, precisamos nos esforçar para nos fazer visíveis.

A aceitação de nossa própria sexualidade é o ponto inicial para que, em todos os âmbitos da vida, possamos nos sentir encorajados a ser nós mesmos. Foi o que me fez sentir confortável, apesar de um pouco estranha nos primeiros meses, quando iniciei o curso de Bacharelado em Letras: Português/Inglês na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Durante a graduação, já pensava em me aventurar em um curso de mestrado, mas ainda sem saber ao certo qual seria o foco desse curso.

Em 2019, no último ano da faculdade, comecei a pensar qual seria o próximo passo em minha vida acadêmica. Considerei, algumas vezes, me arriscar fora do país, em uma experiência diferente; porém, após algumas pesquisas, entendi que o processo de validação de um diploma internacional seria bem burocrático.

Após conversar com uma das professoras da graduação, comecei a pensar sobre a possibilidade de realizar um mestrado no país. Procurei algumas universidades, porém todas as que contatei pareciam voltadas exclusivamente para as áreas de Linguística, Literatura ou Educação. Apesar de ter um forte vínculo com a Literatura, especialmente a Literatura Inglesa, não era exatamente o rumo que eu estava procurando.

Depois de descobrir e ter pesquisado sobre o Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte, pensei que seria interessante juntar um de meus passatempos favoritos com a Literatura, tendo a primeira ideia para o projeto, que

seria trabalhar com uma série televisiva e *fanfics*. Dessa junção, nasceu o anteprojeto do mestrado, com o título *A construção da identidade do sujeito e a não heteronormatividade de uma perspectiva digital: Euphoria e Archive of Our Own*.

Com o ingresso no mestrado e a conquista da bolsa reitoria – e, posteriormente, PROSUC/Capes –, pude repensar os direcionamentos da pesquisa e decidi que seria mais pertinente, para o momento, focar um único objeto de estudo; por isso, optei por estudar a série estadunidense *Euphoria* (HBO Max). O projeto de pesquisa, então reformulado, consistiu, portanto, em realizar uma investigação a respeito dos aspectos narrativos e estilísticos que compõem a telepoética da respectiva obra.

INTRODUÇÃO

O projeto desta pesquisa nasceu da necessidade e da vontade de inserir, na comunidade acadêmica, um trabalho que abraçasse a comunidade LGBTQIA+, sobretudo pelas vivências e descobertas pessoais acerca da sexualidade e pelo entendimento dessa sexualidade fora dos padrões exigidos pela sociedade. Ao longo dos anos, passamos a entender como o movimento LGBTQIA+¹ funciona e como a luta é forte até os dias atuais, e esse foi o primeiro motivo para que esta pesquisa começasse a ser desenvolvida.

A luta do movimento LGBTQIA+ se iniciou em 1969, no bar Stonewall Inn nos Estados Unidos, onde gays, lésbicas e travestis iniciaram uma rebelião contra as constantes agressões policiais sofridas. O episódio foi considerado o marco zero do movimento, sendo comemorado o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ no dia 28 de julho².

Com a conclusão da faculdade de Letras e a observação sobre a carência de conteúdos televisivos voltados especialmente para o público LGBTQIA+, surgiu o interesse em estudar os processos de construção desse tipo de produto. O desejo de estender a carreira acadêmica, aprofundando as discussões científico-culturais sobre assuntos de pertinência à comunidade LGBTQIA+, fez com que esta dissertação de mestrado começasse a se desenvolver.

Muitas das ações diárias do sujeito contemporâneo se pautam, quase que exclusivamente, em diversos aparatos tecnológicos e em diferentes tipos de mídias digitais. É, ainda, devido a tais recursos que o acesso a conteúdo diversificado se tornou facilitado. Por exemplo, as plataformas de *streaming* (tanto de música quanto de vídeo) se popularizaram de maneira rápida e criaram uma forte concorrência com os produtos criados/exibidos por empresas de canais fechados.

A Netflix, empresa de *streaming* e produtora de vídeos muito conhecida na atualidade, desde sua popularização, tem aberto portas para que outras empresas do mesmo segmento possam se consolidar e, também, oferecer a seus clientes produções exclusivas. Segundo a pesquisa realizada pela empresa Toluna, publicada

¹ A sigla LGBT vem sendo usada desde os anos 1990 e é uma adaptação de LGB (lésbicas, gays e bissexuais). Disponível em: <https://poenaroda.com.br/diversidade/direitos/lgbtqqicapf2k-e-a-nova-sigla-da-comunidade-lgbt-segundo-alguns-ativistas-do-reino-unido/>. Acesso em: 24 maio 2021.

² Disponível em: <https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>. Acesso em: 24 maio 2021.

no *site* Istoé Dinheiro³, 94% dos entrevistados disseram assistir à Netflix; 29%, ao HBO Max; 21%, a Amazon Prime; entre outras plataformas. Além de oferecerem filmes em suas redes, as mais famosas e mais assistidas são as séries; por serem menores, diluídas em episódios curtos e abrangendo temáticas diversas, elas são as preferidas hoje em dia pelos jovens.

De acordo com outra pesquisa, publicada no *site* IG Gente⁴, 37% dos jovens, entre 18 e 24 anos, assistem a séries transmitidas por canais de *streaming* todos os dias, enquanto 28% assistem de uma a três vezes por semana; ou seja, uma grande parcela dos jovens brasileiros escolhe esse tipo de entretenimento, o qual está ao alcance daqueles que possuem conexão à internet e aparelhos do tipo *smart*.

Buscando, então, alcançar a interdisciplinaridade, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a construção identitária do sujeito diante de um contexto heteronormativo, a partir da série televisiva *Euphoria*, produzida pelo canal de *streaming* HBO Max⁵. Os objetivos específicos são: revisar os conceitos de heteronormatividade e performatividade no contexto contemporâneo; estudar a construção da relação das personagens Rue e Jules, a partir da narrativa da série *Euphoria*; e discutir sobre as relações socioculturais presentes nos episódios selecionados da série *Euphoria*.

Euphoria, lançada em 2019, é dirigida por Sam Levinson e conta a história de adolescentes que vivem em um subúrbio dos Estados Unidos e precisam lidar com drogas, relacionamentos, amizades, traumas, sexo, *bullying*, inseguranças e sexualidade. A série, de acordo com a própria plataforma HBO Max, foi uma das mais assistidas na América Latina, após o lançamento da sua segunda temporada⁶. Além disso, Zendaya, atriz que interpreta a personagem principal Rue, venceu o Emmy Awards de Melhor Atriz de Drama em 2020⁷.

Os personagens principais da série são: Rue Bennett, interpretada por Zendaya; Lexi Howard, interpretada por Maude Apatow, melhor amiga de infância de Rue e irmã mais nova de Cassie; Fezco, interpretado por Angus Cloud, amigo de Rue

³ Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/nove-em-cada-dez-pessoas-usam-servicos-de-streaming-no-brasil-segundo-pesquisa/>. Acesso em: 25 out. 2019.

⁴ Disponível em: <https://gente.ig.com.br/cultura/2018-06-08/jovem-vicio-por-series.html>. Acesso em: 25 out. 2019.

⁵ Disponível em: <https://www.hbogo.com.br/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

⁶ Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/01/17/cinema-e-streaming/apos-estreiaEuphoria-se-torna-serie-mais-vista-do-hbo-max-na-america-latina/>. Acesso em 10 jan. 2022.

⁷ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/09/zendaya-entra-para-a-historia-ao-ganhar-emmy-de-melhor-atriz-de-drama-aos-24-anos.shtml>. Acesso em 10 jan. 2022.

e o traficante de drogas da cidade; Cal Jacobs, interpretado por Eric Dane, pai de Nate; Maddy Perez, interpretada por Alexa Demie, namorada de Nate e parte do grupo de amigos de Rue e Jules; Nate Jacobs, interpretado por Jacob Elordi, atleta do time da escola; Katherine (Kat) Hernandez, interpretada por Barbie Ferreira, amiga de Rue; Leslie Bennett, interpretada por Nika King, mãe de Rue e Gia; Gia Bennett, interpretada por Storm Reid, irmã mais nova de Rue; Jules Vaughn, interpretada por Hunter Schafer, a garota transgênero, nova moradora da cidade e par romântico de Rue; Christopher McKay, interpretado por Algee Smith, jogador de futebol da escola e namorado de Cassie; e Cassie Howard, interpretada por Sydney Sweeney, irmã mais velha de Lexi e namorada de McKay. Para melhor entendimento dos personagens, as respectivas imagens são mostradas a seguir.

Figura 1 – Rue Bennett, interpretada por Zendaya



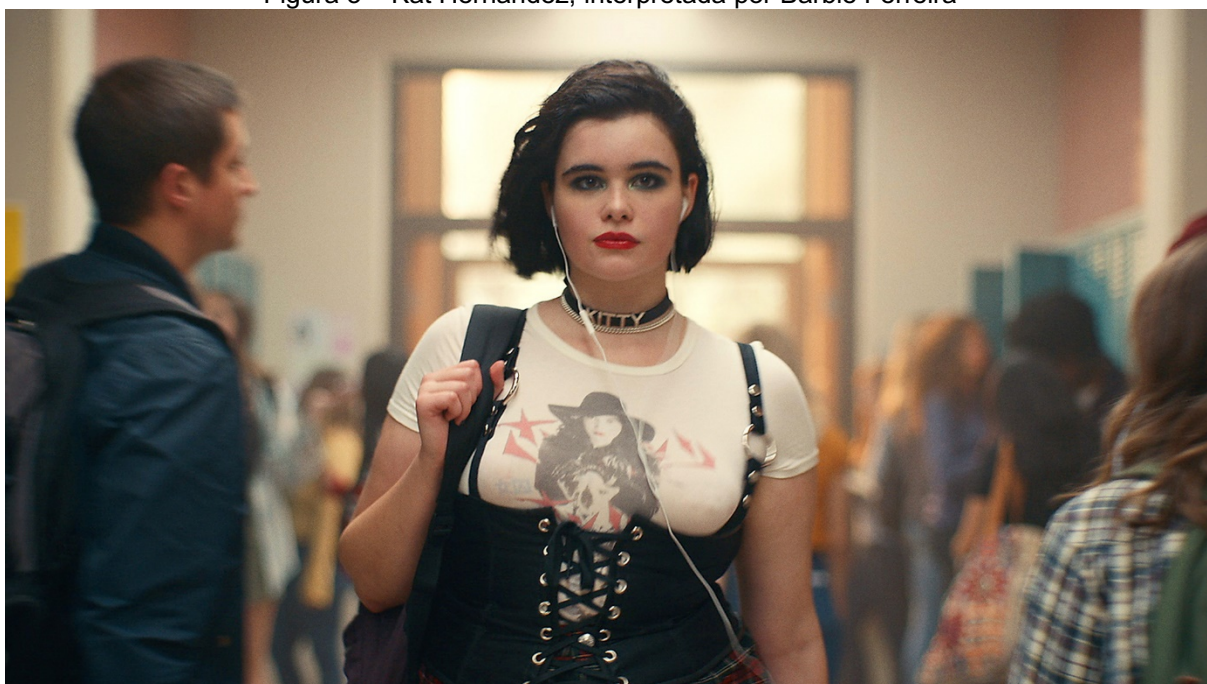
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 2 – Jules Vaughn, interpretada por Hunter Schafer



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 3 – Kat Hernandez, interpretada por Barbie Ferreira



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 4 – Leslie Bennett, interpretada por Nika King



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 5 – Gia Bennett, interpretada por Storm Reid



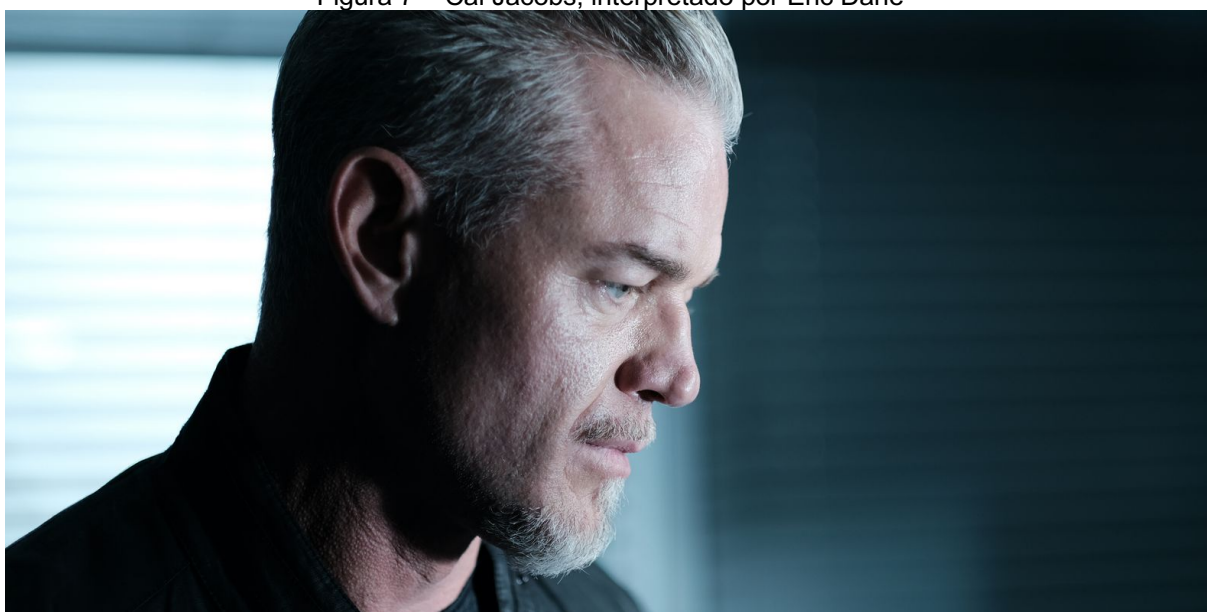
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 6 – Lexie Howard, interpretada por Maude Apatow



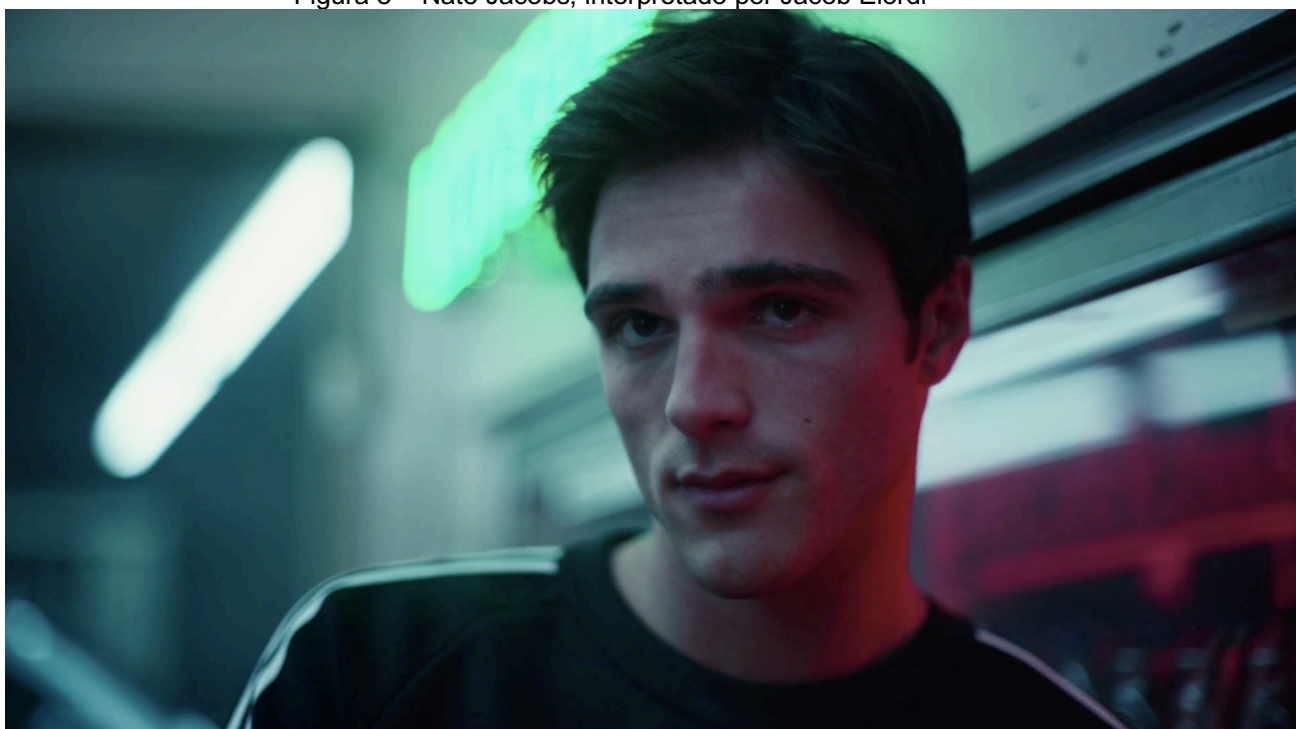
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 7 – Cal Jacobs, interpretado por Eric Dane



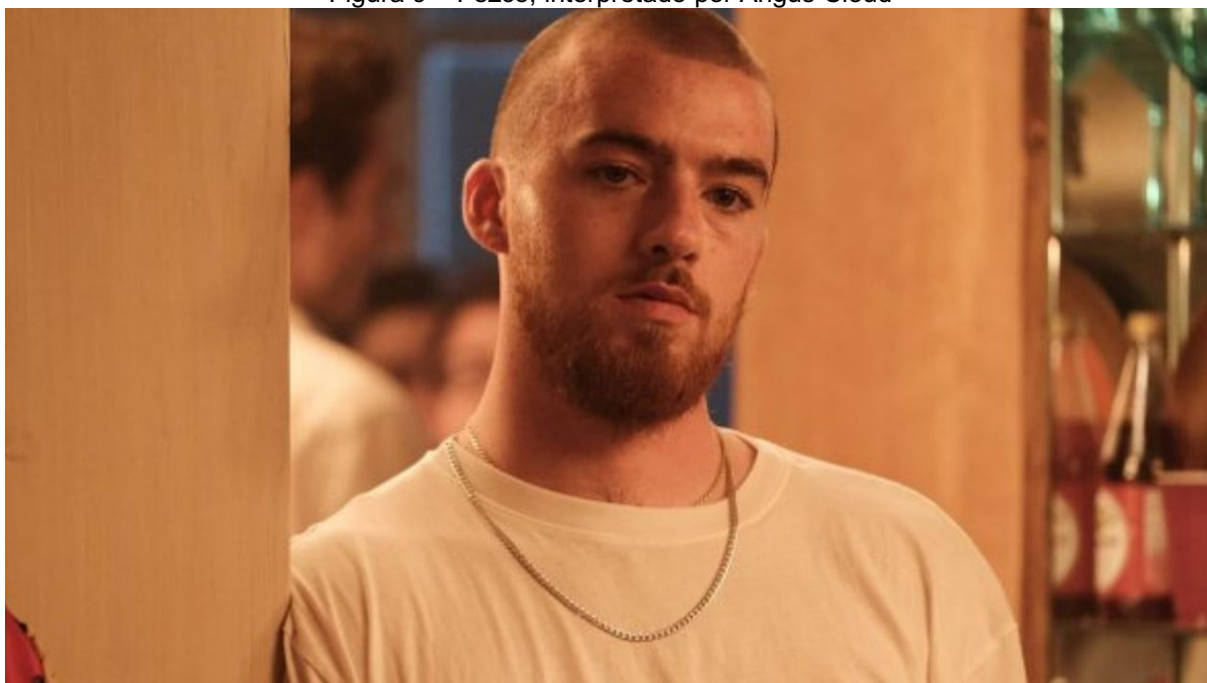
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 8 – Nate Jacobs, interpretado por Jacob Elordi



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 9 – Fezco, interpretado por Angus Cloud



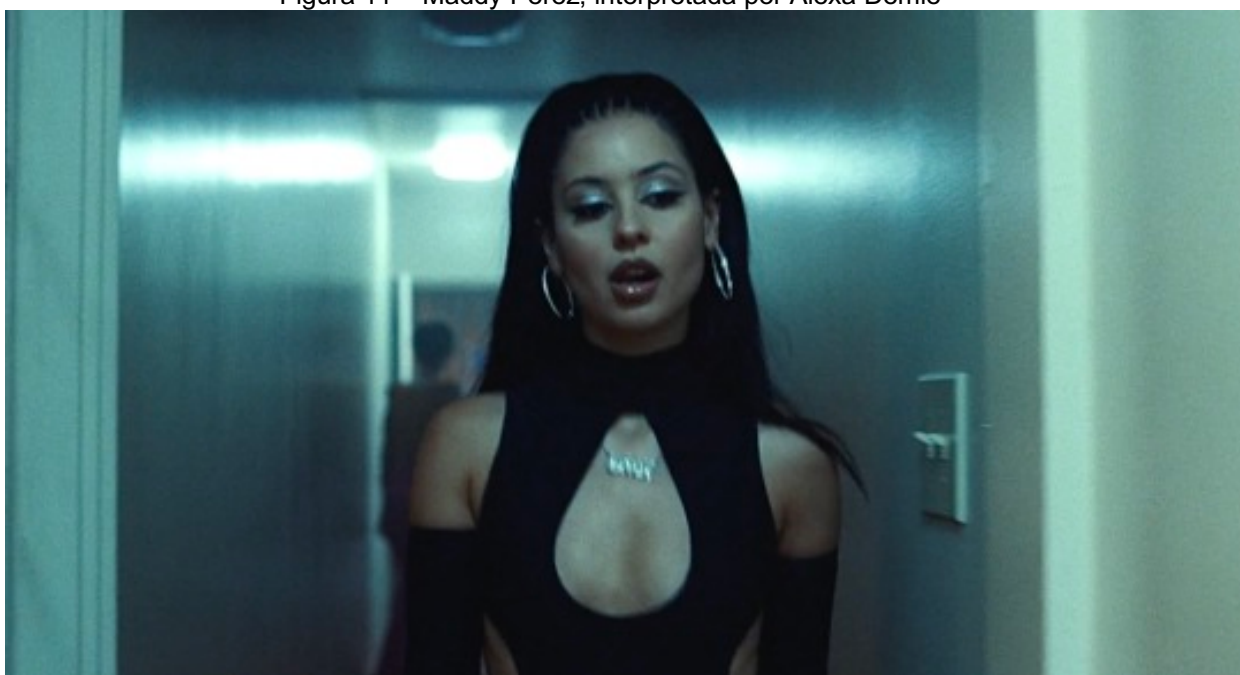
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 10 – Christopher McKay, interpretado por Algee Smith



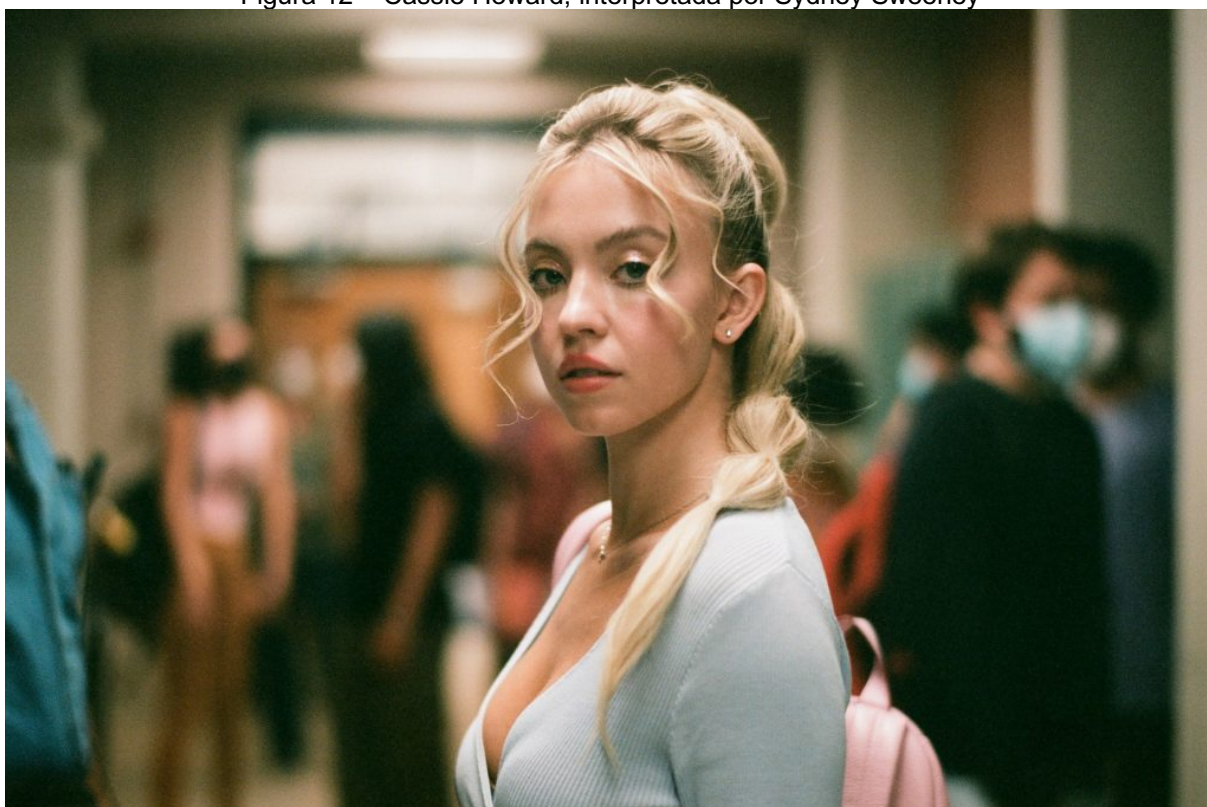
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 11 – Maddy Perez, interpretada por Alexa Demie



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 12 – Cassie Howard, interpretada por Sydney Sweeney



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Euphoria é uma adaptação da série israelense de mesmo nome lançada em 2012, que retrata as dificuldades e a busca da geração Z por aceitação social e pelo entendimento de seu propósito no mundo e por quais pessoas pode ou não se apaixonar. De acordo com uma notícia do site A Escotilha⁸, a série acertou em “sua estética experimental, cinematográfica e sufocante”, trabalhando cores neon, luz azul e *glitter*, além dos giros quase frenéticos das câmeras. A série consegue mostrar momentos extremos, como o abuso de drogas, os relacionamentos abusivos etc., mas, ao mesmo tempo, aborda as questões da juventude de um jeito reflexivo, com alguns incidentes incitantes que fazem o telespectador se prender e querer assistir ao próximo episódio.

A série é divulgada e exibida pelo canal de *streaming* HBO Max – um canal fechado, pago e que limita o acesso, já que a plataforma exige que o usuário pague certo valor para poder assistir aos filmes e às séries. Ainda assim, a adesão aos diversos tipos de serviço de *streaming* continua alta, pois, de acordo com pesquisa da

⁸ Disponível em: <http://www.aescotilha.com.br/cinema-tv/olhar-em-serie/Euphoria-hbo-primeira-temporada-resenha-critica/>. Acesso em 10 jan. 2022.

Nielsen Brasil, 43% dos brasileiros assistem a *streamings* diariamente⁹. Além disso, o Brasil é o segundo país que mais consome *streamings* no mundo, tendo cerca de 18 milhões de assinantes¹⁰.

A partir disso, pode-se perceber como o modo de assistir produções audiovisuais foi mudando ao longo do tempo, já que a televisão era a maneira principal de acesso a esse tipo de entretenimento. Existem diferenças notáveis entre a televisão e os canais de *streaming*, como o local de veiculação das produções. Na televisão, por exemplo, é necessário um aparelho específico para poder assistir às transmissões e, além disso, conta-se com os canais abertos (gratuitos) e os por assinatura (pagos). Já os canais de *streaming* podem ser acessados por diferentes plataformas, dependendo apenas da internet para seu funcionamento, como computadores, *smartphones* e *smart TVs*. Além disso, em sua grande maioria, os canais são pagos, cobrando determinada taxa mensal para que o usuário possa acessar qualquer título entre filmes e séries. Apesar de suas diferenças, esses meios de comunicação desempenham papéis importantes dentro da sociedade e na formação dos indivíduos.

Um dos fatores que faz com que a representação de uma minoria em uma ficção seriada seja mais forte é o fato de seus atores ou diretores também se identificarem com tal gênero ou sexualidade em suas vidas privadas.

Quando as pessoas assistem às séries de televisão com frequência, elas se tornam fãs daquele evento televisivo e, por isso, procuram como os atores e outros membros da equipe vivem suas vidas particulares. *Euphoria* é um exemplo dessa representação mútua, pois traz atores que interpretam personagens LGBTQIA+ e que fazem parte da comunidade na vida real, como Hunter Schafer, que é uma atriz e modelo trans e interpreta uma menina trans na série, e Barbie Ferreira, que interpreta uma garota heterossexual na primeira temporada, mas se declara *queer* na vida real.

Acerca do método de análise, torna-se relevante os estudos da telepoética, utilizados e descritos por João Paulo Hergesel, em *A telepoética nas produções do SBT* (2019). De acordo com Hergesel, “a telepoética se constitui pelas estratégias expressivas resultadas dos procedimentos narrativos e das marcas estilísticas que

⁹ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/e-o-fim-da-tv-streaming-e-habito-diario-para-43-dos-brasileiros/>. Acesso em 20 jan. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://mundoconectado.com.br/noticias/v/21444/brasil-e-o-segundo-pais-que-mais-assiste-a-filmes-e-series-online-diz-pesquisa>. Acesso em 20 jan. 2022.

costumam se repetir em diferentes obras de um mesmo produtor” (2019, p. 51). Sendo assim, a telepoética abarcará os elementos essenciais de narrativa e de estilística televisivas para a análise dos episódios selecionados da primeira temporada da série.

Para a análise narrativa e estilística dos episódios, teremos como base os estudos da telepoética de Jeremy G. Butler (2010), revisitado por João Paulo Hergesel (2019), juntamente com outras discussões sobre narrativa e estilo no audiovisual, como as trazidas por David Bordwell (2005; 2008; 2013), Kristin Thompson (2003) e Simone Maria Rocha (2016). Baseando-se nos estudos de identidade e gênero, da teoria *queer*, do sujeito transexual e dos conceitos de lesbianidade, tidos respectivamente por Judith Butler (1999), Eve K. Sedgwick (1985), Berenice Bento (2008) e Adriana Agostini (2020), analisamos como o sujeito não heteronormativo se constrói e se desenvolve na narrativa da série.

A definição do sujeito não heteronormativo, postulada por Louro (2009), esclarece que o sujeito se apresenta/identifica de diversas formas dentro da sociedade que ainda o assola e discrimina por não seguir o padrão que lhe foi imposto, sem ao menos poder optar se seguiria esse padrão ou se escolheria outro. Louro explica que “[no] início do século XIX, as sociedades ocidentais tinham um modelo sexual que hierarquizava os sujeitos ao longo de um único eixo, cujo vértice era o masculino” (LOURO, 2009, p. 87). Portanto, torna-se essencial, já que não mais vivemos no século XIX, deslocar esse modelo sexual masculino e o transpor para outros gêneros e identidades.

Com o intuito de compreender a construção identitária do sujeito não heteronormativo dentro da série, o recorte proposto será a análise das cenas nas quais as personagens Rue (Zendaya) e Jules (Hunter Schafer) estejam em momentos românticos, para que se possa compreender como esse relacionamento foi desenvolvido e abordado pela narrativa da série e como as identidades de sujeitos que seriam tidos como heterossexuais se desenvolveram, descobrindo-se como sujeitos não heteronormativos. O recorte proposto será ilustrado com *prints* da primeira temporada de *Euphoria*, tendo como exemplo as figuras 1 e 2, a seguir.

Figura 13 – Rue e Jules, episódio 1



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 14 – Rue e Jules, episódio 3



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Fazem parte da fundamentação teórica da pesquisa os estudos identitários e de gênero propostos por Butler (1999), que sugere que o conceito de gênero seja uma construção social chamada de *performatividade*, em *Gender Troubles*. Ainda, temos as contribuições da teoria *queer*, que já foi discutida por muitos autores, mas, como principais, tratamos de Judith Butler e Eve K. Sedgwick. Para dar base a análise do sujeito transexual presente na série, temos Berenice Bento, com *O que é transexualidade* (2008), e, para o entendimento do relacionamento lésbico presente na série, abordamos os conceitos desenvolvidos por Adriana Agostini em *Do invisível ao visível* (2020).

De caráter qualitativo e de abordagem interpretativa, este projeto tem como metodologia o levantamento bibliográfico de publicações científicas que abordem as questões da não heteronormatividade em séries televisivas exibidas através de canais de *streaming*. Após esse levantamento, será realizada uma revisão teórica para selecionar as obras mais coerentes e relevantes para o andamento da pesquisa. Também, como parte da metodologia, será desenvolvida uma análise narrativa e estilística do recorte que será proposto para a análise.

A justificativa para a realização desta pesquisa está pautada na inovação percebida na escolha do *corpus* e em sua forma de observá-lo, pois, até meados de maio de 2021, não haviam sido publicados trabalhos que estudassem e analisassem a série *Euphoria* nem em língua portuguesa nem em língua inglesa. Além desse motivo, a série ficou famosa no Brasil, agradando o público e os críticos; diversos veículos de notícia escreveram sobre a forma como a série, lançada em 2019, é “uma das melhores séries do ano”.

O *site* Esquina da Cultura¹¹ afirma que a série é “a mais conectada com gerações mais jovens que chegam num momento de conexões extensas e comunicações rápidas e relacionamentos fluidos, por consequência”. O famoso *site* de notícias sobre celebridades, o E!¹², comenta que a série “parece querer inserir o público na realidade dos *Millennials* e as consequências do uso desenfreado de drogas, da prática do bullying, e da sexualidade na adolescência”.

¹¹ Disponível em: <https://www.esquinadacultura.com.br/post/por-que-Euphoria-da-hbo-e-uma-das-melhores-serie-do-ano>. Acesso em: 2 abr. 2020.

¹² Disponível em: <https://www.eonline.com/br/news/1054658/por-que-Euphoria-nova-serie-de-zendaya-esta-dando-o-que-falar>. Acesso em: 2 abr. 2020.

Já o *blog* Quicando¹³, do *site* UOL, elenca diversos motivos pelos quais se deve assistir a série, ilustrando-os com *tweets* de fãs e de pessoas que assistiram à produção. Os motivos elencados são: a série leva o jovem a sério, com realismo e sensibilidade; a série adolescente que é mais cuidadosamente produzida; a trilha sonora atual; a *performance* da atriz Zendaya; a experiência de diversidade trazida pela personagem Jules; a ressignificação da personagem Kat; os diferentes tipos de relacionamento abusivo; a maneira positiva como a amizade feminina é retratada; entre outros. Logo, são motivos plausíveis, que devem chamar o público jovem/adulto para acompanhar a série e se identificar com os diferentes assuntos que são tratados.

No que diz respeito ao público LGBTQIA+, a série também se destaca nos *sites* de notícias. Por exemplo, o *website* QUEER Feed¹⁴ elenca razões pelas quais *Euphoria* é considerada uma série LGBT inovadora. O *site* afirma, no primeiro motivo, que “a forma como as identidades das pessoas *queer* são examinadas é inovadora porque ser *gay* não é seu traço de personagem principal”. Ou seja, a série aborda a questão da sexualidade como algo natural e que não impacta diretamente as ações das personagens.

A pesquisa, de caráter qualitativo e abordagem interpretativa, contou, inicialmente, com um levantamento bibliográfico acerca de pesquisas acadêmicas já publicadas com o tema do sujeito não heteronormativo representado em séries televisivas. A partir disso, tornou-se possível observar o estado da arte, traçando um panorama das publicações recentes e de como o assunto vem sendo tratado no âmbito acadêmico.

Para realizar esta pesquisa exploratória, foram determinados critérios que afunilaram os resultados, como palavras-chaves ligadas ao tema, ferramentas de busca acadêmica e, especificamente, repositórios acadêmicos sobre televisão e audiovisual. Dessa forma, o Google Scholar foi escolhido como ferramenta principal, juntamente aos repositórios da Intercom, da Compós e da Socine. Nos quatro mecanismos de busca, foram utilizadas as palavras-chave “LGTBQIA+”, “televisão” e uma combinação de ambos os termos.

¹³ Disponível em: <https://quicando.blogosfera.uol.com.br/2019/08/19/motivos-para-assistir-Euphoria-a-serie-teen-feita-para-adultos-da-hbo/>. Acesso em: 7 abr. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://www.queerfeed.com.br/7-razoes-Euphoria-series-lgbtq-mais-inovadoras/>. Acesso em: 7 abr. 2020.

Definidos os critérios, as buscas resultaram em 25 trabalhos coletados, observados no Quadro 1.

Quadro 1 – Resultado quantitativo do estado da arte.

TÍTULO	AUTOR(ES)	ANO DE PUBLICAÇÃO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	LINK DE ACESSO
Teoria Queer	Leandro Colling	2007	Revista Mais Definições em Trânsito	https://bit.ly/3rAstzl
A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização	Richard Miskolci	2009	Revista Sociologias	https://bit.ly/32d7IB0
Os personagens homossexuais na trama televisiva: um estudo do seriado “Queer as Folk”(2001-2005)	Caroline Stefany Depieri	2011	Anais do V Congresso Internacional de História	https://bit.ly/3GESrIa
A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria	Olinson Coutinho Miranda; Paulo César Garcia	2012	Anais do III Encontro Baiano de Estudos em Cultura – EBECULT 2012	https://bit.ly/3GllaDG
Construção de personagens LGBT no seriado televisivo True Blood	Rodrigo Lessa Cezar Santos	2012	Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH	https://bit.ly/3GLLI4D
Televisão: novas modalidades de contar as narrativas	Elizabeth Bastos Duarte	2012	Contemporanea: Revista de Comunicação e Cultura	https://bit.ly/3rwOZch
<i>The L Word</i> em movimento: convergências de uma série lésbica	Lilian Werneck Rodrigues	2012	Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora	https://bit.ly/3KqjDwE
Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade	Marcel Vieira Barreto Silva	2014	Revista Galáxia	https://bit.ly/33JGUZz

O beijo gay na teledramaturgia brasileira: caminhos para desconstruir a heteronormatividade	Guilherme Ary Rocha Cavalcante Maia	2014	Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2014	https://bit.ly/3rA5jZF
A prática do <i>binge-watching</i> nas séries exibidas em <i>streaming</i> : sobre os novos modos de consumo da ficção seriada	Anderson Lopes da Silva	2015	Anais do Congresso Internacional de Comunicação e Consumo – COMUNICON 2015	https://bit.ly/3FDnFOt
Homoafetividade na TV: análise do casal Brian e Justin na série Queer as Folk	Daniel Silveira da Cruz	2015	Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia	https://bit.ly/3AdILmJ
Sem preconceito? A representação LGBT em “Amor & Sexo”	Laura Moura de Quadros	2015	Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria	https://bit.ly/3GLmQ7Q
A indústria das séries televisivas americanas	Melina Meimaridis	2017	Revista Culturas Midiáticas	https://bit.ly/3rWD3ke
Representações sociais de gênero: série televisiva liberdade de gênero e a desconstrução de um padrão binário	Angelina Domicelli Sabatini Duarte	2017	Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC	https://bit.ly/3lo8Nwf
A construção da identidade do eu através do outro sob a égide da série Sense8	Rachel de Melo Farias; Maria Beatriz Dias de Medeiros; Herbert Lucas Arruda Fonseca	2017	Anais do III Seminário Internacional do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina	https://bit.ly/3tLnChI
Autoria e representação: contexto LGBTIQ nas telenovelas de Aguinaldo Silva	Mariana Barbosa Gonçalves	2017	Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2017	https://bit.ly/32yQtKz

Da network ao streaming: as reconfigurações da narrativa seriada em Arrested Development	Letícia Luzia da Silva Furtado	2018	Revista Rascunho	https://bit.ly/3lgJcyk
“Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas	Mario Carvalho	2018	Cadernos Pagu	https://bit.ly/3nCrcXq
As pesquisas sobre ficção seriada: um estudo da produção acadêmica brasileira de 2013 a 2017	Heitor Leal Machado	2018	Revista GEMInIS	https://bit.ly/33RvJOI
Sentidos em torno do corpo transexual: o discurso médico-científico no livro <i>A Garota Dinamarquesa</i> de David Ebershoff	Dánie Marcelo de Jesus; Gabriel Marchetto; Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin	2019	Revista Linguagem em Foco	https://bit.ly/3tDQkkg
Representações de minorias em séries da Netflix, estudo sobre o personagem Eric da série Sex Education	Pedro Henrique Cruz de Oliveira Silva; Lara Lima Satler	2019	Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste	https://bit.ly/3qIPnFo
Apagamento, estereótipos e preconceito: a representação da bissexualidade feminina na série televisiva Glee	Adriana Schryver Kurtz; Fabiana Marsiglia Thomas	2020	Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2020	https://bit.ly/3II5PI4
Discursos sobre transexualidade e direitos a partir de Britney em A Dona do Pedaço e Michelly em Bom Sucesso	Diego Gouveia	2020	Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2020	https://bit.ly/3AgDfOU

Visibilidade gay em Malhação Vidas Brasileiras: dispositivo pedagógico da diferença e recepção da trama	Gêsa Cavalcanti; Vinicius Ferreira	2020	Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2020	https://bit.ly/3GK7kZT
Performatividade e afeto no corpo lésbico em Azul é a cor mais quente	Catarina Amorim de Oliveira Andrade; Daiany Ferreira Dantas	2020	Anais do 29º Encontro Anual da COMPOS	https://bit.ly/3Afdlv8

Fonte: Elaboração própria.

Ao realizar uma leitura exploratória, percebemos que os artigos tinham como tema apenas a comunidade LGBTQIA+, a televisão ou, ainda, a comunidade LGBTQIA+ representada na televisão. Em uma leitura seletiva, com o objetivo de afunilar os resultados, foram desprezados os trabalhos que discorriam sobre os temas de forma separada, posteriormente organizando somente os que continham um enlaçamento de ambos os temas. Essa seleção resultou em um total de oito artigos coletados entre os anos de 2011 e 2020, conforme observado no Quadro 2.

Quadro 2 – Seleção de destaques do levantamento bibliográfico.

TÍTULO	AUTOR(ES)	ANO DE PUBLICAÇÃO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	LINK DE ACESSO
Os personagens homossexuais na trama televisiva: um estudo do seriado “Queer as Folk”(2001-2005)	Caroline Stefany Depieri	2011	Anais do V Congresso Internacional de História	https://bit.ly/3GESrIa
Construção de personagens LGBT no seriado televisivo True Blood	Rodrigo Lessa Cezar Santos	2012	Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH	https://bit.ly/3GLLI4D
<i>The L Word</i> em movimento: convergências de uma série lésbica	Lilian Werneck Rodrigues	2012	Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora	https://bit.ly/3KqjDwE

Homoafetividade na TV: análise do casal Brian e Justin na série Queer as Folk	Daniel Silveira da Cruz	2015	Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia	https://bit.ly/3AdlLmJ
Representações sociais de gênero: série televisiva liberdade de gênero e a desconstrução de um padrão binário	Angelina Domichelli Sabatini Duarte	2017	Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade FUMEC	https://bit.ly/3lo8NWf
A construção da identidade do eu através do outro sob a égide da série Sense8	Rachel de Melo Farias; Maria Beatriz Dias de Medeiros; Herbett Lucas Arruda Fonseca	2017	Anais do III Seminário Internacional do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina	https://bit.ly/3tLnChI
Representações de minorias em séries da Netflix, estudo sobre o personagem Eric da série Sex Education	Pedro Henrique Cruz de Oliveira Silva; Lara Lima Satler	2019	Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste	https://bit.ly/3qlPnFo
Apagamento, estereótipos e preconceito: a representação da bissexualidade feminina na série televisiva Glee	Adriana Schryver Kurtz; Fabiana Marsiglia Thomas	2020	Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2020	https://bit.ly/3lI5PI4

Fonte: Elaboração própria.

A partir disso, os resultados quantitativos apontaram que, apesar de um número considerável de trabalhos, o tema da representação da comunidade LGBTQIA+ na mídia televisiva era pouco trabalhado entre 2011 e 2014, com o total de quatro artigos coletados. O tema ganhou mais atenção entre 2015 e 2020, totalizando seis publicações. Outro fator de destaque foi o local de publicação dos trabalhos, pois a maioria pertencia a publicações destinadas exclusivamente aos estudos televisivos, sendo quatro publicados nos anais da Intercom.

Vemos que os trabalhos acadêmicos cresceram entre 2015 e 2020, mas as discussões sociais sobre a comunidade LGBTQIA+ pareceram crescer e estar mais expostas a partir de 2019, quando o STF instaurou a lei de criminalização da

LGBTfobia¹⁵. Foram coletados trabalhos relevantes sobre a representação da comunidade LGBTQIA+ nas ficções seriadas, porém as análises e discussões acerca de gênero e sexualidade ainda são escassas e pouco aprofundadas.

Seria interessante encontrar próximas publicações que pontuassem mais a fundo e mostrassem, com análises dos episódios, como as produtoras estão representando uma comunidade que, pouco a pouco, ganha mais espaço nas mídias, na sociedade e na política. Além disso, seria interessante encontrar análises que mostrassem a representação também na vida real: atores, produtores e diretores que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ e estão produzindo e atuando em produções que falem abertamente dessa minoria.

O trabalho *Os personagens homossexuais na trama televisiva: um estudo do seriado “Queer as Folk” (2001-2005)* analisa as relações homossexuais e as suas representações na televisão, mais especificamente da série *Queer as Folk*. A autora tomou como base metodológica questões de identidade, diversidade cultural, gênero e TV, encontrando apoio em Stuart Hall (2004), Bauman (2004), Simone de Beauvoir (1980), entre outros. O trabalho analisa brevemente os personagens da série, além de “estudar as representações sobre relações homossexuais presentes e constituídas no seriado” (p. 1.836) de uma perspectiva de historiadora.

Construção de Personagens LGBT no Seriado Televisivo True Blood analisa a construção de personagens LGBT em *True Blood*, buscando apresentar a forma como a sexualidade dos personagens é apresentada, como eles desenvolvem seus relacionamentos amorosos e como eles se inserem na trama. Como teoria, o autor toma como base o conceito de Camp, postulado por Sontag (1987), para tratar do homossexual, além de Lopes (2002) e Netzley (2010).

A dissertação *Representações sociais de gênero: série televisiva Liberdade de Gênero e a Desconstrução de um Padrão Binário* propõe um questionamento acerca do padrão “normal” de gênero, o binário, a partir de uma pesquisa bibliográfica, tendo como base teórica autores como Judith Butler (1999), Michael Foucault (Ano), Stuart Hall (Ano), entre outros, e se valendo de uma análise da série televisiva *Liberdade de Gênero* para apresentar a importância da desconstrução do padrão binário.

O artigo *A construção da identidade do eu através do outro sob a égide da série Sense8* propõe um caráter bibliográfico exploratório, analisando as relações

¹⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>. Acesso em: 20 jan. 2022.

dialógicas dos personagens, para que seja possível compreender “o Eu através do Outro” (p. 1), e tomando como base teórica Judith Butler (1999), Miskolci (2012) e Santos Filho (2015). Os autores, por meio da Linguística, analisam a construção dos personagens LGBTs da série.

Representações de minoria em séries da Netflix: estudo sobre o personagem Eric da série Sex Education propõe uma verificação das representações das minorias nas séries da Netflix, focando, mais especificamente, o personagem Eric da série *Sex Education*. O autor, a partir de autores como Bauman (2005), Diana Rose (2008) e Judith Butler (1999), busca compreender como a identidade do personagem é construída e “perceber como os roteiristas criaram as características físicas, culturais e sentimentais do personagem Eric” (p. 1).

O artigo *Apagamento, estereótipos e preconceito: a representação da bissexualidade feminina na série televisiva Glee* propõe uma análise da representação da bissexualidade feminina em *Glee*. Por meio da personagem Birttany Pierce, os autores questionam o modo como a série representou a sexualidade, utilizando estereótipos negativos e reforçando estigmas que ainda pairam sobre a orientação, especificamente, da mulher. Como base teórica, foram utilizados os conceitos de autores como Kellner (2001), Yoshino (2000), Eisner (2013), entre outros.

A dissertação *The L Word em movimento: convergências de uma série lésbica a partir da convergência midiática* analisa a série para compreender a relação dos meios de comunicação com as características do comportamento das fãs brasileiras dentro da cultura participativa. A autora busca entender a interlocução da série com as suas fãs “no ambiente de convergências dos meios” (p. 7). Para fundamentação teórica, ela se baseia em autores como Jenkins (1999), Butler (2001), Sedgwick (2006), entre outros.

Dessa maneira, podemos concluir que existe uma convergência teórica nos artigos selecionados, bem como o personagem LGBTQIA+ como centro das análises. Podemos observar, ainda, que as discussões acerca do tema são tímidas, porém trazem análises e propostas de reflexões relevantes, além de ressaltarem a importância de se trazer e de se entender a relevância da representação da comunidade LGBTQIA+ nas séries televisivas.

Esta dissertação de mestrado, portanto, além desta introdução, está dividida em três capítulos de desenvolvimento e um para as considerações finais. No primeiro capítulo, propomos uma revisão teórica sobre os estudos de gênero, a partir das

pesquisas de Judith Butler (1999), Eve K. Sedgwick (1985), Berenice Bento (2008) e Adriana Agostini (2020). No segundo capítulo, discorremos sobre os estudos de televisão e televisualidades, sobretudo no que interessa à análise narrativa e estilística de ficção seriada, com base em autores como Jeremy G. Butler (2010), David Bordwell (2005; 2008; 2013), Kristin Thompson (2003) e Simone Maria Rocha (2016). No terceiro capítulo, aplicamos a teoria na análise de recortes da primeira temporada da série *Euphoria*, oferecendo, assim, uma contribuição aos estudos de telepoética.

1 ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

As primeiras teorias de gênero surgiram, em meados do século XVI, a partir de perspectivas biológicas, com o objetivo de compreender o conceito de gênero, que, conforme apresenta o professor de Psicologia Rafael De Tilio (2014), era formado por proposições filosóficas, religiosas e científicas. As teorias aprofundadas no século XIX postulam que gênero e sexualidade são definidos pelos sexos biológicos.

Dentro dessa lógica, os homens, biologicamente, eram considerados mais fortes e superiores; já as mulheres, por terem características físicas menos avantajadas, eram mais sensíveis e responsáveis pela organização e pelo zelo do grupo. Dessa forma, os homens teriam certo controle sobre as mulheres, pois eram responsáveis pela caça e proteção. Segundo Tilio (2014, p. 129), “a sexualidade seria uma extensão da natureza biológica que garante a perpetuação da espécie”.

A partir disso, tem-se a criação do binarismo tanto de gênero quanto de sexualidade, sendo perpetuado e difundido por diversas gerações. Qualquer característica ou comportamento social ou psicológico que se afastasse desse binarismo postulado era considerado um desvio de comportamento ou uma doença, a exemplo dos transgêneros.

O binarismo foi – e ainda é – uma forma de ditar o comportamento e as ações das pessoas diante da sociedade, visto que qualquer outro que se mostre diferente é excluído do convívio social. O pensador francês Michel Foucault (1979) postulou um modelo de controle de corpos, de modos de existência e da população. Esse modelo foi denominado “dispositivo da sexualidade” e definido como

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos filosóficos, morais, filantrópicas. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Dessa maneira, os modos de ser e agir em espaços de convivência social se tornam ditados pelo gênero e pela sexualidade – fato justificado, pois as teorias postuladas por volta do século XX definem a masculinidade como forte e dominante e a feminilidade como fraca e submissa. Porém, com o surgimento dos estudos feministas e as contribuições da Psicanálise e da Antropologia, outros gêneros e sexualidades começaram a ser considerados.

Joan Wallach Scott foi uma das primeiras a teorizar sobre a questão de gênero, por volta de 1980. A renomada historiadora norte-americana “define gênero como o conjunto dos sentidos dinâmicos (não biologicamente determinados) construídos nas relações de poder que sustentam as relações entre homens e mulheres” (TILIO, 2014, p. 133); ou seja, são as relações de poder, e não o sexo, que definem como homens e mulheres mantêm suas interações. As contribuições de Scott para os estudos de gênero, no entanto, não romperam completamente com o binarismo biológico.

Com o intuito de quebrar o padrão binário de gênero e sexualidade, surgiram as teorias pós-modernas de gênero, destacando a filósofa pós-estruturalista Judith Butler (1999) e a crítica literária Eve Kosofsky Sedgwick (1985). Ambas as teóricas estadunidenses tiveram como base para suas fundamentações as contribuições do já mencionado Michel Foucault (1988) e do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida (1995) sobre o assunto.

O dispositivo da sexualidade, para Foucault (1988), é o que controla os corpos, em uma sociedade, por meio de um conjunto de práticas e discursos. Dessa maneira, os corpos masculinos teriam certo poder sobre os corpos femininos em suas relações; além disso, com o surgimento dos conceitos de “homossexual” e “homossexualidade”, surgiu, também, mais uma maneira de controlar a vida da população, pois isso passou a delimitar os modos de existir. Nesse sentido, o casal heterossexual era o padrão ideal e socialmente aceito, já que era tido apenas com o sentido de reprodução; qualquer outra sexualidade que se desviasse era considerada doença e, por isso, existia a necessidade de um controle.

Já as contribuições de Derrida (1973, p. 177), pautadas na desconstrução, trazem o conceito de “suplementaridade”, que é “um excesso, uma plenitude enriquecendo outra plenitude, a culminação da presença. Ele cumula e acumula a presença”; ou seja, os significados em um sistema dependem da presença e da ausência. Desse modo, pode-se dizer que, a partir dessa perspectiva de Derrida, o heterossexual precisa do homossexual para ter a sua definição. O heterossexual se faz dessa maneira, pois ele se define em oposição ao que não é – e vice-versa.

1.1 Gênero na modernidade: os estudos *queer*

O sociólogo britânico Anthony Giddens, em seu livro *Modernidade e identidade*, refere-se à modernidade “como as instituições e modos de comportamento

estabelecidos na Europa depois do feudalismo” (GIDDENS, 2002, p. 21). No século XX, porém, os impactos foram maiores, e a modernidade, segundo o autor, teve duas principais dimensões: a industrialização e o capitalismo.

Além disso, o autor diz que o “eu” e a “sociedade” estão inter-relacionados e que, dessa forma, formulamos nossas identidades a partir da influência dos meios sociais nos quais estamos inseridos (GIDDENS, 2002, p. 37). Somadas a isso, as contribuições do sociólogo polonês Zygmunt Bauman acerca da identidade se fazem relevantes para esta discussão, uma vez que, para ele, as identidades individuais são oscilações contínuas (BAUMAN, 1999, p. 102); ou seja, não possuímos identidades fixas durante toda nossa existência.

Assim, deparamo-nos com uma teoria que leva em consideração esse sujeito moderno e sua estreita relação com os meios em que vive e com os quais convive: a teoria *queer*. Os estudos, nesse campo teórico, são resultado do encontro dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês. O enfoque ocorre na problematização das concepções tradicionais de identidade, sujeito, sexualidade e identidade, refutando, por exemplo, a concepção de binarismo, bem como a existência única da heterossexualidade.

Com base nas teorias de Foucault e Derrida, os teóricos dos estudos *queer* começaram a questionar as normas sociais historicamente instituídas e como poderiam romper com as marcas da heteronormatividade. Em *between men: english literature and male homosocial desire*, por exemplo, Sedgwick (1985) analisa os triângulos amorosos, nos romances ingleses do século XIX, e o modo como a dominação feminina está ligada à rejeição de relacionamentos amorosos entre homens.

Sedgwick utiliza o termo “homossocial”, que denomina e determina a sexualidade não como um simples desejo sexual, mas como uma estrutura que define a sociedade ao longo da história. Com isso, existe a diferença de quando homens e mulheres buscam o poder, e as diferenças de gênero influenciam a construção e a estruturação da sexualidade (SEDGWICK, 1985, p. 2).

A autora, ainda, aponta que “mulheres amando mulheres” ou “mulheres dando apoio a outras mulheres” se conectam com o termo de “lesbianismo”. Porém, quando temos homens oferecendo apoio a outros homens, temos o patriarcado, definido pela economista norte-americana Heidi Hartmann, fundadora e presidente do Institute for Women's Policy Research, como sendo “relações entre homens, as quais possuem

uma base material, e embora hierárquicas, estabelecem ou criam uma dependência e solidariedade entre os homens que os permitem dominar as mulheres” (HARTMANN, 1979 *apud* SEDGWICK, 1985, p. 3).

Sedgwick (1985) diz que, revisitando alguns autores, esse patriarcado obriga a predominância de uma heterossexualidade por conta da forte dominação masculina – consequentemente, é um patriarcado homofóbico. Esses fatores fazem com que a homossexualidade seja reprimida e oprimida, fato resultante do mesmo sistema que oprime e reprime as mulheres.

1.2 O sujeito transexual e a transexualidade

A discussão de gênero tem sido perpetuada por diversos autores que trazem, em suas teorias, novas dinâmicas sociais, afastando, então, o conceito que determinou o único, até então, modo de comportamento, de relacionamento e de sexualidade.

O binarismo, que surgiu em meados do século XIX, pressupõe que apenas dois sexos existem: o feminino e o masculino. Por isso, os gêneros que fogem a essa definição não são considerados “normais”. Segundo Berenice Bento (2012, p. 17), o sistema binário amarra todas as outras esferas dos sujeitos a essa única determinação, logo “a natureza construiu a sexualidade e posicionou os corpos de acordo com as supostas disposições naturais”.

Portanto, ao pensar no sujeito transexual, aquele que não se identifica com o gênero com o qual nasceu, e considerando, então, a definição do binarismo, ele seria tido como um gênero “estranho” ou “diferente”, por não se encaixar nos padrões sociais predeterminados.

Bento (2012) diz que, a partir do século XX, a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise começaram a considerar como doença as pessoas que reivindicavam o sexo com o qual nasceram, ou seja, o seu reconhecimento social. A autora sugere que a transexualidade seja definida como uma experiência identitária, sendo, portanto, caracterizada por um conflito com as normas binárias de gênero, relacionando-se ao campo da sexualidade (BENTO, 2012, p. 18).

Com isso, surge o questionamento sobre o que seriam as definições de um homem e de uma mulher “de verdade”, como aponta a autora, e como esses conceitos emergem da definição do que seria um homem e uma mulher transexual. Desse modo,

a sociedade define que o “normal” é a heterossexualidade e os gêneros masculino e feminino, e a transexualidade vem para romper a barreira da normalidade, revelando divergências com as normas de gênero que foram fundadas a partir da heterossexualidade. Butler (1990), então, diz que são as normas de gênero que definem o que é o “real”.

Bento (2012, p. 24) (re)analisa os corpos por meio da ótica do isomorfismo e do dimorfismo. O isomorfismo considera a existência de dois corpos diferentes radicalmente opostos e que os comportamentos dos gêneros são explicados a partir desses corpos, ou seja, compreende-se uma igualdade entre os corpos feminino e masculino. A autora complementa:

No isomorfismo, a vagina era vista como um pênis invertido. O útero era o escroto feminino: os ovários, os testículos: a vulva, um prepúcio e a vagina, um pênis invertido. A mulher era fisiologicamente um homem invertido que carregava dentro de si tudo que o homem trazia exposto. (BENTO, 2012, p. 26).

Nesse modelo, o corpo é representado por uma continuidade e a sua diferença é determinada por graus: o homem é quente, logo tem a possibilidade de gerar a vida. Já a mulher é menos quente e, então, guarda a semente que é produzida pelo calor do homem.

O dimorfismo é o modelo que define a masculinidade com um grau de perfeição superior à imperfeição feminina e, por isso, a organização social deve ser ditada e orientada pela natureza. Portanto, não seria possível a existência de outros gêneros que não fossem o masculino e o feminino.

Bento (2012) afirma que é difícil pensar na transexualidade quando pressupomos a existência de um único corpo, já que o dimorfismo propôs desdobramentos para a organização social, em que o natural seria um gênero superior ao outro e quaisquer outros corpos que se opusessem a essa narrativa seriam marginalizados.

1.3 As tecnologias de gênero

Bento (2012) também aborda as tecnologias que predefinem os gêneros. Ela aponta que, quando uma mulher está grávida, existe uma ansiedade em descobrir o sexo da criança e, quando isso acontece, diversas definições surgem diante dessa

descoberta. Paul B. Preciado (*apud* BENTO, 2012, p. 33) diz que a revelação do sexo “evoca um conjunto de expectativas e suposições em torno de um corpo que ainda é uma promessa”. Portanto, antes que a criança nasça e tenha a possibilidade de se descobrir e descobrir sobre o seu corpo, são feitas diversas especulações com relação a: se for menina, gostará de rosa e será frágil; se for menino, gostará de azul e será viril. Por isso, quando essa criança sente que o seu corpo é diferente e que, talvez, ela não seja o gênero que a foi biologicamente destinado, surgem dúvidas e medo.

Bento (2012, p. 33) aponta que “a materialidade do corpo só adquire vida inteligível quando se anuncia o sexo do feto”. A autora, então, define essa rede de pressuposições sobre corpos que ainda não nasceram como corpos sexuais, que são regidos pelas normas de gênero. Sendo assim, a frase “é um menino/uma menina” se torna uma tecnologia sofisticada, que cria expectativas sobre aquele corpo, além de produzir masculinidades e feminilidades que estão ligadas ao órgão genital.

Os brinquedos, por exemplo, atribuídos ao sexo da criança, são chamados por Bento (2012) de “próteses identitárias” e funcionam como um aparato para determinar o feminino e o masculino. A autora diz que “o sexo é aquilo que alguém tem ou uma descrição estática. O sexo é uma das normas pela qual se torna viável, qualificador de humanidade e matéria corpórea” (BENTO, 2012, p. 37). Por isso, a transexualidade é o indício de que o ser humano não é predestinado a cumprir os desejos de suas estruturas corpóreas; logo, ele não obedece ao processo de produção dos gêneros, revelando a possibilidade de transformação dessas normas sociais reguladoras.

Outro ponto abordado por Bento é a questão da preparação dos corpos para uma vida referenciada na heterossexualidade. Antes mesmo de nascerem, as crianças são colocadas em ambientes binários: a escolha da cor das roupas, os brinquedos e os ambientes de convívio são determinantes para construir o corpo de acordo com o seu sexo biológico. Dessa forma, se as crianças demonstram comportamentos diferentes dos ditos como normais, sofrem com o que a autora chama de “heteroterrorismo”, isto é, com atitudes que inibem comportamentos que não condizem com a heterossexualidade. Se meninos brincam de boneca, são repreendidos com enunciados que dizem que isso não é coisa de menino; se meninas jogam bola, são repreendidas com enunciados que dizem que meninas são delicadas e não podem jogar bola.

Nesse contexto, as diferenças de gênero e sexualidade são vistas como um modo de retroalimentar a heterossexualidade, pois, segundo Jacques Derrida (1974,

p. 143), “a diferença gera aquilo que ela proíbe, tornando possível a própria coisa que ela torna impossível”. Isso faz com que a transexualidade seja a “materialização do impossível” e, dessa forma, ultrapasse a capacidade da compreensão, já que não faz parte da única possibilidade de se construir sentidos para a sexualidade e o gênero.

As frases “isso não é coisa de menino/menina” são tidas como um controle produtor dos gêneros masculino e feminino, visto que, quando ditas, estão reprimindo qualquer outra possibilidade de sexualidade e gênero e reforçando, então, o masculino e feminino – e a heterossexualidade. Essas verdades, de acordo com Bento (2012), estão interiorizadas em nós e as carregamos desde sempre, fazendo com que apenas uma sexualidade seja possível, normal e verdadeira: a heterossexualidade. A autora pontua que o gênero tem vida por meio das roupas, dos gestos e dos olhares, de modo que esses sinais exteriores são o que dão visibilidade ao corpo; portanto, cada ato se torna uma verdade estabelecida para aqueles gêneros e é, consequentemente, tido como um dos atos determinados pela natureza.

Logo, quando se fala da transexualidade, ela é colocada à margem, já que não corresponde ao que se tem socialmente visto como normal, pois ela interrompe a reprodução das normas de gênero e “explicita o caráter excludente da categoria humano das pessoas que reconstroem suas posições identitárias, transitando e, portanto, negando a precedência explicativa do biológico”, de acordo com Butler (*apud* BENTO, 2012, p. 47). No entanto, pergunta-se como se pode identificar uma mulher ou um homem de verdade. Quais são os modos, as ações e os sentimentos masculinos e femininos? Com isso, Bento (2012, p. 47) explica que “a verdade dos gêneros não está no corpo, já nos diz a experiência transexual, mas nas possibilidades múltiplas de construir novos significados para os gêneros”.

1.4 A representação da lesbianidade nas séries ficcionais

A letra L, de lésbica, está disposta no início da sigla LGTBQIA+, justamente para simbolizar a busca por mais representatividade. A homossexualidade feminina foi vista, por muito tempo, de forma sexualizada, como um modo de agradar os homens heterossexuais. Adriana Agostini (2020, p. 26) diz que “a alteração na ordem das letras é um movimento claro dos grupos de militância homossexual para dar mais visibilidade às mulheres lésbicas”. Por isso, a autora busca refutar a ideia da

invisibilidade lésbica, na qual traz a questão da emersão de produções audiovisuais que estão transformando o invisível em visível.

Do lado histórico, os primeiros registros de relacionamentos entre mulheres datam da Grécia Antiga, com Safo. Ela viveu na ilha grega de Lesbos e mantinha relações amorosas e sexuais com mulheres. Os poemas escritos por Safo eram sempre endereçados a suas amantes, porém foram censurados. O termo “lésbica” se originou a partir da poeta.

Agostini (2020) cita outras importantes figuras lésbicas que foram extremamente importantes para a construção de uma identidade feminina e homossexual, e como a representação desta, em produções cinematográficas, audiovisuais e literárias, a tornou uma fonte de fortalecimento para as mulheres homossexuais. Após citar as primeiras aparições de relacionamentos amorosos entre mulheres, a autora segue para as passagens religiosas, citando Lilith, a primeira mulher de Adão, a qual aparece descrita no Talmud, que encontra Eva e acaba desenvolvendo uma profunda afeição por ela, carregada de energia erótica (AGOSTINI, 2020, p. 34).

Ainda, nesse contexto, a autora faz citação à passagem do relacionamento de Noemi e Rute: no capítulo 1, versículo 16 do livro de Rute, é possível encontrar uma sugestão de que a própria Bíblia reconheceu um relacionamento lésbico. Citando a passagem, encontramos: “Rute, porém, respondeu: ‘Não insistas comigo que te deixe e que não mais te acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus!’” (BÍBLIA, Rute 1:16).

Passa-se, ainda, pela Idade Média, época em que eram comuns os conventos de monjas e onde os relacionamentos entre mulheres floresceriam, sendo registrados na literatura lésbica medieval. Porém, a partir dos anos 1920 e 1930, as mulheres costumavam se encontrar em reuniões exclusivas, e lésbicas famosas frequentavam as noites da cidade de Paris. Esses encontros foram chamados de “academia de mulheres”, que foi um marco na história da lesbianidade e reuniu diversas personalidades lésbicas, mostrando que era mais do que apenas um local de diversão. Essas mulheres encontravam apoio umas nas outras, tanto afetivamente quanto financeiramente, vivendo, portanto, suas sexualidades e amores e criando fortes laços. Na mesma época das francesas, nos Estados Unidos, o desejo pelo mesmo sexo se tornou um signo de sofisticação, e foi onde nasceu a expressão *lesbian chic* – mulheres que mostravam certa independência.

Além disso, deparamo-nos com o surgimento da cultura *butch/femme*, explicita a autora, que era mais comum entre as mulheres negras e que teria surgido em meio à cultura carcerária. Algumas historiadoras, como Esther Newton, dizem que a lésbica *butch*, uma lésbica com traços e jeitos mais masculinos, foi a primeira figura da mulher homossexual mais visível, conquistando espaço político e divulgando a cultura lésbica. Já a lésbica *femme* possui traços e jeitos mais femininos, mantendo, assim, o estereótipo da mulher delicada e feminina. Porém, em alguns meios, como o das imagens ficcionais, essa visibilidade não existe e “reflete em direitos políticos ainda por conquistar” (AGOSTINI, 2020, p. 40). Essas imagens ficcionais fazem parte de um termo que a autora denomina como “lesbolândia”.

Parte-se do princípio de que a lesbolândia são essas imagens da lesbianidade, assumidas ou não, em armários mais ou menos fechados ou escancarados, que se deram a ver no cinema e na televisão ao longo das últimas décadas. (AGOSTINI, 2020, p. 41).

Agostini faz uma retrospectiva sobre as imagens de lésbicas que perpetuaram o cinema e a televisão. As produções começaram significativamente nos anos 1970 e, a partir desse ponto, as personagens lésbicas foram se transformando ao longo dos anos. A frequência das aparições foi mudando, bem como a aparência, o modo como se relacionavam com outras personagens e a maneira como encaravam suas orientações sexuais. Até os anos 1990, os personagens LGBTQIA+ eram postos nas séries e nos filmes como alívio cômico ou em situações que causavam pena e medo.

2 ESTUDOS DE TELEVISÃO E TELEVISUALIDADES

A televisão é um invento da década de 1920, nascida dos estudos do engenheiro escocês John Logie Baird. A primeira transmissão televisiva de que se tem informações ocorreu no início dessa década e consistiu em uma exibição de imagens estáticas, por meio de um sistema mecânico de televisão analógica. Somente no ano de 1925 Baird conseguiu “transmitir, de sua casa, imagens a distância do seu vizinho Willian Taynton, à casa ao lado, fazendo de Taynton o primeiro homem televisado ao vivo na história da televisão” (ABREU; SILVA, 2011, p. 3).

As primeiras transmissões regulares ocorreram a partir da década de 1930, “tanto na Alemanha como no Reino Unido, tanto na União Soviética como nos Estados Unidos” (CÁDIMA, 2001, p. 2). Após vários anos de aprimoramentos tecnológicos e eletrônicos, a televisão se tornou popular nos Estados Unidos, na década de 1950, passando a ser um item essencial para se ter em casa e despertando diversas argumentações em sua defesa e em sua acusação.

O comunicólogo brasileiro Arlindo Machado (2000), em *A televisão levada a sério*, cita dois importantes teóricos dos estudos televisivos, especialmente em sua fase inicial: o filósofo alemão Theodor W. Adorno e o educador canadense Herbert Marshall McLuhan. O autor explica que “se para Adorno a televisão é congenitamente ‘má’, não importando o que ela efetivamente veicula, para McLuhan a televisão é congenitamente ‘boa’ nas mesmas condições” (MACHADO, 2000, p. 18).

Apesar de ambos os autores mencionados alegarem que a televisão não é lugar para produtos “sérios”, isto é, “que merecem ser considerados em sua singularidade” (*apud* MACHADO, 2000, p. 19), o aparato televisivo desempenha um importante papel nas representações da sociedade.

O sociólogo e crítico cultural britânico Ellis Cashmore argumenta que “a TV parece ser uma representação perfeitamente natural da realidade: uma janela para o mundo” (CASHMORE, 1998, p. 59). Com base nessa afirmação, é possível considerar que, na verdade, o que vemos nas séries de televisão, nas telenovelas, nos telefilmes e em outras formas de manifestação da ficção televisiva é a representação da nossa sociedade formatada para o entretenimento.

A televisão, genericamente julgada como veiculadora de informações efêmeras, incapaz de produzir fenômenos memoráveis – em detrimento do que ocorre no cinema, na música e em outras expressões artísticas –, é a grande responsável

por transmitir diversos tipos de conteúdo em ampla escala e de modo veloz, além de possibilitar o contato com diferentes tipos de cultura.

Devido a essa constatação, acreditamos que olhar para a televisão como a disseminadora de produtos relevantes para a construção da cultura de uma sociedade é essencial, pois, dessa maneira, é possível entendermos o seu real valor e como ela contribui, de forma direta ou indireta, para a nossa formação como indivíduos. Entre as maneiras possíveis de realizar essa observação, estão os estudos de poética televisiva, também chamados de “telepoética”.

2.1 A ficção televisiva e os estudos de telepoética

Compreender a ficção televisiva é um esforço que vai além da mera descrição ou da interpretação descompromissada do objeto de estudo; por esse motivo, alguns autores vêm propondo fundamentos teóricos e percursos metodológicos, para que uma análise científico-acadêmica seja efetivada com seriedade. Embora seja possível mencionar diversos nomes, um que dialoga com nossos pensamentos acerca do estudo de produtos televisivos é Jeremy G. Butler.

Pesquisador consagrado nos campos teóricos da televisão e do cinema, o estadunidense Jeremy G. Butler traz contribuições valiosas para a compreensão da comunicação audiovisual, especialmente quando discorre sobre o estilo televisivo. Em seu livro *Television style*, Butler (2010) recorre a David Bordwell, outro nome de destaque nos estudos de audiovisual contemporâneo, para amparar sua definição de estilo:

Estilo é a textura tangível de um filme, a superfície perceptual que nós encontramos enquanto vemos e ouvimos, e esta superfície é o nosso ponto de partida na movimentação da trama, do tema e do sentimento – tudo o que importa para nós. (BORDWELL, 2008, p. 32).

Reconhecemos a problemática de alguns termos presentes nessa citação, devido à característica ambígua de seus significados: o que seria uma “textura tangível”? Como compreender a “superfície textual”? Como delimitar “tudo o que importa”? Por essa razão, apresentamos outro conceito, também de Bordwell (2013), que traz uma solução mais clarificadora para o entendimento de estilo aplicado ao audiovisual:

No sentido mais estrito, considero o estilo um uso sistemático e significativo de técnicas da mídia cinema em um filme. Essas técnicas são classificadas em domínios amplos: *mise-en-scène* (encenação, iluminação, representação e ambientação), enquadramento, foco, controle de valores cromáticos e outros aspectos da cinematografia, da edição e do som. O estilo, minimamente, é a textura das imagens e dos sons do filme, o resultado de escolhas feitas pelo(s) cineasta(s) em circunstâncias históricas específicas. (BORDWELL, 2013, p. 17).

A partir disso, já se torna possível trabalhar com a ideia de estilo televisivo como sendo o “uso sistemático e significativo” das técnicas identificadas nas produções criadas/veiculadas pela televisão. Também, é com base nessa noção de “resultado de escolhas” que alguns estudiosos do estilo desenvolveram os seus próprios métodos de análise, geralmente ancorados em descrições, nos resultados dessas descrições e na avaliação possível desses resultados.

Butler, porém, propõe que, para compreender o estilo de um produto televisivo, é preciso dividir a análise em quatro etapas: a descritiva, a analítica (ou de interpretação), a avaliativa (ou estética) e a histórica.

A primeira delas, a descritiva, surge como um complemento para os estudos de Semiótica, que estava “mais preocupada com as perguntas da narrativa do que as de enunciação da forma em som e imagem” (BUTLER, 2010, p. 4). Em outras palavras, aspectos como a posição de câmera, o som e o movimento, negligenciados pelos estudos semióticos convencionais, passaram a ser considerados na análise estilística descritiva.

Como exemplo, o semioticista francês Christian Metz, ao discorrer sobre a linguagem audiovisual, desenvolveu um tipo de análise chamado de “sintagma por sintagma”, levando em consideração apenas a narrativa dos objetos estudados. Já o analista fílmico francês Raymond Bellour e o professor norte-americano de cultura e literatura Stephen Heath utilizaram, para ilustrar suas descrições estilísticas, tabelas e diagramas que mostravam as posições de câmera e as escalas das tomadas (BUTLER, 2010).

Com base nessa exposição, parece-nos inviável realizar uma análise estilística sem que, para isso, seja realizada, também, uma análise narrativa. A respeito desse assunto, também é Bordwell (2005) que, inspirado pelo pensamento dos formalistas russos, propõe o entendimento de narrativa audiovisual como a combinação da história (ou fábula) com a trama (ou *syuzhet*).

Para Bordwell (2005, p. 278), a fábula vem a ser um termo para “os eventos em sequência cronológica causal”, ou seja, o conjunto de situações nas quais os personagens se encontram e de ações que eles executam na história, motivando um “constructo do espectador”. Já a trama consiste na “apresentação sistêmica dos eventos da fábula no texto”, isto é, no modo como a história é apresentada ao espectador, com seus avanços e recuos no tempo, alterações da espacialidade, manutenções e rupturas no processo de exposição do enredo.

Como consequência da união do estudo da narrativa com o estudo do estilo, surge o que Bordwell (1989) vai denominar de “análise poética”. Com a retomada das ideias de Aristóteles, em sua *Poética*, o teórico do audiovisual define a poética como a compreensão do “resultado de um processo de construção”, a partir de investigações sobre “o modo como o trabalho é composto, sua função, efeitos e usos” (BORDWELL, 1989, p. 371).

Propondo uma adaptação dos estudos de poética cinematográfica, tão marcantes na bibliografia de Bordwell, para observar as produções televisivas, Butler (2010) sugere a utilização do termo “telepoética” (*telepoetics*, no original). A respeito desse assunto, afirma que a “poética não é, portanto, um mero formalismo. Mais do que isso, ela aborda o estilo como a manifestação física do tema e da narrativa, no caso do filme de ficção. E esses elementos estão sempre culturalmente situados” (BUTLER, 2010, p. 20).

2.2 Narrativas midiáticas

Narrar é o ato de contar uma história, ficcional ou não ficcional. Segundo Miriam Cristina Carlos Silva e Tarcyanie Cajueiro Santos (2014, p. 356), a narrativa midiática consiste em “uma realização mediata da linguagem que propõe comunicação a uma série de acontecimentos a um ou mais interlocutores, de modo a compartilhar experiências e conhecimentos”. Além disso, Eduardo Peñuela Cañizal (2007) afirma que a narrativa se constitui de um código, ordenado segundo as três regras da fábula, das personagens e da maneira de contar, e que

[...] a narração constitui a instância em que o narrador, enquanto sujeito manipulador, têm mais possibilidades de desenvolver sua imaginação criativa. Disso se tem prova quando o leitor centra seu interesse não exclusivamente nas peripécias ou no desempenho dos atores, mas também na maneira de arranjar esses elementos. (PEÑUELA CAÑIZAL, 2007, p. 191).

A partir disso, pode-se entender a narrativa midiática como narrativas que possuem diferentes tipos de suportes para que possam ser contadas, tendo, com isso, diferentes maneiras de narrar.

Além disso, surge a questão quanto a se os textos ficcionais conseguem narrar e expor uma verdade. Milly Buonamo, estudiosa dos estudos televisivos e midiáticos, em uma entrevista, faz um comentário sobre o livro *Guerra e paz* e as verdadeiras guerras napoleônicas, alegando que

Ele é verdadeiro porque é plausível no mais alto grau, em consonância com a própria ordem da realidade simbólica e imaginada; de alguma forma, isto incorpora e subjuga o elemento histórico-factual à intenção primária da narrativa que, sem dúvida, continua sendo a narração da realidade possível. (BUONAMO, 2014, p. 201).

Com isso, é possível inferir que, apesar de sermos apresentados a uma narrativa ficcional, encontramos características que farão alusão à realidade. Porém, além disso, Peter Gay (2010) diz que um texto de ficção pode expor profundas verdades humanas, bem como expressar subjetividades do autor. Desse modo, a narrativa midiática desempenha o papel de mediador entre produto e receptor.

2.3 Percurso metodológico

Segundo João Paulo Hergesel (2019, p. 66), as narrativas televisivas “são guiadas por um enredo e movimentadas por personagens em uma específica noção de tempo dentro de um espaço, sob um determinado foco narrativo”, fazendo com que elas possam ser observadas por perspectivas distintas, a partir do enfoque que se deseja aplicar. Devido a isso, o autor acredita que é “inviável buscar uma verdade a respeito dos processos interpretativos das narrativas; entender sua estrutura e seu mecanismo torna-se aparentemente mais relevante” (HERGESEL, 2019, p. 66).

Já para a análise estilística, Bordwell (2018, p. 59) escreve que é de seu interesse observar “a descrição de cenários e personagens, a narração de suas motivações, a apresentação dos diálogos e do movimento”. De acordo com o autor, também se torna relevante identificar as qualidades expressivas, as quais “podem ser transmitidas pela iluminação, pela cor, pela interpretação, pela trilha musical e por certos movimentos de câmera” (BORDWELL, 2008, p. 59). Isso leva a crer que a análise estilística se justifica porque “sem interpretação e enquadramento, iluminação

e comprimento de lentes, composição e corte, diálogo e trilha sonora, não poderíamos apreender o mundo da história” (BORDWELL, 2008, p. 57-58).

Considerando, portanto, a necessidade de unir a análise narrativa à análise estilística para propor um estudo de telepoética, esta pesquisa encontra suporte no seguinte protocolo de análise: primeiro, foi realizada uma leitura descompromissada da série, na plataforma de *streaming* HBO Max. Após isso e após a definição dos objetivos da pesquisa, foram selecionados os recortes dos episódios nos quais as duas personagens aparecem juntas e estão em contato.

3 ANÁLISE NARRATIVA E ESTILÍSTICA DE *EUPHORIA*

Jeremy G. Butler (2010) trata dos estudos de estilo e mídia, afirmando que os recursos estilísticos manifestados pelos produtos midiáticos podem ajudar a compreender estes. Cada estudioso de estilo deve desenvolver um método próprio de descrição, chamado por David Bordwell (apud BUTLER, 2010, p.3) de “superfície perceptiva”, de um programa de televisão ou de um filme.

Além disso, deve-se explicitar porque tal programa ou filme é significativo, bem como quais serão os resultados da análise e a interpretação e/ou avaliação do que foi descrito. Segundo o autor, ao final, é preciso desenvolver uma análise histórica, descrevendo como o estilo mudou durante os anos e elencando as causas dessas mudanças. A partir disso, Butler (2010) separa as análises em quatro etapas: descritiva, analítica (interpretação), avaliativa (estética) e histórica.

A primeira delas, a descritiva, diz respeito à descrição detalhada das cenas, ao modo como os personagens estão agindo, à sequência dos fatos e às falas. A segunda, a analítica, aborda questões de estilo e de texto; portanto, essa etapa trabalha com padrões de elementos estilísticos, de acordo com Butler (2010, p. 11). Dessa forma, é necessário observar, em um programa de televisão, como os *frames* se relacionam um com o outro, como a luz de um *frame* impacta a de outro, a justaposição das cenas com efeitos sonoros e música etc. A terceira delas, a avaliativa, trata dos estilos de imagem e som; porém, de acordo com o autor, não existe uma definição exata para a análise dessa etapa. A última, a histórica, aborda uma análise que traz comparações históricas entre produções, como semelhanças nas narrativas, no estilo de filmagem e na estilística.

O primeiro episódio de *Euphoria*, intitulado *Pilot*, nos introduz ao universo da série, apresentando as personagens e os cenários. Os acontecimentos são narrados por Rue e mesclados com os diálogos das outras personagens. Em determinado momento, ela encontra sua colega de escola Kat e vão juntas para a festa de Christopher McKay. Depois de alguns acontecimentos, Jules chega à festa para também encontrar Kat, porém um desentendimento com Nate a impede, fazendo com que ela vá embora.

Quando Jules está prestes a deixar a residência, entre os minutos 47:15 e 47:53, Rue se aproxima e diz que acompanhou o incidente que houve na cozinha.

Elas se apresentam e Rue pergunta: “*Where are you headed to?*”¹⁶, ao que Jules responde: “*Home. Probably*”¹⁷. Rue, então, indaga: “*Can I come with you?*”¹⁸.

A câmera foca as duas personagens em um plano aberto e, dessa maneira, é possível observar as reações de ambas as personagens nesse primeiro contato. Após dizerem seus nomes, elas apertam as mãos, em um gesto de cumprimento, e, depois que Jules concorda com a companhia, Rue sorri, e a cena corta.

Figura 15 – Jules saindo da festa (1)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

¹⁶ Para onde está indo? (Tradução livre).

¹⁷ Para casa. Provavelmente. (Tradução livre).

¹⁸ Posso ir com você? (Tradução livre).

Figura 16 – Jules saindo da festa (2)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 17 – Jules pegando a bicicleta (1)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 18 – Jules pegando a bicicleta (2)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 19 – Rue conversando com Jules (1)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 20 – Rue conversando com Jules (2)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 21 – Jules respondendo Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 22 – Jules sorrindo para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

A série trabalha com o jogo de cores durante todos os episódios, buscando traduzir os sentimentos das personagens, além de ajudar o telespectador a compreender melhor a cena em questão. Esse fenômeno acontece, pois, de acordo com Goethe, em sua *Teoria das cores*, existe um conceito chamado “efeito sensível-moral das cores”, que diz respeito aos efeitos que cada cor produz no ser humano: “elas nos causam estados anímicos específicos e provocam em diferentes indivíduos sensações, reações e comportamentos similares” (*apud* POSSEBON, 2005, p. 15). Atualmente, a psicologia das cores explica como o indivíduo reage quando exposto a determinada cor ou combinação de cor.

Em *Euphoria*, as cores são fortes e vivas nas cenas, e cada uma dessas cores transmite um sentimento ao telespectador. A cor roxa¹⁹, por exemplo, é associada a elementos fantásticos e sobrenaturais, quando o personagem se desprende da realidade, e ao erotismo; vemos o predomínio dessa cor quando Rue se encontra sob o efeito de drogas ou quando nos deparamos com uma cena sexual. Já o azul²⁰, uma cor fria, está associado à verdade, ao racional, à calma, à tristeza e à introspecção, sendo esta positiva ou negativa. Vemos o azul presente nas cenas em que Rue trava

¹⁹ Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/2788-o-que-cada-cor-significa-no-cinema>. Acesso em: 15 jan. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://www.qu4rtostudio.com.br/post/a-teoria-das-cores-no-cinema>. Acesso em: 15 jan. 2022.

a batalha contra o vício, já que as drogas lhe garantem alívio e felicidade momentânea. O vermelho e o rosa são associados ao amor, à paixão e ao desejo; vemos essas cores nas cenas em que Rue e Jules se encontram, transmitindo, portanto, o sentimento que as personagens nutrem durante a temporada.

Sendo assim, partindo da dimensão analítica, no primeiro momento descrito anteriormente, quando a câmera foca as duas personagens, podemos ver a predominância de uma cor mais quente, trazendo um sentimento de descontração para a primeira conversa do casal. Após o convite de Rue para Jules, percebemos que ambas ficam em silêncio, tendo apenas a música do ambiente da festa de fundo, indicando que as duas concordaram com o convite.

Figura 23 – Rue e Jules na primeira conversa



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 24 – Rue comenta sobre a festa



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 25 – Rue faz uma pergunta



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 26 – As garotas se entreolham

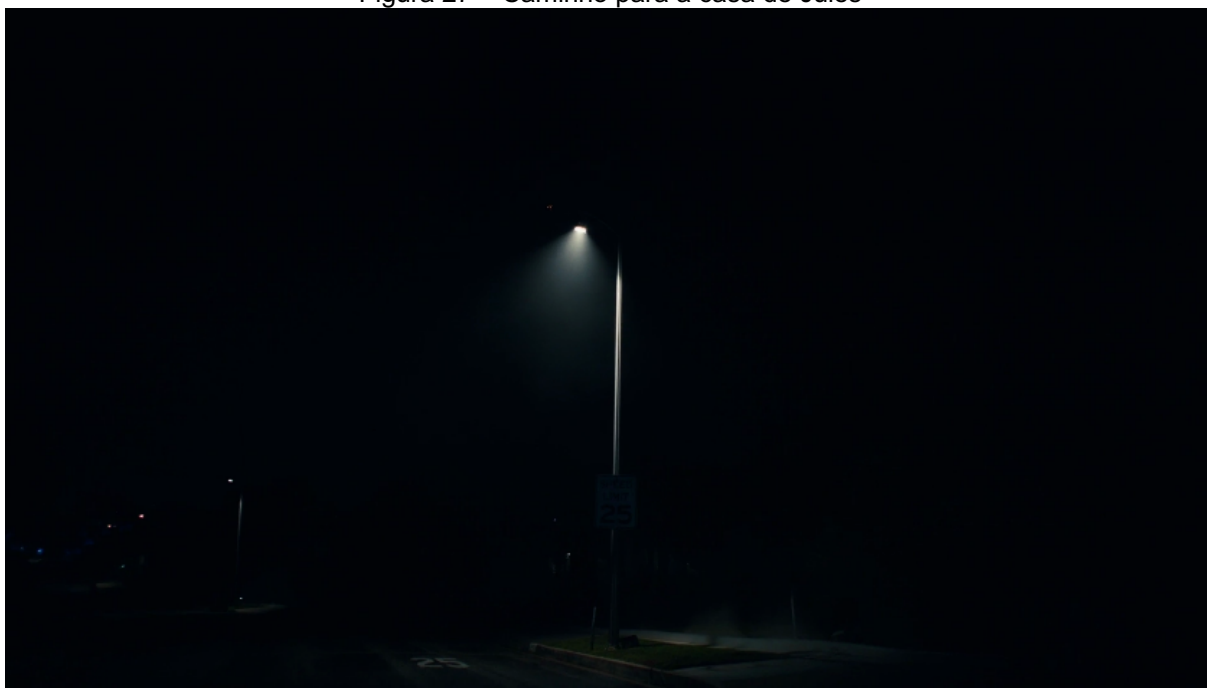


Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Na cena seguinte, vemos Rue e Jules no caminho para a casa. Observa-se, na composição dessa cena, a luz baixa e azulada, mostrando a tranquilidade da rua em que passam, bem como a tranquilidade do momento em si, em que ambas estão sozinhas e tendo o primeiro momento juntas. Logo de primeira, podemos observar que as mãos de Rue se entrelaçam na cintura de Jules, assim que as personagens montam na bicicleta.

Outro elemento estilístico que constitui a cena são os movimentos em câmera lenta junto de uma melodia de instrumentos calma, que acompanha o caminho das personagens e dá um tom aconchegante a essa ocasião. Em um segundo momento, podemos observar o corte de câmera focando em Rue e em como ela aproveita a situação, passando um sentimento de segurança ao telespectador, ao encostar a cabeça nas costas de Jules.

Figura 27 – Caminho para a casa de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 28 – *Fade* entre a rua e a mão de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 29 – Mão de Rue na cintura de Jules



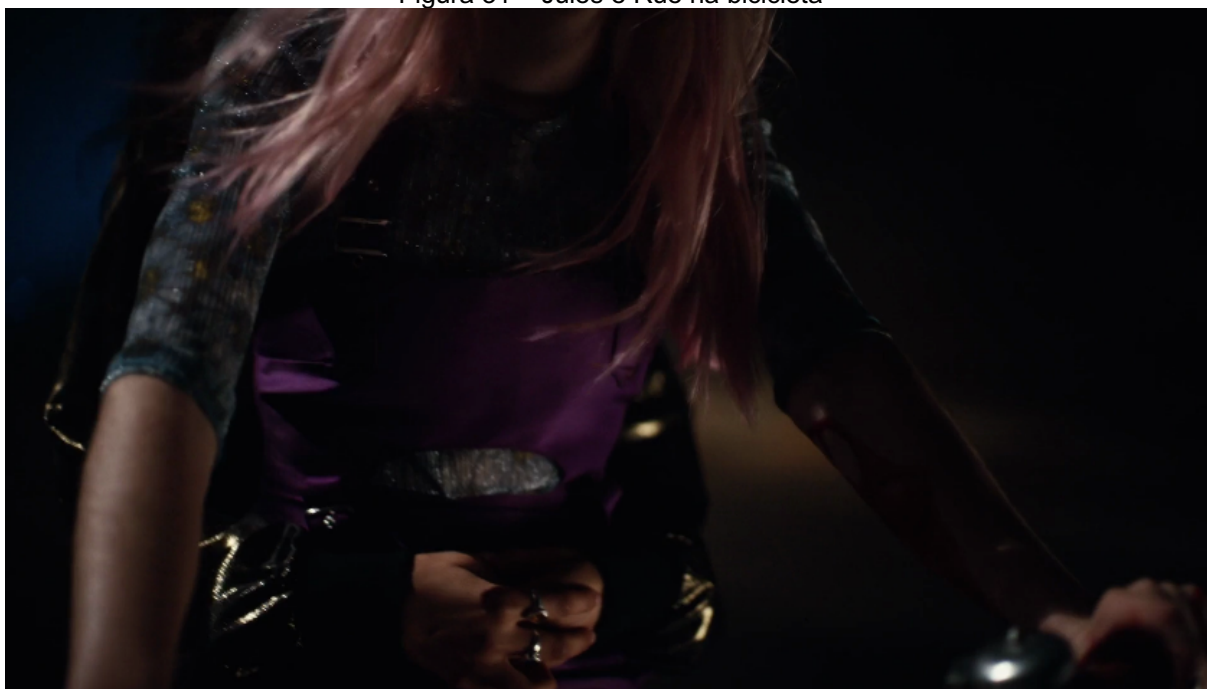
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 30 – Rue segura na cintura de Jules



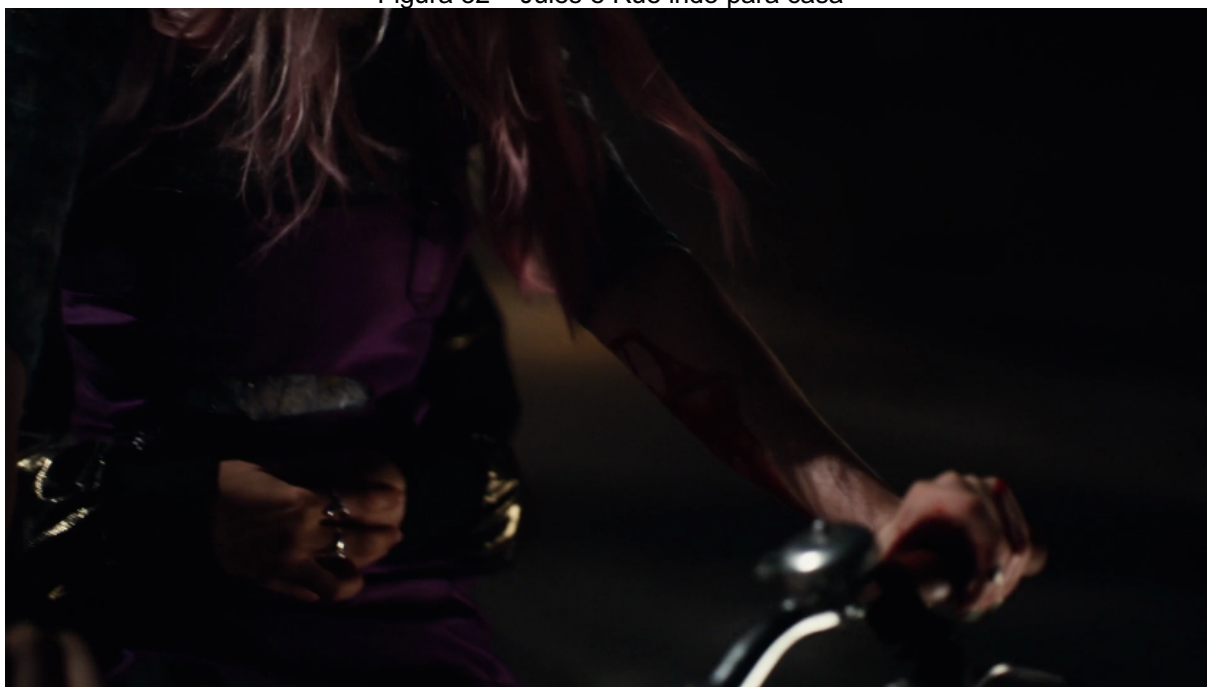
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 31 – Jules e Rue na bicicleta



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 32 – Jules e Rue indo para casa



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 33 – Jules segurando no guidão (1)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 34 – Jules segurando no guidão (2)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Na próxima cena, a música cessa e voltamos a escutar o som ambiente. Jules abre a porta de sua casa, convidando Rue a entrar. Essa cena inicia com a câmera focando os pés das personagens e, depois, focando a Rue, que faz uma espécie de

escaneamento da casa de Jules, ao olhar para cima e para os lados, notando um ambiente diferente do que estava acostumada. As cores retomam para um espectro mais frio, expressando uma sensação de quietude. A cena continua e as personagens sobem as escadas em direção ao quarto de Jules. Chegando à porta, Jules pede que Rue faça silêncio e elas entram no cômodo. No quarto, pode-se perceber um ambiente mais iluminado, acompanhando o dia que amanhece.

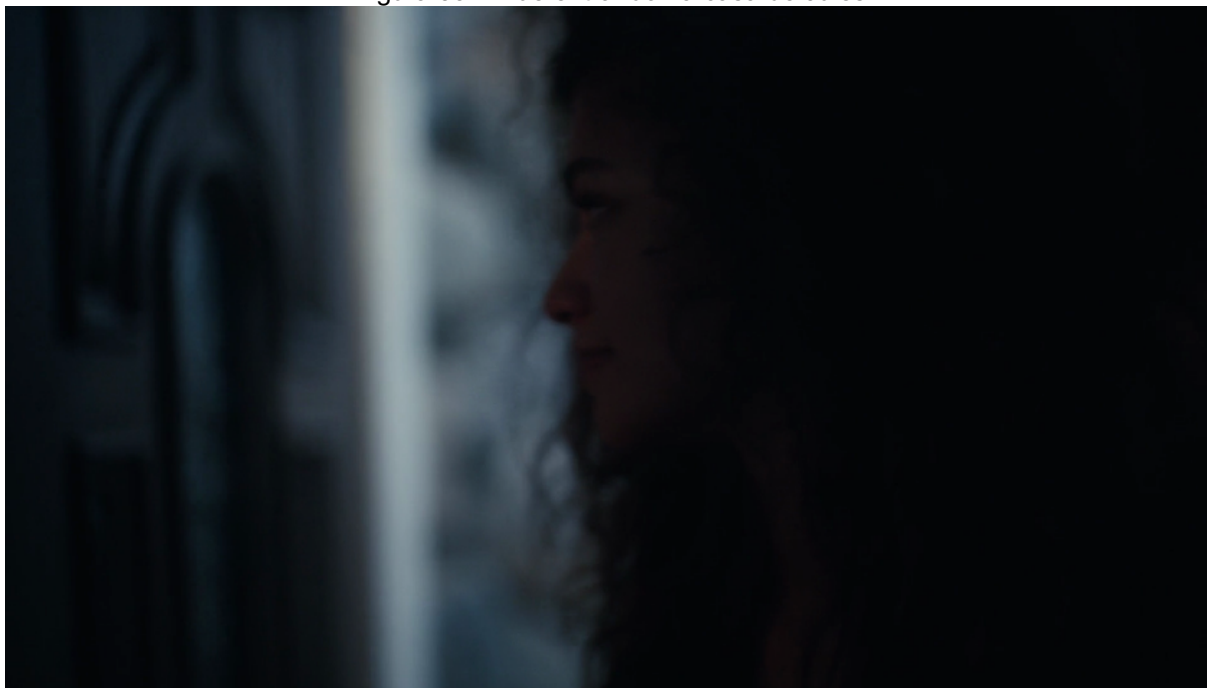
Rue observa Jules trocar de roupa, de modo que se percebe o constrangimento da jovem enquanto a outra se despe. A garota dá um sorriso apertando os lábios e, logo em seguida, quando Jules tira a camiseta e fica apenas de sutiã, ela esbarra no espelho que está à sua direita e se desculpa pelo barulho. Pode-se entender esse constrangimento como um dos primeiros sinais de uma atração física por Jules – atração que, nos episódios futuros, irá se desenvolver e se transformar em um interesse amoroso.

A interação entre as garotas continua até o encerramento do episódio. Enquanto Jules estava na festa, ela acabou se acidentando com uma faca, o que causou um grande corte em seu braço. Enquanto estão sentadas na cama, Rue limpa cuidadosamente o ferimento do braço de Jules, enquanto ambas lançam olhares e sorrisos uma para a outra. Depois que Jules recebeu os devidos cuidados, as duas se deitam. Com o dia já amanhecido, elas se entreolham, e Rue coloca uma mecha de cabelo de Jules atrás da orelha, tocando carinhosamente em seu rosto. O episódio, então, é finalizado em câmera alta, plano zenital, com o foco na troca de carinhos entre as duas garotas.

A partir disso, podemos identificar o início da formação das imagens de lesbianidade, conforme explicita Agostini (2020), possibilitando iluminar a visibilidade lésbica na televisão ficcional seriada. A autora afirma que:

Uma imagem adquire significado exatamente na tensão entre os movimentos de quem a produz, suas características internas, seus canais de distribuição e nos movimentos de quem a recebe. É preciso considerar que o discurso da visibilidade lésbica tem esses circuitos comunicativos como questão, sendo também uma reflexão sobre dinâmicas culturais específicas que produzem e atribuem sentido a imagens. (AGOSTINI, 2020, p. 42).

Figura 35 – Rue entrando na casa de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 36 – Rue analisando a casa



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 37 – Rue se dirigindo ao quarto



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 38 – As meninas subindo a escada



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 39 – Jules abrindo a porta do quarto



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 40 – Jules pedindo silêncio



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 41 – Rue olhando para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 42 – Rue segurando o espelho



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 43 – Rue cuida da ferida de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 44 – Rue e Jules se entreolham



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 45 – Rue termina o curativo



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 46 – Rue fecha o curativo



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 47 – Rue e Jules se deitam



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 48 – Rue e Jules na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 49 – Rue acarinha Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 50 – Rue acarinha o cabelo de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 51 – Rue e Jules deitadas



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 52 – Rue e Jules se entreolham



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 53 – Rue e Jules conversam



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 54 – Rue e Jules se olham



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

No segundo episódio, a partir do minuto 09:04, vemos Rue de volta à escola, em seu primeiro dia depois de sair da reabilitação. A personagem está no refeitório, sentada em uma das mesas. A câmera nos apresenta a cena em um plano aberto e

se aproxima do rosto de Rue enquanto ela olha para frente e abre um sorriso. No corte seguinte, o espectador pode ver o contentamento da garota, que está, na verdade, olhando para Jules, que se encontra do outro lado do pátio. Jules também sorri quando vê Rue, indicando que ambas estavam felizes em se encontrar no ambiente escolar.

Ainda, nessa cena, temos Rue narrando alguns pensamentos enquanto tudo acontece. A personagem diz: *“I made a new best friend, for the first time since getting out of rehab I was feeling good about the world”*²¹. Portanto, quando juntamos as falas (o roteiro) com a movimentação de câmera (elemento estilístico) e nos baseamos nas considerações de Jeremy Butler (2010), é possível inferir que ter conhecido Jules fez com que um sentimento diferente surgisse na garota.

Figura 55 – Rue olha para frente



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

²¹ Eu fiz uma nova melhor amiga e, pela primeira vez desde que saí da reabilitação, eu estava me sentindo bem em relação a tudo. (Tradução livre).

Figura 56 – Rue olha para frente e sorri



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 57 – Jules olha para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 58 – Jules sorri para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Outro momento de destaque, ainda nesse episódio, é quando Rue está em uma aula de teatro na escola. A professora pede para que os alunos subam ao palco e compartilhem uma história de cinco minutos que aconteceu no verão. A personagem abraça os joelhos e se cobre com o seu agasalho para que não seja vista, porém a técnica falha e Rue acaba sendo chamada para subir ao palco e contar sua história. Holofotes com fortes luzes focam a garota, no meio do palco, e as suas lembranças começam a aparecer para o telespectador. Nesse momento, o espectador se depara com imagens em tons amarronzados e texturização granulada. Além disso, é possível reparar que as bordas da tela estão arredondadas, mostrando, então, que aquela imagem é, especificamente, uma lembrança de algo do passado.

Rue tenta recordar as lembranças do seu verão, mas sente dificuldade, pois elas não são boas. A personagem cita uma cena em que ela, a irmã e a mãe estão no carro, voltando do hospital após um episódio de overdose, e, enquanto a música toca de fundo, podemos ver que Rue se lembra do momento em que esteve com Jules. Ambas estavam deitadas na cama, trocando olhares e sorrindo uma para a outra. Isso registra ao telespectador o início do romance, além de um momento de felicidade da personagem.

Figura 59 – Rue no palco do teatro



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 60 – Rue passando as mãos no rosto



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 61 – Rue passando as mãos no cabelo



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 62 – Rue olhando para os colegas



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 63 – Jules e Rue na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 64 – Jules e Rue conversando



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 65 – As garotas se entreolham



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 66 – Jules sorri para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

As imagens que passam, enquanto Rue se esforça para recordar algo bom, são apresentadas com uma coloração em sépia, bordas arredondadas e pretas, evidenciando que se trata de memórias antigas da personagem. Além disso, podemos inferir que, apesar de Rue não conseguir contar sobre as memórias boas do seu verão para a turma, uma dessas memórias foram alguns momentos com Jules, depreendendo que estar com ela foi uma situação boa para Rue.

No terceiro episódio, intitulado *Made you look*²², a primeira cena com a qual o telespectador se depara é a de Rue e Jules deitadas em uma cama, dormindo após um episódio de abuso de drogas. Jules abraça Rue por trás, entrelaçando seu braço em sua cintura, enquanto ambas dormem. Logo após essa rápida cena, Rue começa a narrar a história da personagem Kat.

Figura 67 – Rue e Jules dormem juntas



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

²² Fez você olhar. (Tradução livre).

Figura 68 – Jules abraça Rue por trás



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

A partir do minuto 11:06, o telespectador se depara com um momento de tensão entre Rue e Jules. A cena das garotas na cama retorna e o seguinte diálogo começa:

Jules: I'm not kidding Rue. I'm not trying to become best friends with someone who's gonna fucking kill themselves.²³

Rue: I know. I didn't mean to do this.²⁴

Jules: I've been through, like... enough traumatic shit in my life that I don't... I can't like...²⁵

(Transcrição do áudio).

Após a última fala de Jules, Rue a abraça e segura com firmeza a sua mão, continuando o diálogo:

Rue: I get it. I get it.²⁶

Jules: I don't want to be around you if you don't stop using drugs.²⁷

Rue: Okay.²⁸

(Transcrição do áudio).

²³ Eu não estou brincando, Rue. Eu não quero ser melhor amiga de alguém que está tentando se matar, porra. (Tradução livre).

²⁴ Eu sei. Não era a minha intenção. (Tradução livre).

²⁵ Já passei... por merdas traumáticas o suficiente na minha vida que eu não consigo... Eu não posso... (Tradução livre).

²⁶ Entendi. Entendi. (Tradução livre).

²⁷ Não quero ficar perto de você se você não parar de usar drogas. (Tradução livre).

²⁸ Ok. (Tradução livre).

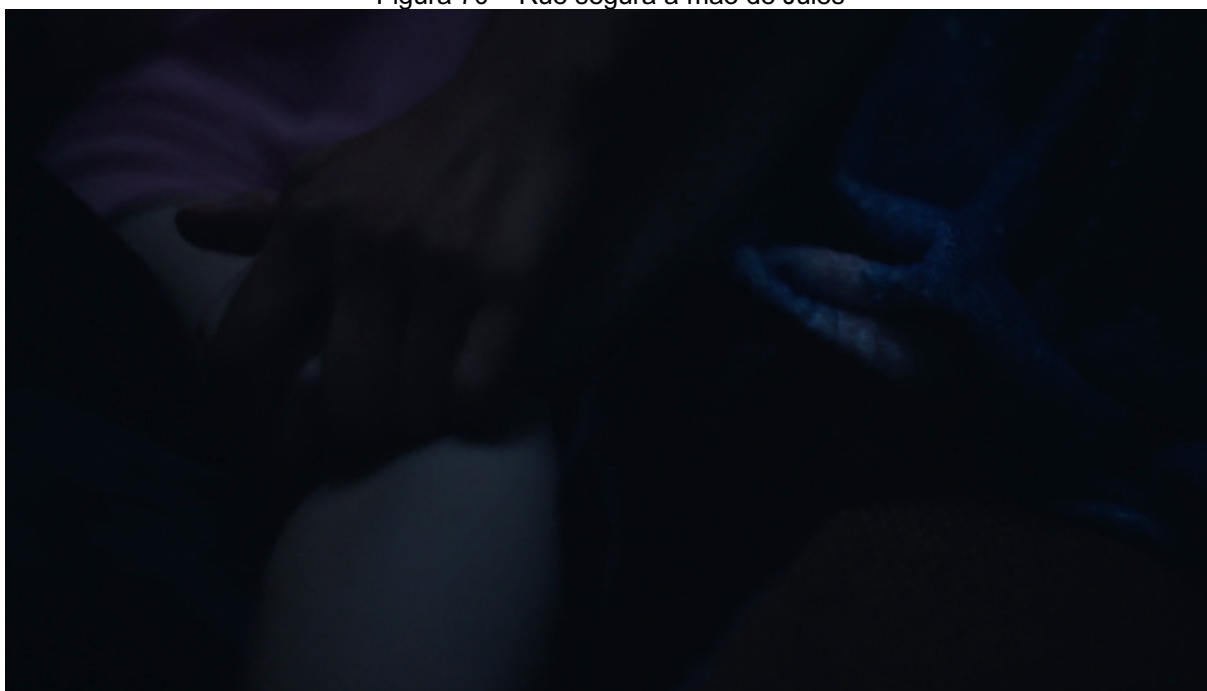
Enquanto profere essas palavras, vemos que Rue está com o queixo encostado no pescoço de Jules e, ainda, está segurando a mão da garota, em um gesto que demonstra que a sua promessa será, dessa vez, cumprida.

Figura 69 – Rue abraça Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 70 – Rue segura a mão de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 71 – Rue abraça Jules por trás



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 72 – Jules conversa com Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

No mesmo episódio, a partir do minuto 24:29, vemos as duas garotas ainda no quarto, tirando fotos sensuais de Jules para um aplicativo de relacionamento gay. Rue auxilia sua amiga para que as fotos saiam como se a própria Jules as tivesse tirado. Vemos que Jules traja apenas roupas íntimas, calcinha e sutiã, e, quando ela se vira de costas para trocar a peça, podemos ver certo desconforto da parte de Rue, insinuando, portanto, que ela sente atração por sua colega. Um pouco mais adiante na cena, a mãe de Rue liga em seu telefone para saber onde ela estava. A personagem responde, então, que está na casa de Jules e que mais tarde precisa ir a uma reunião dos Narcóticos Anônimos (NA). O seguinte diálogo começa:

Jules: Wait. You've been clean for like, two weeks, right?²⁹

Rue: Yeah. That's right.³⁰

Jules: Rue!

Rue: What?³¹

Jules: You've been... Come here! Oh, my god! I'm so proud of you.³²

(Transcrição do áudio).

Em seguida, Jules beija freneticamente o rosto de Rue. Com isso, podemos entender que um sentimento está nascendo dessa amizade. Nota-se como o olhar de Rue muda ao estar com Jules e como ela se sente desconfortável quando a amiga troca de roupa – sinais de que há mais do que apenas um sentimento de amizade.

²⁹ Espera. Você está limpa já faz umas duas semanas, né? (Tradução livre)

³⁰ Sim, é isso. (Tradução livre)

³¹ O que? (Tradução livre)

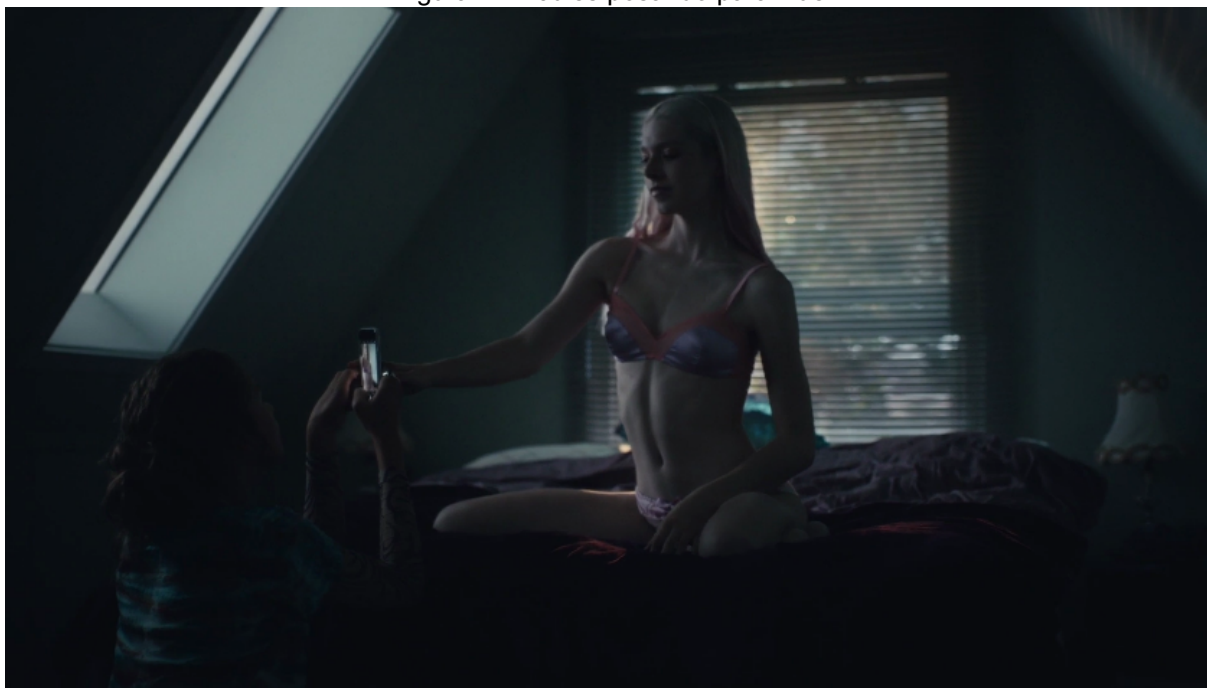
³² Você esteve... Vem aqui! Meu deus, eu estou tão orgulhosa de você. (Tradução livre)

Figura 73 – Rue tirando foto de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 74 – Jules posando para Rue



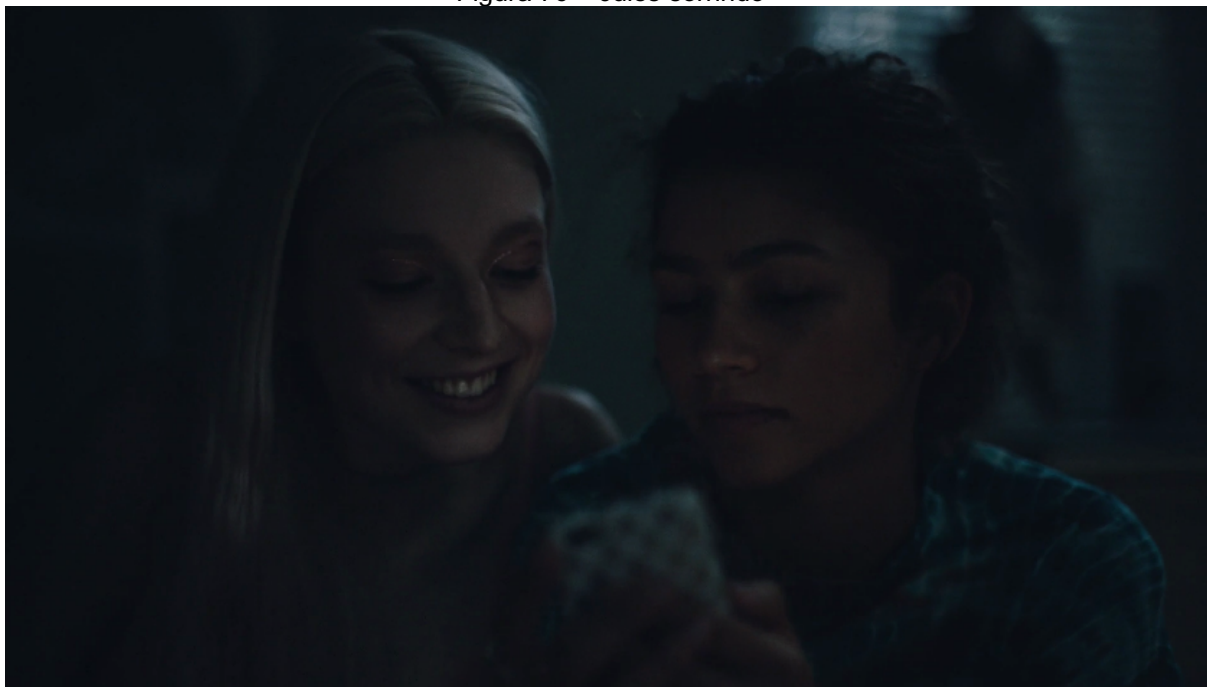
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 75 – Jules e Rue olhando as fotos



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 76 – Jules sorrindo



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 77 – Jules e Rue na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 78 – Jules acarinha Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 79 – Jules se inclina até Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 80 – Jules beija o rosto de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Ainda, no terceiro episódio, deparamo-nos com uma cena muito importante na construção do relacionamento das personagens. Antecedendo esse acontecimento, entre os minutos 46:58 e 48:37, vemos as garotas discutindo sobre os perigos de se encontrar com alguém que conheceu de maneira virtual. No caso, Jules conhece um rapaz por um aplicativo de relacionamento *gay* e conta para Rue que irá encontrá-lo depois de um festival da cidade. Rue, então, indaga por que não o encontrar no festival, já que é um lugar mais seguro. As garotas discutem sobre, então Jules fica irritada e vai embora.

Figura 81 – Jules encostada nas pernas de Rue



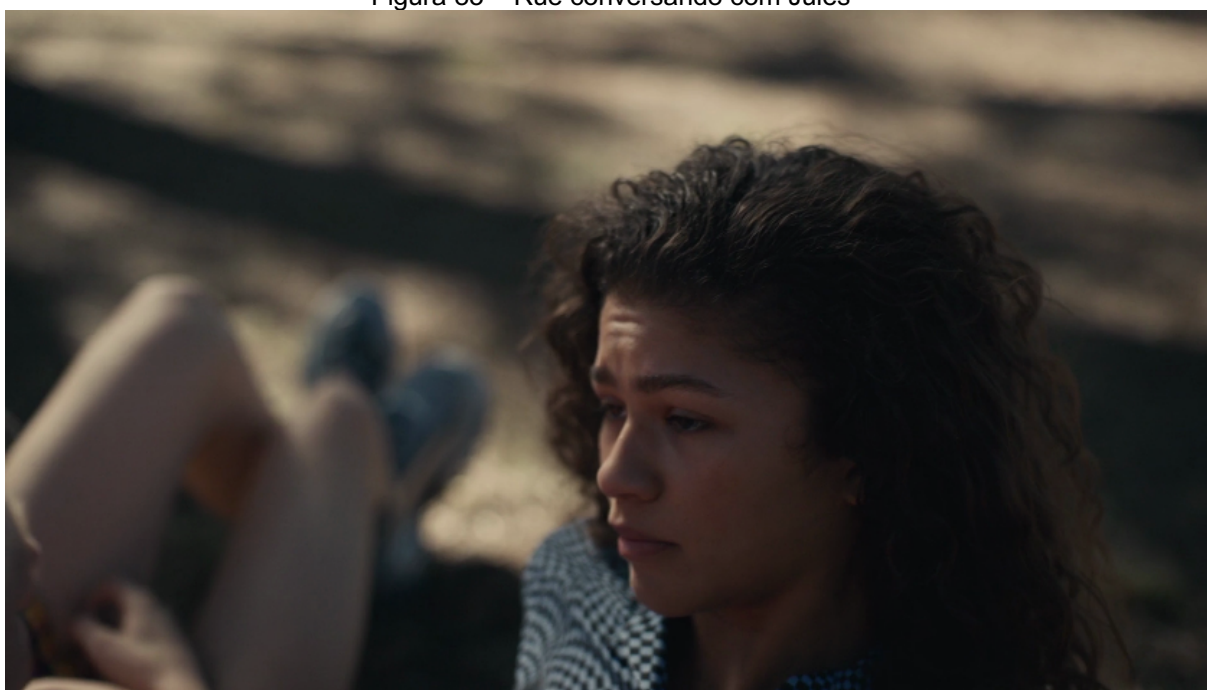
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 82 – Jules conversando com Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 83 – Rue conversando com Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 84 – Rue questionando Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 85 – Jules prestes a levantar



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 86 – Jules indo embora



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 87 – Rue confusa



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 88 – Rue inconformada



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Depois do minuto 49:11, vemos Rue parada na porta da casa de sua amiga, esperando que alguém a atenda. O pai de Jules atende o chamado da porta e a deixa entrar, informando a filha que Rue estava subindo para o quarto.

Figura 89 – Rue na porta de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 90 – Rue entrando na casa de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Quando ela adentra o quarto, podemos perceber uma rigidez em seu corpo e movimentos que demonstram certa ansiedade. O seguinte diálogo se desprende:

Rue: Hey. Um, I don't want to fight with you.³³

Jules: I don't want to fight with you. either.³⁴

Rue: You have to understand that I just want you to be safe, okay? I just, I don't want anything bad to happen to you. And, you know, you just can't be mad at me for wanting you to be okay. You can say I'm being anxious; you know? Just... It hurts my heart too much. And... it just, I...³⁵

Jules: I'm not mad at you.³⁶

Rue: You're the best thing that's happened to me in a really long time, and I just don't want... anything bad to happen, so please don't be mad at me. Just don't be mad.³⁷

Jules: I'm sorry. I get it. I love you. I really do.³⁸

Rue: I love you too.³⁹

(Transcrição do áudio).

³³ Ei, eu não quero brigar. (Tradução livre).

³⁴ Eu também não. (Tradução livre).

³⁵ Você precisa entender que eu só quero que você fique segura, ok? Eu só, eu não quero que nada de ruim aconteça com você. E, sabe, você não pode ficar brava comigo só porque eu quero que você fique bem. Pode dizer que estou sendo ansiosa, sabe? É que... Isso machuca demais o meu coração. E, é que... (Tradução livre).

³⁶ Eu não estou brava com você. (Tradução livre).

³⁷ Você foi a melhor coisa que me aconteceu em muito tempo, e eu não quero... que nada de ruim aconteça, então, por favor não fique brava comigo. Não fique brava. (Tradução livre).

³⁸ Desculpe. Eu entendo. Eu te amo. De verdade. (Tradução livre).

³⁹ Eu te amo também. (Tradução livre).

Figura 91 – Jules deitada na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 92 – Jules se levantando



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 93 – Rue entrando no quarto



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 94 – Rue parando em frente a Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Nessa cena, podemos perceber as cores neutras e uma luz natural entrando pela janela do quarto da personagem. Além disso, a linguagem corporal das personagens nos indica que é um assunto delicado para ambas, resultando em uma sensação de nervosismo e ansiedade para a cena. Pelo diálogo, nas palavras que Rue profere para Jules, pode-se notar que o sentimento de preocupação e carinho começou a ser construído a partir da possibilidade de ver que a amiga poderia estar em perigo.

Em um ato de carinho e para garantir a Rue que estava tudo bem, Jules levanta da cama e a toma em um abraço amigável. Após ambas dizerem “eu te amo”, elas se afastam e a câmera foca Rue; logo depois, há um corte que foca Jules, que encara a garota com um sorriso nos lábios. Em seguida, a câmera volta a dar foco para as personagens juntas: as testas se tocam e as duas se encaram em silêncio. Jules diz para Rue: *“I hate everyone else in the world, but you”*⁴⁰. Rue, então, em um ato corajoso, beija Jules; porém, logo após isso, ela pede desculpas e sai da casa da amiga, deixando-a sem reação.

As garotas protagonizam um beijo tímido, mas que demonstra um sentimento que cresceu ao longo do tempo em que passaram juntas. Além disso, é possível perceber que, apesar de nenhuma das duas verbalizarem que existe algo entre elas, o que sentem é recíproco e de grande intensidade.

⁴⁰ Eu odeio todo mundo nesse mundo, menos você. (Tradução livre).

Figura 95 – Rue chorando



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 96 – Jules sentada na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 97 – Jules abraçando Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 98 – Jules apoiando o queixo em Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 99 – Jules olha e sorri para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 100 – Jules segura o cabelo de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 101 – Rue encosta a sua testa na de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 102 – As garotas se olham



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 103 – Rue beija Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 104 – Rue se afasta rapidamente



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

A partir da análise desses três primeiros episódios, podemos entender que o relacionamento se construiu progressivamente, mas que, desde o primeiro contato das garotas, um sentimento de interesse surgiu, indo em direção, portanto, do primeiro beijo e das declarações verbais de que existia um sentimento mútuo. Antes de Rue e Jules, podemos elencar referências de casais de mulheres na história da ficção que contribuíram para o surgimento dessa história, como Christina e sua dama de companhia em *A rainha Christina* (1933), Miriam Blaylock e Dra. Sarah Roberts em *Fome de viver* (1983), Thelma e Louise em *Thelma & Louise* (1991), Luce e Rachel em *Imagine eu e você* (2005) e diversas outras referências cinematográficas.

De acordo com Agostini (2020), temos a formação de uma figura de lesbianidade, porém, diferentemente dos casais que já foram retratados no cinema, em que o relacionamento e a sexualidade eram velados, temos, em *Euphoria*, essas questões expostas, mas sem estarem como centro na trama, pois existem outros assuntos ao longo dos episódios que se tornam muito mais relevantes, como o vício em drogas, os problemas de relacionamento amorosos e familiares, entre outros.

No episódio quatro, destacamos as cenas finais, em que Jules e Rue dormem juntas. Na noite anterior, ambas vão para um parque de diversão, onde acontece um festival de comidas. Ao fim do festival, Jules vai até uma praça próxima para encontrar o rapaz com quem conversava em um aplicativo de relacionamento gay. Ela descobre que estava conversando com Nate o tempo todo. Depois de ter uma discussão com o rapaz, Jules decide não voltar para casa e bate na janela do quarto de Rue, perguntando se poderia passar a noite com ela. A garota concorda e a ajuda a entrar pela janela. Nessa parte, é possível perceber um sentimento de cumplicidade e de ajuda mútua entre as garotas. Após Jules entrar no quarto, a cena não apresenta nenhuma música de fundo, apenas o som da garota tirando os sapatos e de Rue indo até o armário para pegar uma roupa. Enquanto Jules se troca, Rue pergunta se está tudo bem e como foi o encontro com o garoto, e ela responde que ele era um pouco diferente das fotos, com os olhos marejados e a voz embargada de choro. Rue, então, a abraça em um sinal de conforto e ambas se deitam na cama.

Figura 105 – Jules na janela de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 106 – Jules entrando no quarto de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 107 – Rue ajudando Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 108 – Jules passando pela janela



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 109 – Jules encara Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 110 – Rue abraça Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 111 – Jules abraça Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 112 – Rue segura Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Alguns segundos depois, Rue puxa o rosto de Jules e elas se entreolham. Rue faz carinho no cabelo de Jules e a beija na testa, perguntando se ela está realmente bem. Jules balança a cabeça de maneira negativa, e a cena corta para um plano rotatório, com uma música instrumental de fundo. Vemos diversos momentos das garotas juntas, que aconteceram durante os episódios anteriores, até que, em uma das voltas, podemos ver as duas dando um beijo caloroso e carinhoso.

Figura 113 – Jules se deita com Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 114 – Jules se aconchega em Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 115 – Rue acarinha o rosto de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 116 – Rue puxa Jules para perto



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 117 – Rue abraça Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 118 – Rue segura o rosto de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 119 – Jules abraça Rue (1)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 120 – Jules abraça Rue (2)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 121 – Rue se aproxima de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 122 – Rue acaricia o cabelo de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 123 – Rue encara Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 124 – Rue acaricia o cabelo de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 125 – Jules apoia a mão no armário



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 126 – Jules olha sorrindo para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 127 – Jules e Rue riem juntas (1)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 128 – Jules e Rue riem juntas (2)



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 129 – Jules pega no rosto de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 130 – Jules beija Rue



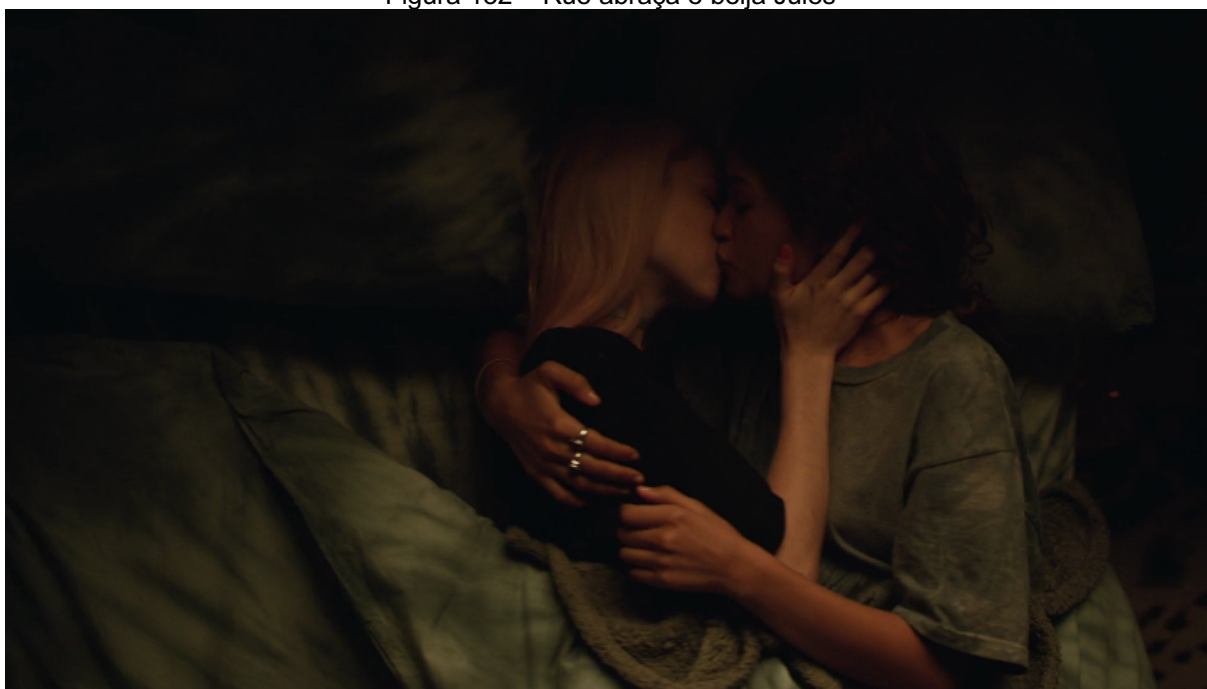
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 131 – As garotas se beijam



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 132 – Rue abraça e beija Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

No sexto episódio, a partir do minuto 05:07, as garotas estão prontas para ir a uma festa fantasia. Rue vai até a casa de Jules para buscá-la. Jules, então, abre a porta, com uma feição que não demonstra muita alegria em estar indo à festa. Rue a olha e elogia a sua roupa, dizendo “*Wow, you look fucking amazing*”⁴¹. Jules não se sente muito animada com a fantasia, pois não acha que ela está tão bonita quanto Rue disse, mas agradece o elogio. Rue se aproxima da garota, tentando beijá-la, porém Jules recua e desce os degraus que vão até a rua de sua casa.

⁴¹ Uau, você está incrível para cacete. (Tradução livre).

Figura 133 – Jules abre a porta para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 134 – Jules olha para baixo



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 135 – Rue olha encantada para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 136 – Rue olha para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 137 – Rue tenta beijar Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 138 – Jules se afasta



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 139 – Rue olha para frente



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 140 – Rue olha para Jules

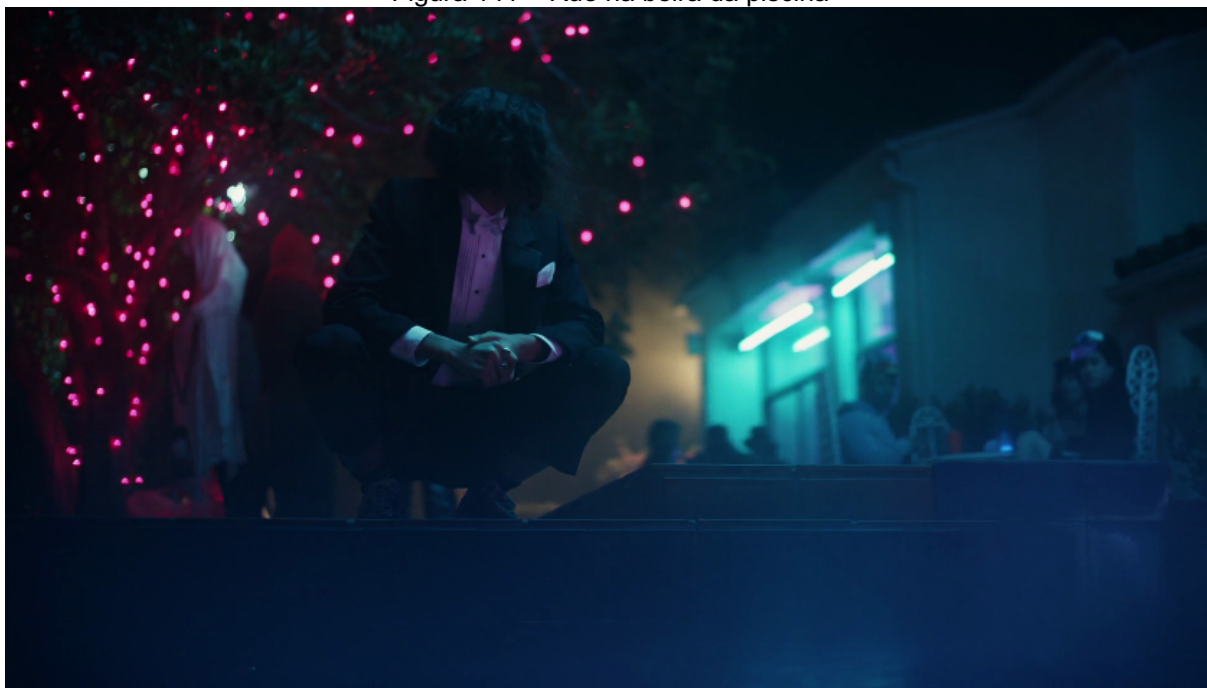


Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

A partir do minuto 30:01, depois de Jules ter ingerido bebidas alcoólicas na festa, Rue vai ao seu encontro na piscina da casa. Rue percebe que a amiga está bêbada e tenta a convencer a sair, mas a garota não dá ouvidos e continua na água,

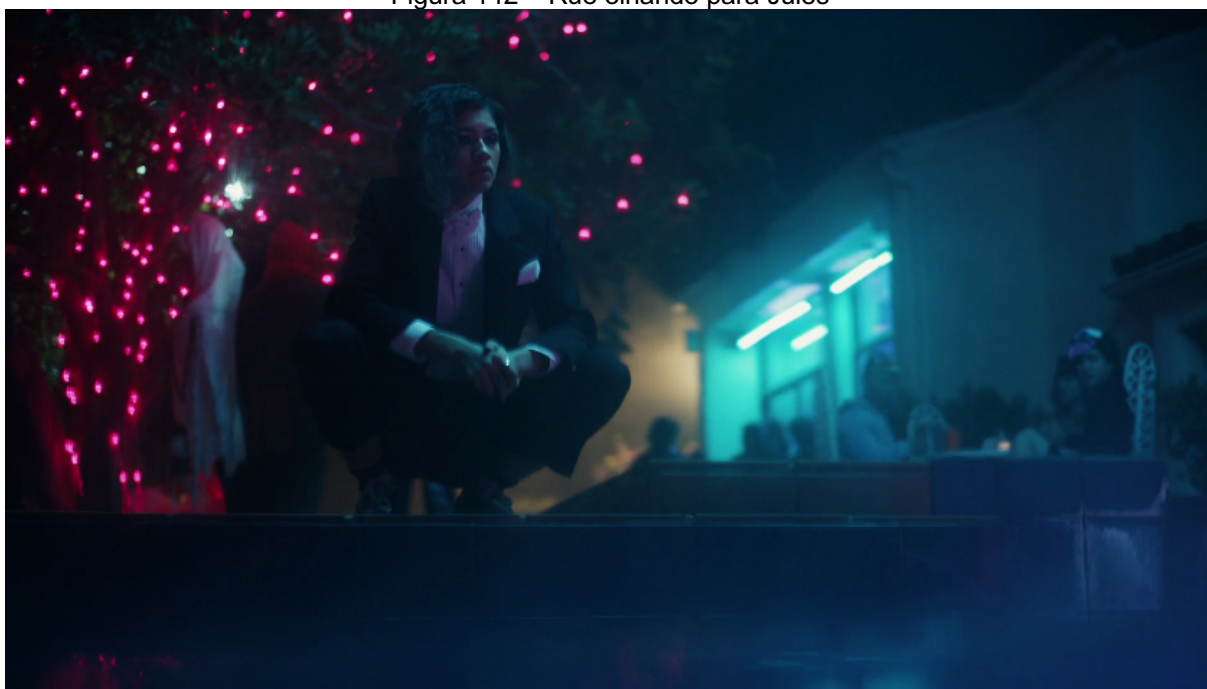
até que ela puxa Rue para a piscina e elas protagonizam um beijo. Porém, enquanto Jules parece estar se divertindo, Rue não se sente muito agradável com a situação e sai da piscina rapidamente em direção ao banheiro.

Figura 141 – Rue na beira da piscina



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 142 – Rue olhando para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 143 – Jules na piscina



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 144 – Jules olhando e sorrindo para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 145 – Rue tenta tirar Jules da piscina



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 146 – Rue convence Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 147 – Rue pega nas mãos de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 148 – Jules puxa Rue para a piscina



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 149 – Jules pega no rosto de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 150 – Jules puxa Rue para perto



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 151 – Jules beija Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 152 – O beijo segue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

No episódio sete, Rue enfrenta um momento de depressão, e a vemos no quarto, durante boa parte do episódio, deitada na cama, assistindo a um tipo de *reality show*. Em um momento de divagação, a partir do minuto 33:27, a garota se lembra de momentos em que passou com Jules. Nesses *flashes* de memórias, podemos ver as duas juntas, rindo, divertindo-se e trocando carícias.

Figura 153 – Rue e Jules deitadas



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 154 – Rue e Jules se divertem



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Além disso, um monólogo intenso de Rue acompanha as imagens, com um som de piano ao fundo. As palavras da garota seguem da seguinte maneira: *“Suddenly, you find your whole days blending together to create one endless suffocation loop. So you find yourself trying to remember the things that made you happy”*⁴². Depois dessa última frase, vemos a câmera deslizar a imagem para cima, como se Rue estivesse olhando para as próprias lembranças, mostrando Jules e ela aproveitando momentos juntas.

Ainda, nesse episódio, a partir do minuto 50:52, podemos ver Jules em uma festa. Um tempo antes, a garota embarcou em um trem para encontrar um antigo amigo, para que fossem juntos a essa festa. Na casa desse amigo, Jules conhece uma garota, a qual se prontifica a fazer sua maquiagem para o evento. Já na festa, depois de algumas bebidas e do uso de algumas drogas, podemos ver que Jules começa a delirar e a enxergar Nate. Os dois têm uma breve conversa e começam a se beijar, porém percebemos que as cenas começam a se alternar entre Nate e uma outra garota que Jules conheceu momentos antes. Vemos ambas tendo relações sexuais e, depois, temos um corte de cena para um momento de Jules e Rue juntas.

⁴² De repente você percebe que todos os dias se mesclam para criar um *loop* infinito e sufocante. Então, você se encontra tentando lembrar das coisas que te faziam feliz. (Tradução livre).

Rue passa uma das mãos pelo cabelo de Jules e diz as seguintes frases: “*You know this isn’t gonna end well*”⁴³. Em seguida, Rue dá um beijo na testa de Jules. Enquanto isso, Jules segura a mão de Rue, que está, inclusive, no rosto de Jules, e podemos ver uma expressão de tristeza na garota, que aparenta estar quase chorando.

As cores que compõem essas cenas são importantes e expressam certos sentimentos: quando vemos Jules na festa, podemos perceber cores mais vibrantes e fortes, expressando momentos de alegria. Já quando ela está com Rue, percebemos cores mais frias, mostrando momentos de tensão, tristeza e preocupação.

Figura 155 – Jules sentindo prazer



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

⁴³ Você sabe que isso não vai acabar bem. (Tradução livre).

Figura 156 – Jules virando na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 157 – Rue com a mão no rosto de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 158 – Rue acariciando Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 159 – Jules segura a mão de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 160 – Rue segura o rosto de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 161 – Jules aperta a mão de Rue



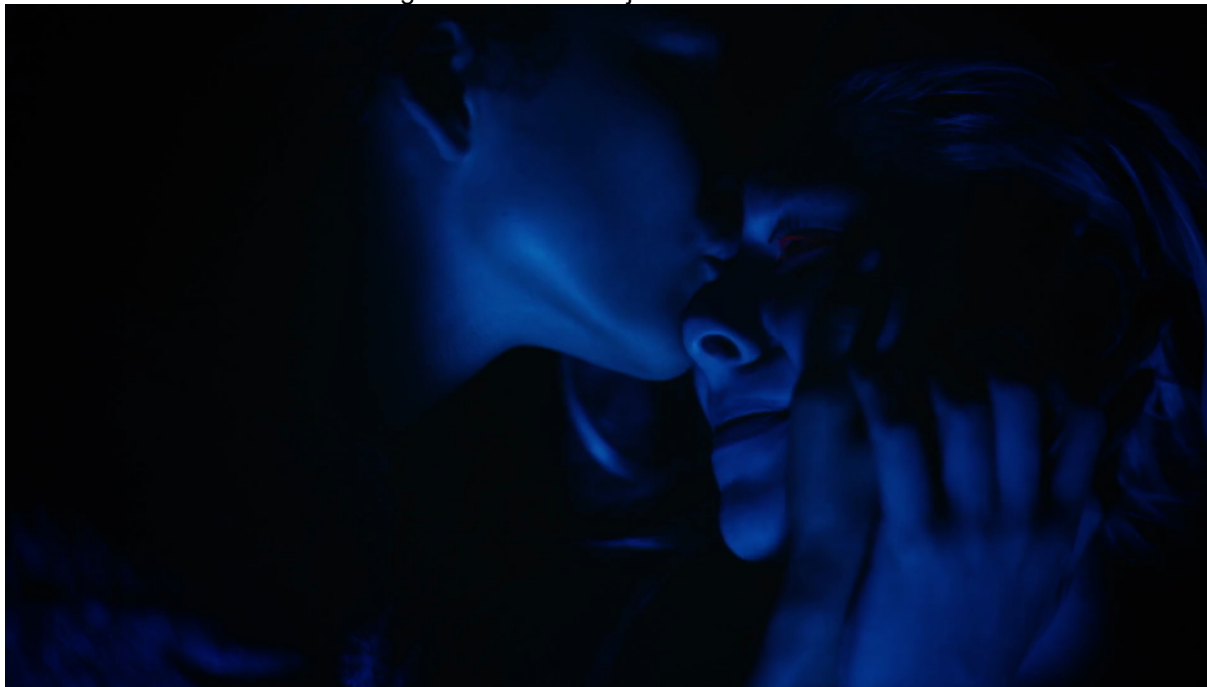
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 162 – Rue aproxima o seu rosto do de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 163 – Rue beija a testa de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 164 – Rue termina o beijo



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 165 – Rue encosta a sua testa na de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 166 – As garotas se acariciam



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

No início do episódio oito, a partir do minuto 03:08, vemos Rue em uma cama de hospital, após ter enfrentado fortes dores por conta de uma infecção urinária. A garota diz que Jules foi visitá-la, e podemos ver as duas deitadas na cama do hospital. Assim que nos deparamos com essa cena, percebemos como a cor do ambiente se altera: vai de um azul frio e escuro para um laranja avermelhado que ilumina as duas, fazendo com a cena pareça mais quente e aconchegante, além de ser um momento íntimo das duas. O seguinte diálogo completa esse momento:

Jules: Did all this happen because I left?⁴⁴

Rue: No.⁴⁵

Jules: You promise?⁴⁶

Rue: Yeah, I promise. I've felt like this my whole life, Jules. Not all the time, but sometimes. You make it better, though.⁴⁷

(Transcrição do áudio).

Depois dessa última frase, Rue se aproxima e encosta o seu nariz no de Jules, em um gesto de carinho.

⁴⁴ Isso tudo aconteceu por que eu fui embora? (Tradução livre).

⁴⁵ Não. (Tradução livre).

⁴⁶ Você promete? (Tradução livre).

⁴⁷ Sim, eu prometo. Eu já me senti assim durante a minha vida toda, Jules. Não o tempo todo, mas às vezes. Você deixa as coisas melhores. (Tradução livre).

Figura 167 – Rue em uma cama de hospital



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 168 – Rue pensativa



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 169 – Jules deitada com Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 170 – Jules encarando Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 171 – Rue encarando Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 172 – As garotas conversam



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 173 – Rue encosta o nariz no de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 174 – Rue continua o carinho



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Nas cenas seguintes, a partir do minuto 04:04, vemos as garotas no quarto de Jules, provando algumas peças de roupa. Jules, sentada em sua cama e segurando os joelhos com os braços, encara Rue, que está na sua frente, provando um vestido

rosa, colado ao corpo e que a deixa desconfortável. Jules se levanta e vai até Rue. Ela segura o rosto da companheira, enquanto explica o porquê de ela estar linda no vestido, dizendo que ela devia se vestir menos com roupas largas e agasalhos.

Figura 175 – Jules sentada na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 176 – Jules olhando para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 177 – Rue parada de frente para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 178 – Rue encarando Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 179 – Jules se levanta



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 180 – Jules vai até Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 181 – Jules pega no rosto de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 182 – Jules segura no rosto de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Após isso, a cena corta, focando uma paleta de maquiagem, e vemos, então, as garotas na cama. Jules conta do seu fim de semana para Rue, enquanto a maquia.

Podemos ver que as meninas ficam confortáveis quando estão perto uma da outra. Jules conta sobre uma garota que conheceu na festa, e o seguinte diálogo segue:

Jules: And, oh, my God. Rue... you would die for Anna.⁴⁸

Rue: Who's Anna?⁴⁹

Jules: She's just, like, next level. I don't know.⁵⁰

(Transcrição do áudio).

Antes de Jules ter comentado sobre a garota com quem esteve na festa, podemos ver que as mãos de Rue seguram as pernas de Jules. O diálogo se desenrola da seguinte maneira:

Rue: Did you guys, like, hook up or something?⁵¹

Jules: Yeah. It was kind of crazy. We went to the club, and the energy was, like, crazy in there. It, like, matched hers, and then I was feelin' it. And she just, like, grabbed me and sort of like, pushed me down, and like, kissed me. And... she fuckin' bite me.⁵²

(Transcrição do áudio).

Assim que Jules profere essas palavras, dizendo que havia beijado outra garota, vemos uma das mãos de Rue se fechando em um punho e se afastando da perna de Jules.

⁴⁸ E, meu deus, Rue, você ia ficar louca pela Anna. (Tradução livre).

⁴⁹ Quem é Anna? (Tradução livre).

⁵⁰ Ela é de outro nível, sei lá. (Tradução livre).

⁵¹ Vocês ficaram ou alguma coisa assim?

⁵² Sim. Quer dizer, foi muito louco. Nós fomos para uma balada, e a energia lá era doida. A minha energia casou com a dela e eu estava curtindo. E aí ela me agarrou e meio que me empurrou e me beijou. E.. Ela me mordeu. (Tradução livre).

Figura 183 – Paleta de maquiagem



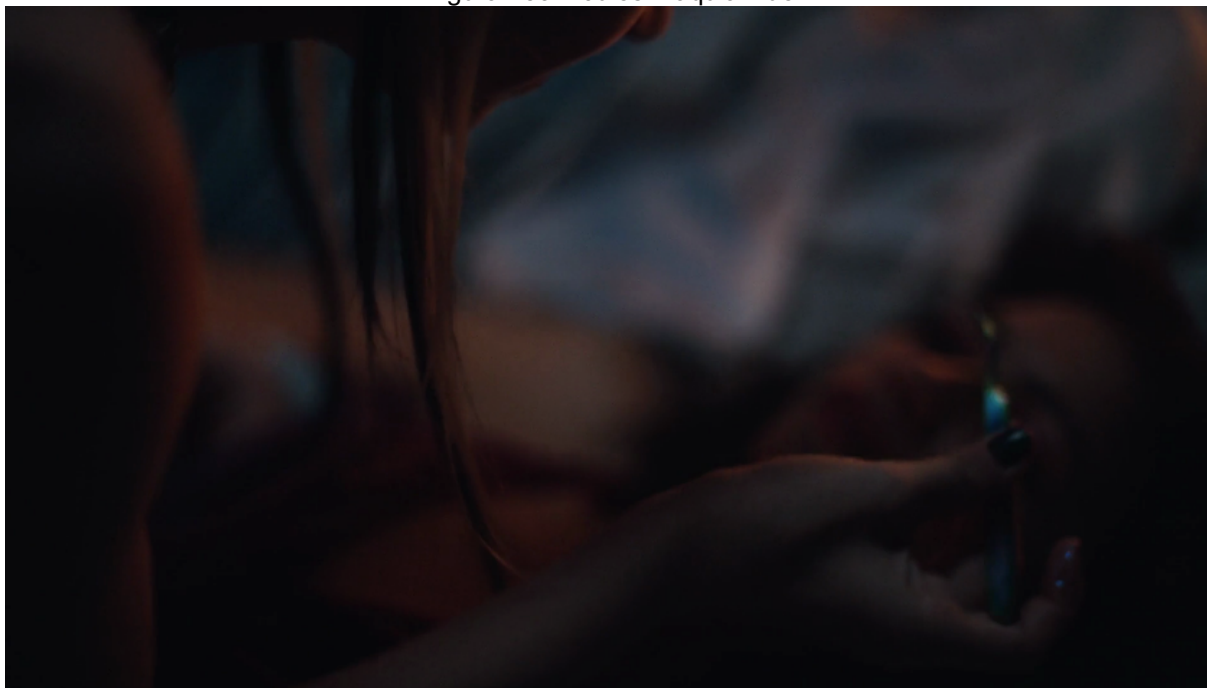
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 184 – Jules na cama



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 185 – Jules maquia Rue



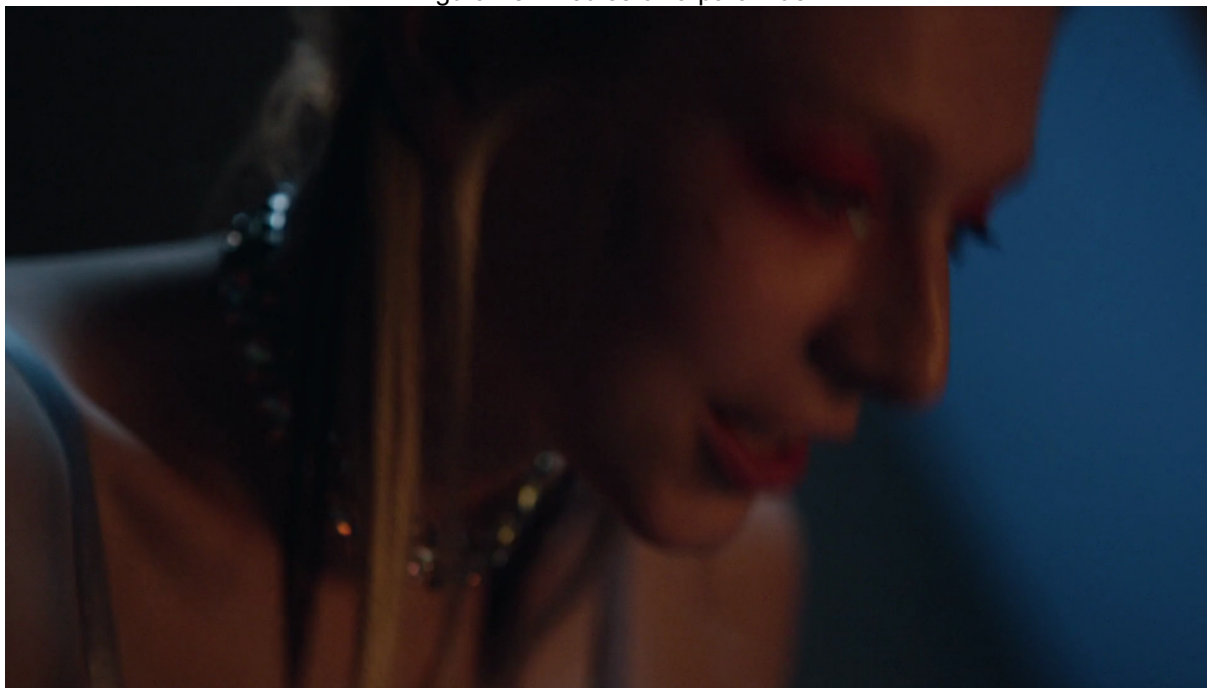
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 186 – Jules coloca sombra em Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 187 – Jules olha para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 188 – Jules continua a conversa



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 189 – Rue sorri para Jules



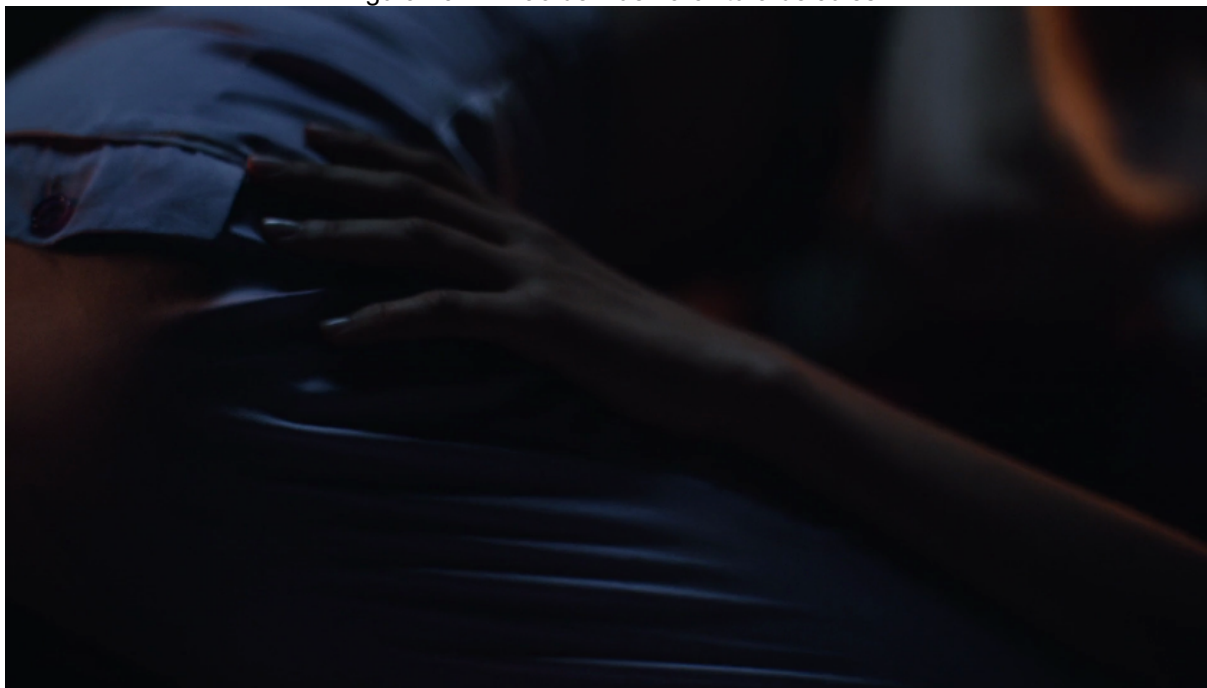
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 190 – Rue encara Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 191 – Mão de Rue na cintura de Jules



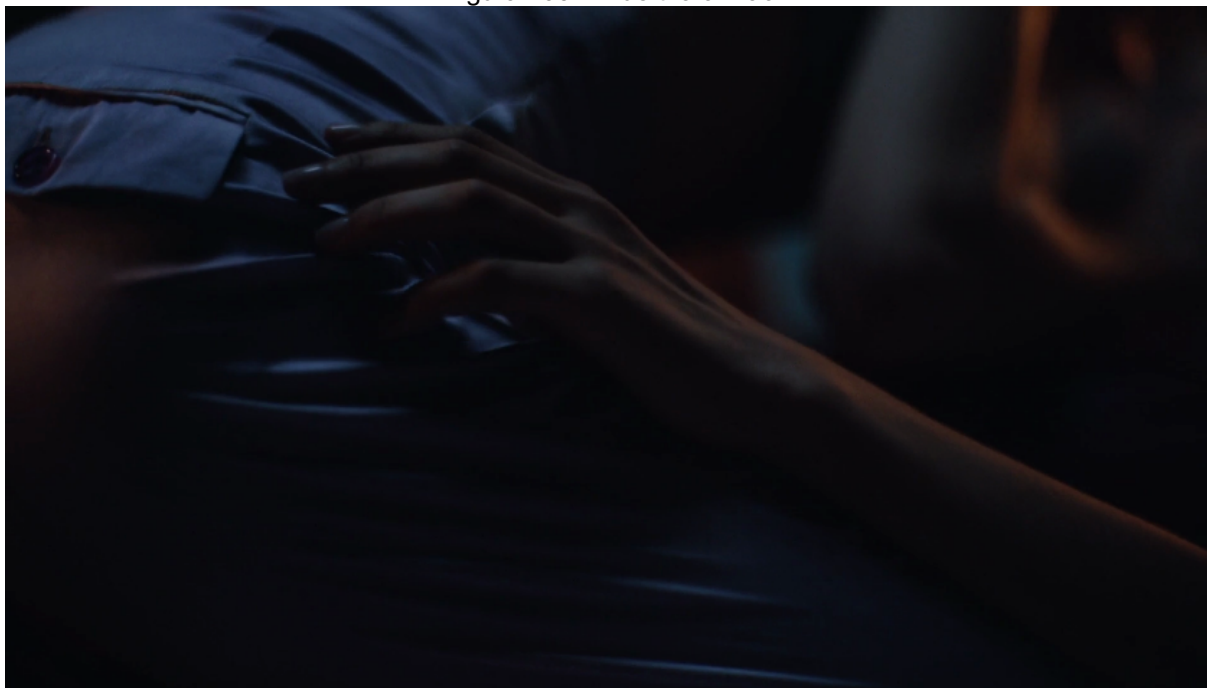
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 192 – Rue afasta a mão devagar



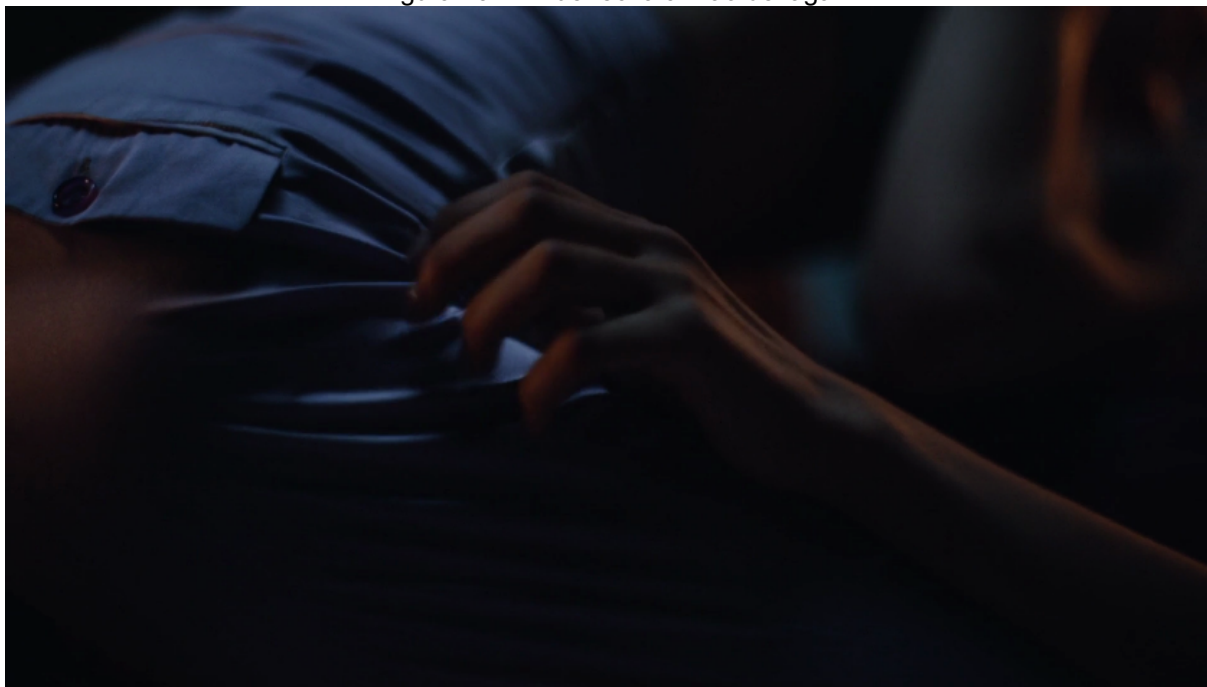
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 193 – Rue tira a mão



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 194 – Rue fecha a mão devagar

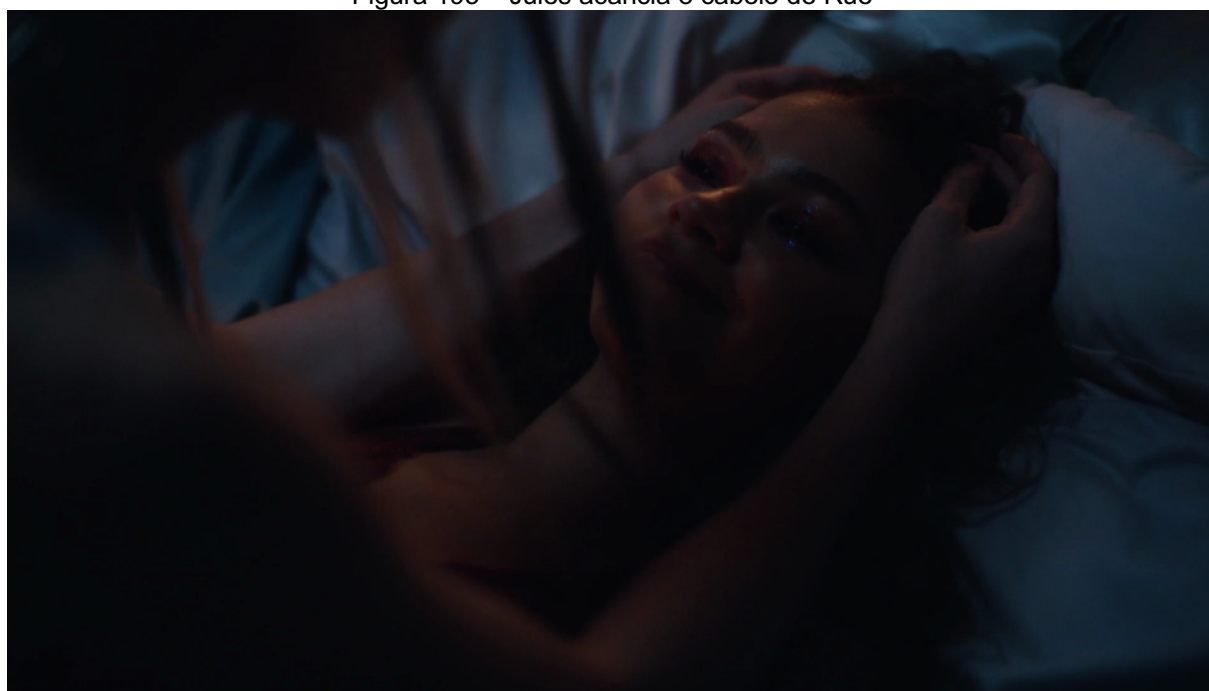


Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Continuando a cena, as garotas seguem conversando; Rue questiona se Jules havia gostado da noite que passou com Ana. No minuto 06:28, Jules diz que terminou a maquiagem que estava fazendo na companheira e, enquanto isso, ela faz carinho

no cabelo de Rue. Logo após, Jules diz que sentiu a falta de Rue e dá um abraço caloroso na garota. Na próxima cena, as garotas se encontram de pé em frente a um espelho. Jules abraça Rue por trás, cruzando os braços em sua cintura e apoiando o queixo em seu ombro, e diz à garota que ela está linda. Rue inclina a cabeça para trás, de maneira que seus rostos se encostam rapidamente; ela agradece e retribui o elogio.

Figura 195 – Jules acaricia o cabelo de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 196 – Jules acarinha Rue



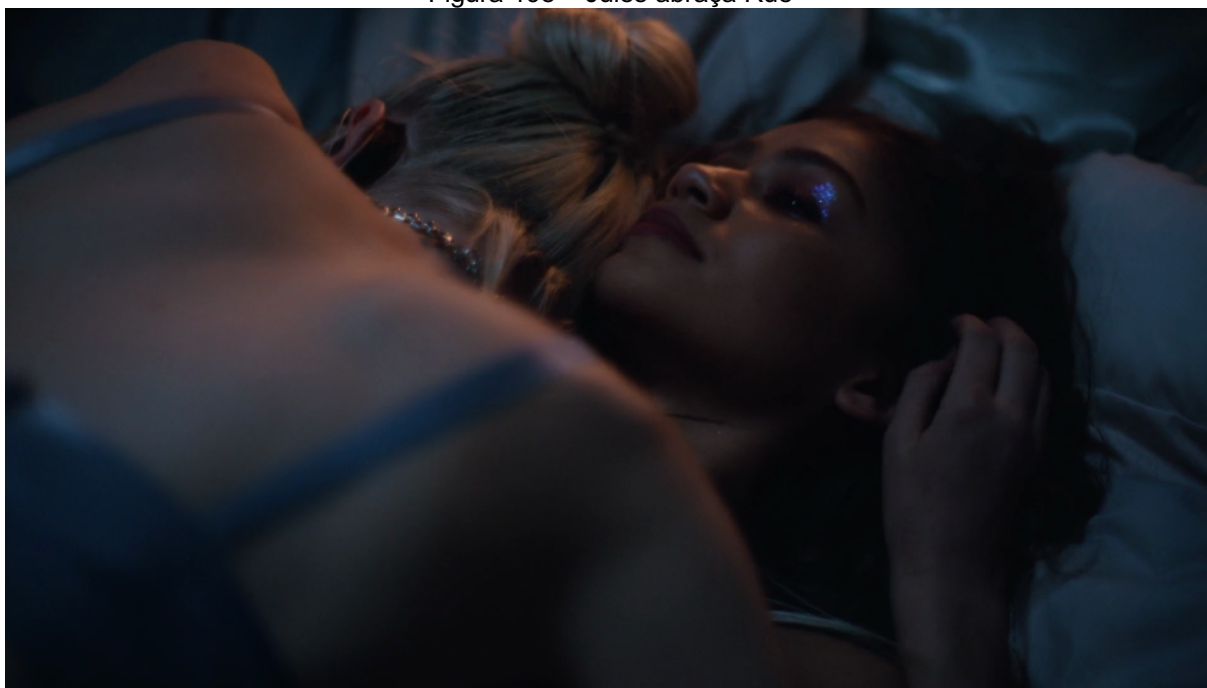
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 197 – Jules se aproxima



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 198 – Jules abraça Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 199 – Rue e Jules se olham no espelho



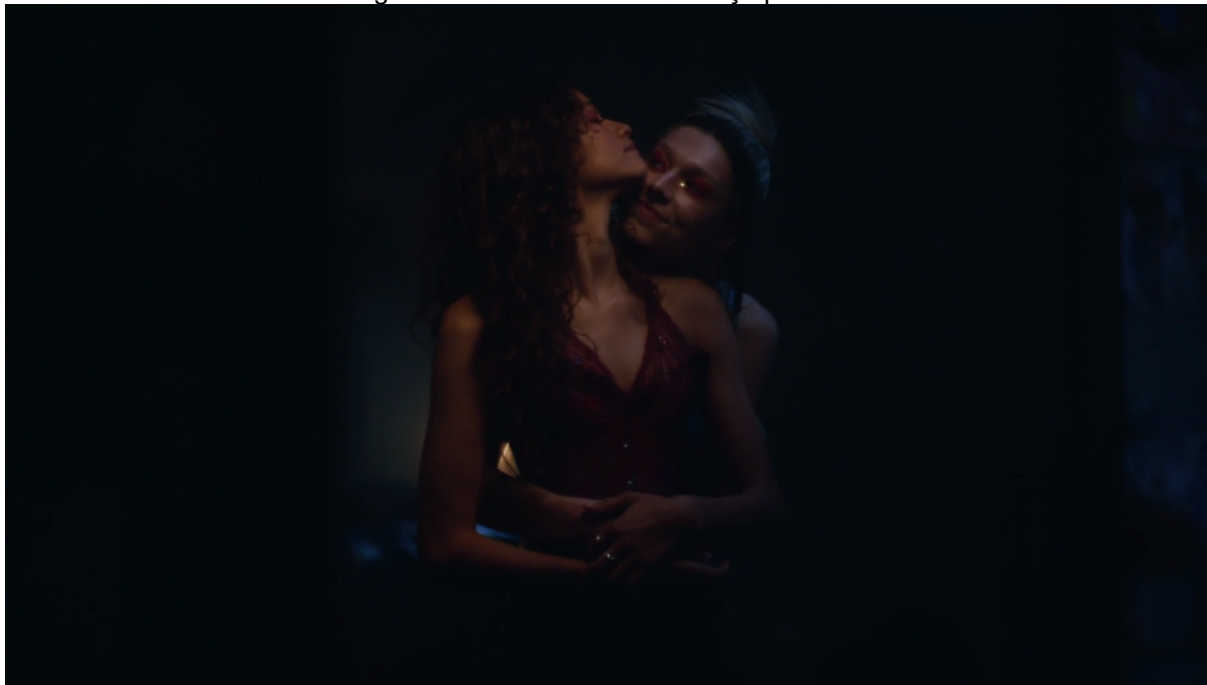
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 200 – Jules abraça Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 201 – Rue inclina a cabeça para trás



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 202 – Jules cheira o pescoço de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

A partir disso, podemos observar como a imagem de lesbianidade, citada por Agostini (2020), mostra-se mais estruturada no último episódio da primeira temporada. Cenas de beijos e trocas de carinho, planos-detelhes nos toques nos corpos, entre outras cenas, agora se tornam possíveis – elementos que não eram possíveis nas primeiras produções e, na maioria das vezes, eram velados e escondidos.

No mesmo episódio, depois do minuto 22:32, temos uma outra cena emblemática. As garotas foram à festa de formatura do colégio, acompanhadas de suas outras amigas. Certa hora, Rue se levanta da mesa em que estava para procurar Jules, que havia ido ao banheiro. Ela bate na porta da cabine, Jules abre a porta e ela entra. Nesse primeiro momento, vemos as duas em um plano de cima e com uma cor azul escura predominante. Logo após, a câmera retorna para um plano em que conseguimos ver as duas de perfil. As duas se olham dentro do espaço reduzido enquanto conversam e riem. O seguinte diálogo acontece:

Jules: I like the way I dressed you, but I'm worried I fucked with your gender expression.⁵³

Rue: Thank you? I feel a little stupid, so...⁵⁴

⁵³ Eu gostei do jeito que te vesti, mas estou preocupada que eu fodi com a sua expressão de gênero. (Tradução livre).

⁵⁴ Obrigada? Eu me sinto meio estúpida... (Tradução livre).

Jules: Can I ask you a question?⁵⁵
 Rue: Yeah.⁵⁶
 Jules: Why don't you kiss me?⁵⁷
 Rue: I kiss you.⁵⁸
 Jules: No. Why don't you, like, kiss-kiss me?⁵⁹
 Rue: Um, I mean, did you want me to, like, kiss-kiss you?⁶⁰
 Jules: I want you... to wanna kiss me so bad that you don't even ask.⁶¹
 (Transcrição do áudio).

Após a última fala, Jules se aproxima de Rue, porém a garota hesita e acaba não beijando a companheira, que diz para as duas irem dançar. As garotas, então, saem da cabine de mão dadas em direção ao salão de festa.

Figura 203 – Rue entra no banheiro



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

⁵⁵ Posso te fazer uma pergunta? (Tradução livre).

⁵⁶ Claro. (Tradução livre).

⁵⁷ Por que você não me beija? (Tradução livre).

⁵⁸ Eu te beijo. (Tradução livre).

⁵⁹ Não. Por que você não me beija de verdade? (Tradução livre).

⁶⁰ Hm... você quer que eu te beije de verdade? (Tradução livre).

⁶¹ Eu quero... eu quero que você queira tanto me beijar que não tenha nem que perguntar. (Tradução livre).

Figura 204 – Rue se aproxima de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 205 – Rue fecha a porta



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 206 – Rue tranca a porta



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 207 – As garotas se encaram



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 208 – As garotas riem



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 209 – Jules sorri para Rue



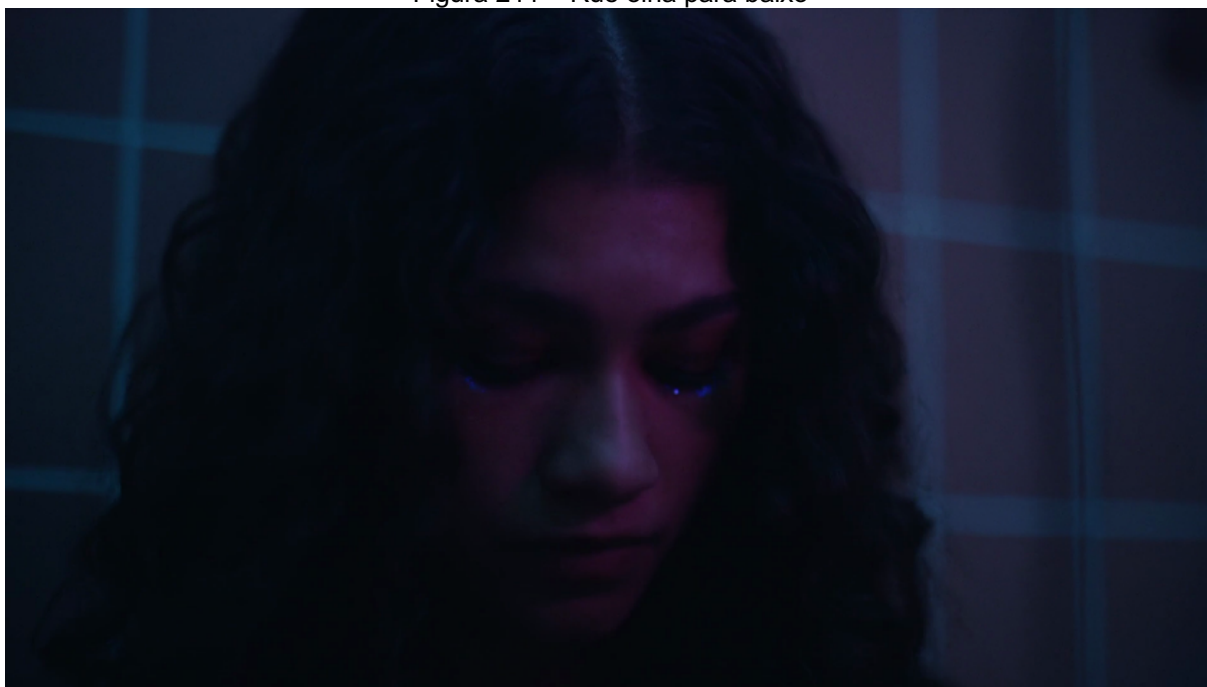
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 210 – Jules olha para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 211 – Rue olha para baixo



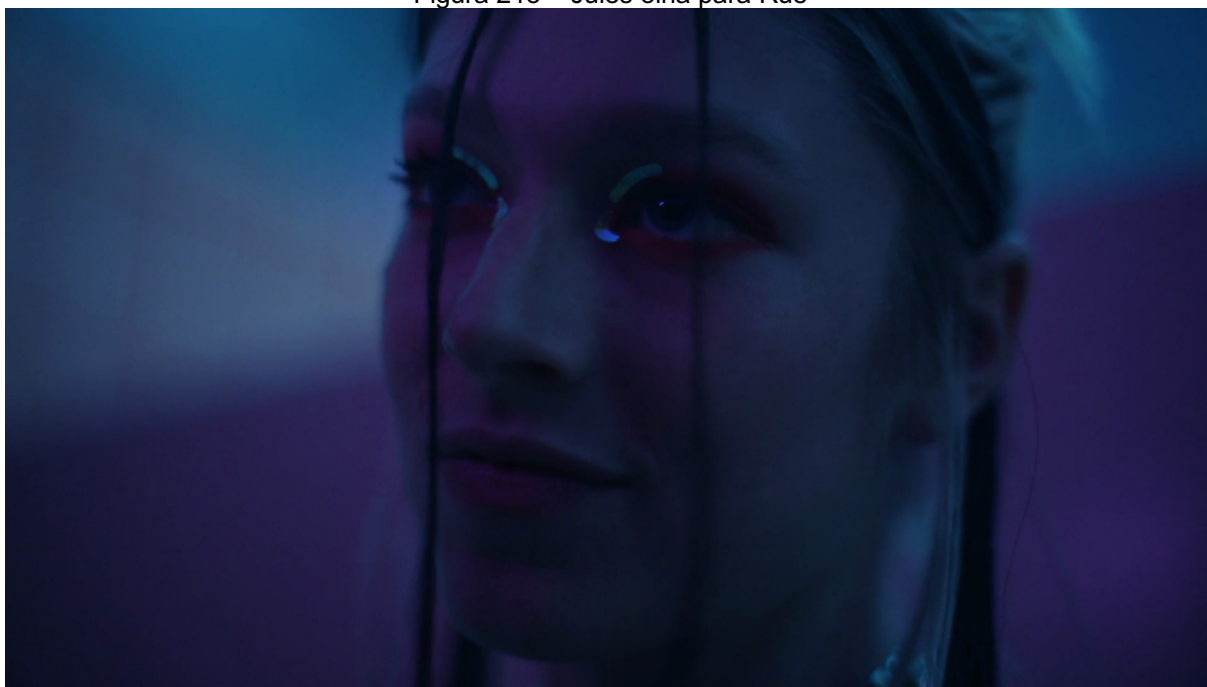
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 212 – Rue volta a olhar para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 213 – Jules olha para Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 214 – Jules encara Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

No minuto 38:52, Rue está sentada em uma escada do lado de fora da festa. Jules vai em sua direção e se senta ao seu lado. Logo após, Jules coloca uma parte do cabelo de Rue atrás de sua orelha, podendo ver o rosto da companheira melhor. O seguinte diálogo ocorre:

Jules: What?⁶²

Rue: I fuckin' hate this town.⁶³

Jules: If I could, I'd burn it to the fucking ground.⁶⁴

Rue: And salt the earth behind you. Jules, are you in love with Anna?⁶⁵

Jules: Yeah.⁶⁶

Rue: Are you, um... Are you in love with me?⁶⁷

Jules: Yeah.⁶⁸

(Transcrição do áudio).

⁶² O que? (Tradução livre).

⁶³ Eu odeio pra cacete essa cidade. (Tradução livre).

⁶⁴ Se eu pudesse, eu teria colocado fogo em tudo. (Tradução livre).

⁶⁵ Depois salgue essa terra. Jules, você está apaixonada pela Anna? (Tradução livre).

⁶⁶ Sim. (Tradução livre).

⁶⁷ Você está... apaixonada por mim? (Tradução livre).

⁶⁸ Estou. (Tradução livre).

Figura 215 – As garotas sentadas na escada



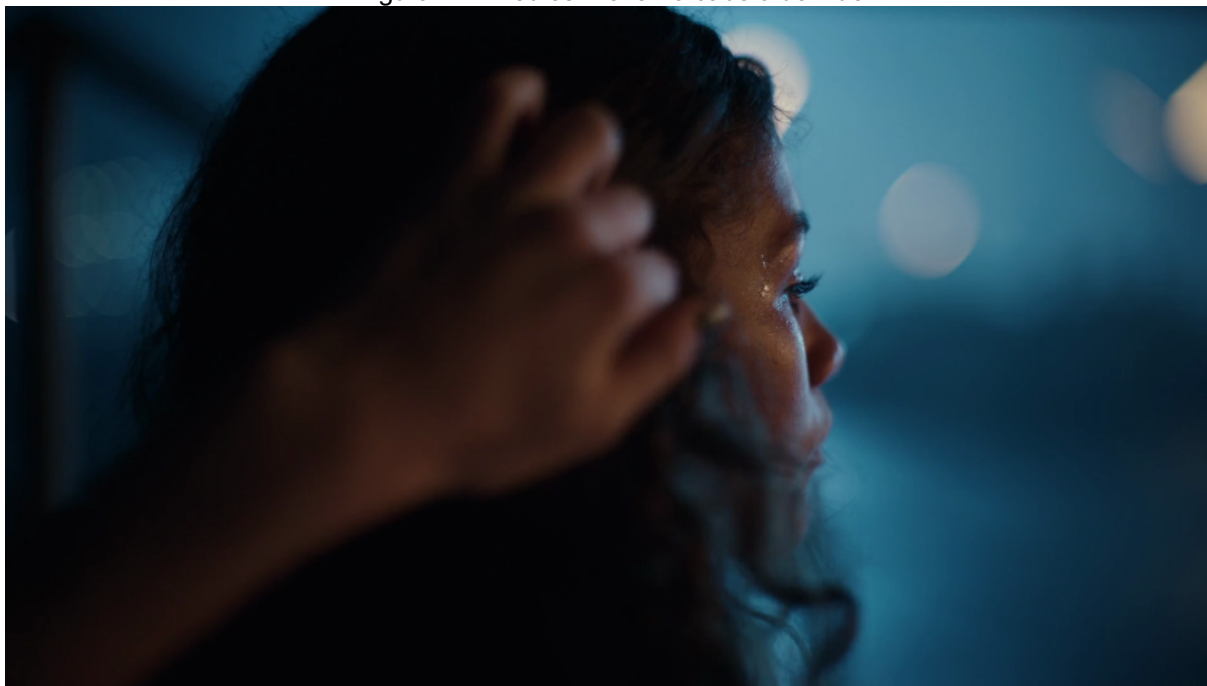
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 216 – Jules levanta o braço



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 217 – Jules mexe no cabelo de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 218 – Jules acarinha o cabelo de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Após Rue descobrir sobre os verdadeiros sentimentos de Jules sobre ela e a outra garota, a partir do minuto 41:44, ela indaga Jules sobre sair da cidade, seguindo este diálogo:

Rue: What if we just fucking left? Like, um, what if we just. We just fucking left this dance, we went home, grabbed a bunch of our shit. Just went to the city. What if we fucking left?⁶⁹
 Jules: That's fucking crazy.⁷⁰
 (Transcrição do áudio).

Depois da fala de Jules, Rue se inclina e dá um beijo caloroso na companheira, e a câmera sai de um plano aberto para um plano fechado, focando a primeira parte do beijo. Depois, em um movimento de 360 graus, a câmera gira, de modo a mostrar os detalhes da interação amorosa das personagens. Além disso, podemos entender essa cena como um momento para selar a fuga e a relação das garotas.

Figura 219 – Rue se aproxima de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

⁶⁹ E se a gente fosse embora, porra? Tipo, esse a gente só. Fosse embora da porra desse baile, fossemos para casa e pegássemos nossas merdas. E vamos para a cidade. E se a gente fosse embora? (Tradução livre).

⁷⁰ Isso é louco para cacete. (Tradução livre).

Figura 220 – Rue beija Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 221 – Rue segura o rosto de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 222 – O beijo continua



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 223 – Rue segura o pescoço de Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 224 – O beijo continua



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 225 – As garotas continuam o beijo



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 226 – Os lábios se afastam



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Já no minuto 50:55, vemos as garotas ainda com as roupas da festa, porém elas caminham de mãos dadas, segurando malas e indo em direção a uma estação de trem. Jules demonstra um ar de confiança e certeza do que está prestes a fazer, enquanto em Rue vemos um ar de assustada e hesitação. Rue diz para a companheira que a ideia não é boa e que está preocupada com a reação da mãe e da irmã. Jules tenta acalmá-la, dizendo que elas podem ligar para os familiares e avisar que está tudo bem. Ela sobe no trem, segurando a mão de Rue, e diz “*You’re good. C’mom*”⁷¹, no entanto a garota hesita mais uma vez, ficando do lado de fora do transporte. Rue encara Jules com os olhos cheios de lágrimas e, apenas com esse olhar, Jules entende que Rue não irá junto nessa aventura. Jules tenta convencê-la, pedindo por favor, beijando sua mão e dizendo que a ama. A partir desse ponto, a cena é cortada, e vemos a câmera fazer o movimento da saída do trem, enquanto assistimos Rue parada na plataforma, entendendo que Jules embarcou e que ela decidiu ficar.

Nas cenas seguintes, vemos uma retrospectiva dos momentos de Rue, desde o seu abuso com drogas até os momentos que ela passa com Jules, com trocas especiais, carícias e beijos, como se a garota recordasse os momentos ruins e bons pelos quais passou durante o ano.

⁷¹ Tá tudo bem. Vamos. (Tradução livre).

Figura 227 – Rue e Jules caminhando



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 228 – Jules segura a mão de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 229 – As garotas caminham até a estação



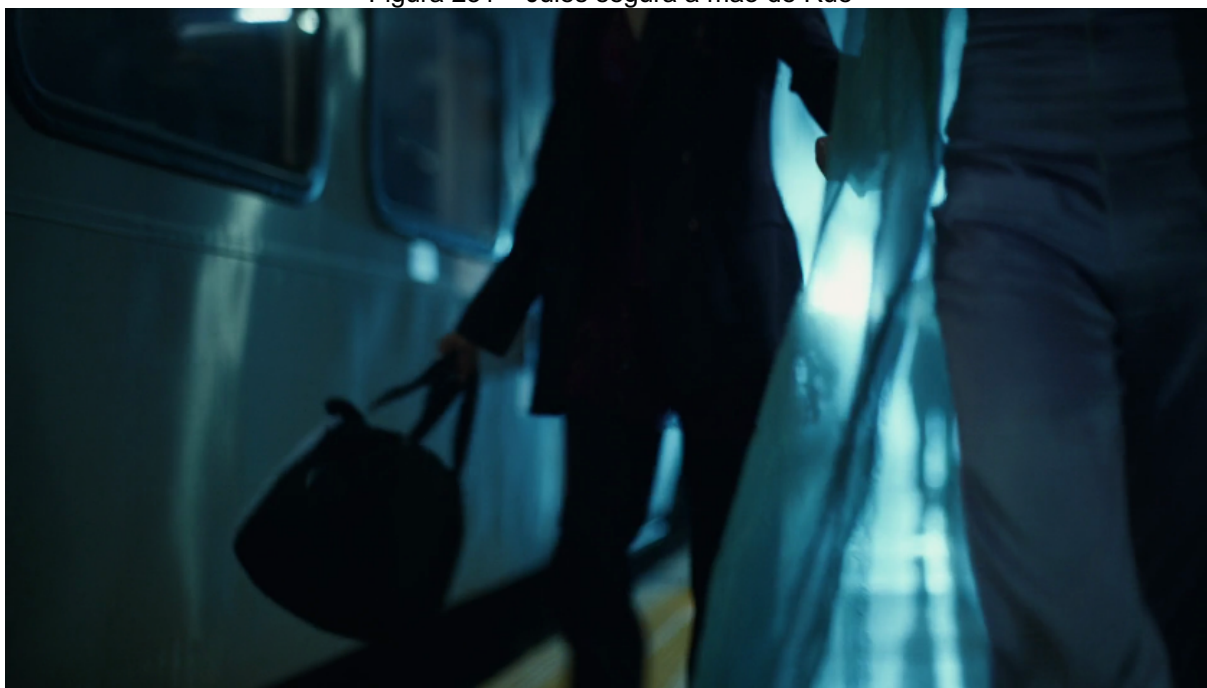
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 230 – As garotas continuam



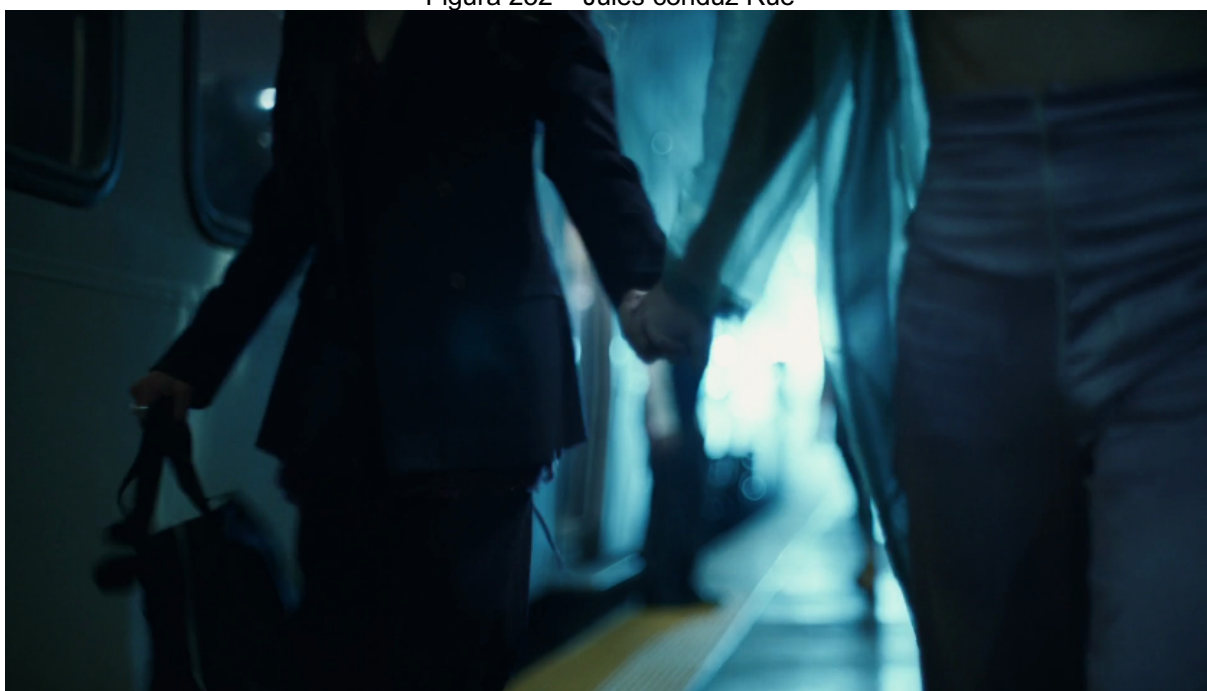
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 231 – Jules segura a mão de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 232 – Jules conduz Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 233 – Rue olha para o chão



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 234 – Rue olha insegura para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 235 – Jules caminha animada



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 236 – Rue recua no caminho



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 237 – Rue questiona Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 238 – Jules continua a caminhada



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 239 – Jules sobe no trem



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 240 – Jules espera por Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 241 – Rue fica do lado de fora



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 242 – Rue olha insegura para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 243 – Jules encara Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 244 – Jules espera uma resposta



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 245 – Rue desvia o olhar



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 246 – Rue olha chorando para Jules



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 247 – Jules segura a mão de Rue



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 248 – Jules beija a mão de Rue



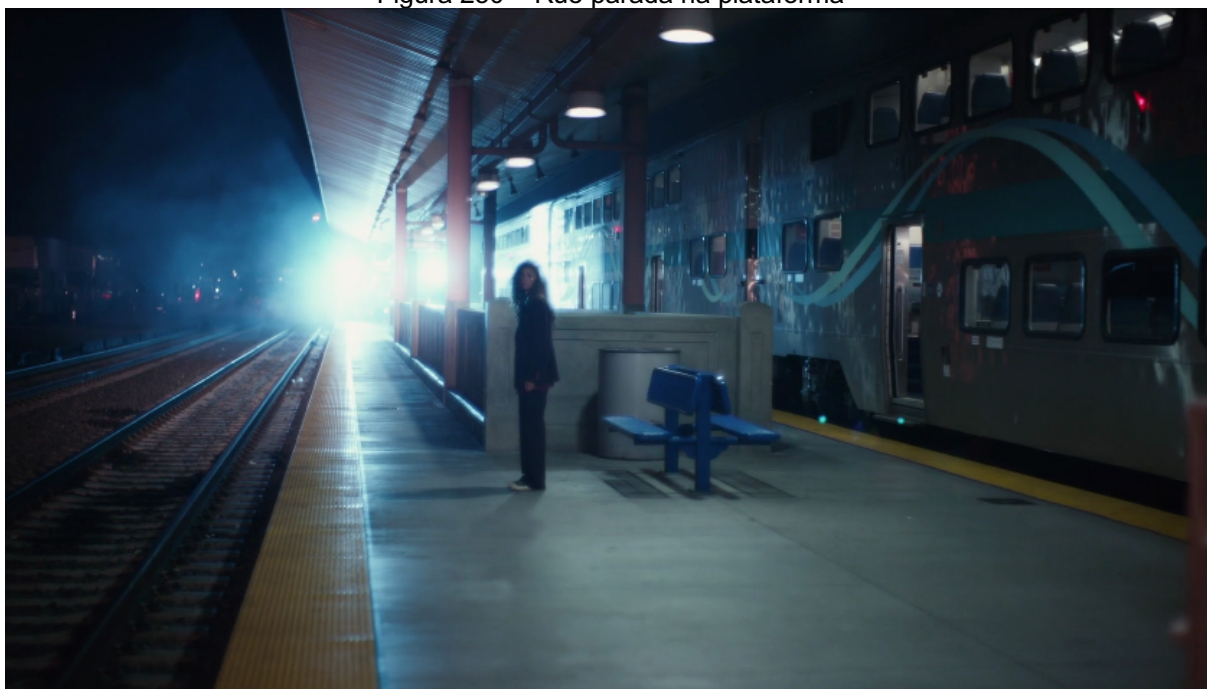
Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 249 – Rue observa o trem ir embora



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

Figura 250 – Rue parada na plataforma



Fonte: *Euphoria*. Direção de Sam Levinson. Estados Unidos: HBO, 2019. Captura de tela.

4 CONCLUSÃO

Desde a revolução de Stonewall, em 1969, a comunidade LGBTQIA+ ainda busca por sua representatividade e por seus direitos na sociedade atual, o que acontece nos âmbitos acadêmicos e das produções audiovisuais. Por conta disso, esta pesquisa se propôs a contribuir com uma produção para a área de estudos LGBTQIA+, além de analisar como um casal lésbico foi representado em uma série de ficção seriada.

Encontrando apoio nas teorias de gênero e sexualidade, foi abordada a questão do dispositivo de sexualidade teorizado por Foucault (1979), que determinou um modelo de controle de corpos na sociedade. Isso, alguns anos depois, viria a ser o binarismo, isto é, a forma de ditar comportamentos e ações das pessoas, tendo como referência apenas os sexos feminino e masculino.

Portanto, as teorias *queer* surgiram para quebrar esse padrão e explicitar que outros gêneros e sexualidades eram possíveis dentro da sociedade. Eve Kosofsky Sedgwick (1985) analisa as diferenças de sexo e de sexualidade como formas que influenciam a construção e a estruturação da sociedade, pois homens e mulheres buscam o poder de maneiras distintas.

Para tratar do sujeito transexual, Berenice Bento (2012) esclarece os questionamentos das definições do que seria um homem ou uma mulher “de verdade”, explicitando que esses gêneros são predeterminados antes de a criança vir ao mundo e se entender enquanto sujeito. Por isso, a transexualidade ultrapassa a barreira do corpo, encontrando possibilidades de construir novos significados para os gêneros.

Além disso, para complementar a análise dos episódios propostos, encontrou-se apoio na teoria de Adriana Agostini (2020) sobre a formação de imagens ficcionais lésbicas na televisão e no cinema. A lesbolândia, segundo a autora, são imagens de lesbianidade que foram sendo formadas ao longo da história da televisão e refletem, desse modo, uma comunidade que busca representação e direitos políticos e sociais.

Com isso, foi possível observar, ao longo dos episódios, como, aos poucos, a imagem ficcional lésbica do casal Rue e Jules se forma. Dessa maneira, notou-se que as garotas começaram a relação com o sentido de amizade – caso comum entre relacionamentos lésbicos na vida real e na vida fictícia – e que, após passarem por algumas situações juntas, viram que, na verdade, aquela amizade se transformaria em paixão.

Para que pudéssemos explicar o ponto de vista da televisão, encontramos apoio nas teorias de Arlindo Machado (2000), que mostra como a televisão desempenha um papel essencial nas representações da sociedade. Além disso, Kellner (1995) defende que a televisão tem parte importante na formação da identidade do indivíduo, já que os espectadores possuem certa fascinação pelas séries e desenvolvem comportamentos parecidos.

Com o objetivo de descrever e analisar as cenas de *Euphoria*, tomamos como base a teoria de David Bordwell (2008) e Jeremy G. Butler (2010), de forma que foi possível compreender como as câmeras foram posicionadas nas cenas em que encontramos Rue e Jules interagindo, as cores que transmitiam diferentes sentimentos, os diálogos e a sequência dos acontecimentos que levaram ao romance das garotas.

A partir disso, foi possível concluir que a representação do casal lésbico, contando com a observação e pesquisa de diferentes casais representados em outras séries e filmes, foi construída de maneira progressiva, mostrando, a cada episódio, como as situações pelas quais as jovens passavam juntas criavam uma identificação e laços entre elas e, assim, acendia-se uma paixão.

Além disso, como Rue é dependente química, foi possível observar que a sua relação com Jules é, também, de dependência, já que, em ocasiões em que Jules não estava presente e junto de Rue, a garota voltava para o uso dos entorpecentes.

Porém, notamos que a paixão e o amor que nasceram eram recíprocos e verdadeiros, mostrando, portanto, que a representação da comunidade LGBTQIA+ segue um caminho de prosperidade, pois não vemos uma relação dentro do armário nem que se mostra proibida. Na verdade, a relação de ambas as personagens e a transexualidade de Jules são postas como algo secundário e, conseqüentemente, natural, visto que o foco principal é mostrar como os adolescentes enfrentam seus problemas e como se relacionam.

REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer; SILVA, Rodolfo Sgorla da. História e Tecnologias da Televisão. **BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>. Acesso em: 31 maio 2021.

ADORNO, Theodor W. Television and the Mass Culture Patterns. **Quarterly of Film, Radio and Television**. University of California Press, v. 8, 1954.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo (SP): Editora Schwarcz; Companhia das Letras, 1999.

BORDWELL, David. **Figuras traçadas na luz**: encenação no cinema. Tradução: Maria Luiza Machado Jatobá. Campinas (SP): Papirus, 2008.

BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. In: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema**. São Paulo (SP): Senac, 2005, v. 2, p. 277-301.

BORDWELL, David. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Tradução de Luís Carlos Borges. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2013.

BUONANNO, Milly. Narrativas midiáticas no mundo contemporâneo. [Entrevista concedida a] Monica Martinez. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**, Sorocaba, SP, v. 2, n. 4, p. 200-216, dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/2107>. Acesso em: 15 janeiro 2022.

BUTLER, Jeremy G. **Television Style**. Nova Iorque (Estados Unidos): Routledge, 2010.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. Nova Iorque; Londres (Inglaterra): Routledge, 1999.

CÁDIMA, Francisco Rui. Proto e pós-televisão. Adorno, Bourdieu e os outros – ou na pista da “qualimetria”. **Revista de Comunicação e Linguagens**, v. 30, p. 157-166, 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Cadima-2/publication/328334484_Proto_e_pos-televisao_Adorno_Bourdieu_e_os_outros_-_ou_na_pista_da_qualimetria/links/5bc6f24892851cae21a8ac00/Proto-e-pos-televisao-Adorno-Bourdieu-e-os-outros-ou-na-pista-da-qualimetria.pdf. Acesso em: 31 maio 2021.

CASHMORE, Ellis. **E a televisão se fez!**. São Paulo (SP): Summus, 1998.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1997.

DE TILIO, Rafael. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **GÊNERO**, Niterói (RJ), v. 14, n. 2, p. 125-148,

2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31193>. Acesso em: 31 maio 2021.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo (SP): Perspectiva, 1973.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1979.

GAY, P. **Represálias selvagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro (RJ): Lamparina, 2019.

HERGESEL, João Paulo. **A telepoética nas produções do SBT**. Alumínio (SP): Jogo de Palavras; Votorantim (SP): Provocare Editora, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru (SP): EDUSC, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e Homofobia. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília (DF): Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p. 85-93.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo (SP): Editora Senac, 2000.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2001.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; SILVA, Miriam Cristina Carlos. Narrativas mediáticas. *In*: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 356-357.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between Men**: English Literature and Male Homosocial Desire. Nova Iorque (Estados Unidos): Columbia University Press, 1985.